



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS - CAHL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – CULTURA,  
DESIGUALDADES E DESENVOLVIMENTO**

**PROJETOS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES  
MASCULINAS DE JOVENS HOMENS NEGROS: uma  
etnografia numa escola pública da zona rural, no  
Recôncavo da Bahia.**

**Júlio Cesar Cerqueira Araújo**

**CACHOEIRA – BA  
2019**

**PROJETOS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES  
MASCULINAS DE JOVENS HOMENS NEGROS: uma etnografia  
numa escola pública da zona rural, no Recôncavo da Bahia.**

**Júlio Cesar Cerqueira Araújo**  
Graduado em Ciências Sociais  
Universidade Federal do Recôncavo Da Bahia, 2017

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como pré-requisito final para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

**Orientador:** Prof. Dr. Osmundo de Araújo Pinho  
**Coordenador:** Prof. Dr. Diogo Valença

**CACHOEIRA – BA  
2019**

---

A659      Araújo, Julio César Cerqueira  
              Projetos de vida e construção de identidades masculinas de  
              jovens homens negros: uma etnografia numa escola pública da zona  
              rural, no Recôncavo da Bahia. / Julio César Cerqueira Araújo.  
              Cachoeira, BA, 2019.  
              108f., il.

                  Orientador: Prof. Dr. Osmundo de Araújo Pinho

                  Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da  
                  Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Mestrado em Ciências  
                  Sociais.

                  1. Etnografia. 2. Negros – aspectos sociais. 3. Negros - Bahia. I.  
                  Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes,  
                  Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 305.8

---

Ficha elaborada pelo Núcleo de Apoio a Gestão das Bibliotecas - UFRB.  
Responsável pela Elaboração – Juliana Braga (*Bibliotecária – CRB-5 1396*)  
(os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)

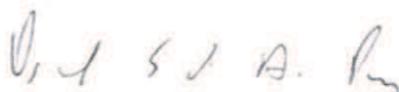
JÚLIO CESAR CERQUEIRA ARAÚJO

**PROJETOS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES MASCULINAS  
DE JOVENS HOMENS NEGROS: uma etnografia numa escola pública da  
zona rural, no Recôncavo da Bahia.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós  
Graduação em Ciências Sociais – Cultura, desigualdades e  
desenvolvimento PPGCS/CAHL da Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia, como pré-requisito final para obtenção do  
título de Mestre em Ciências Sociais.

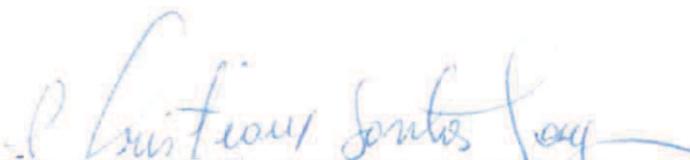
Aprovada, 05 de abril de 2019.

**COMISSÃO EXAMINADORA:**



---

**Prof. Dr. Osmundo de Araújo Pinho**  
**Orientador**



---

**Prof.ª. Dra. Cristiane Souza**



---

**Prof. Dr. Wilson Rogério Penteado Júnior**

**CACHOEIRA – BA**  
**2019**

A Deus e aos Orixás,  
A minha mãe pelo cuidado,  
Ao meu Pai pelo apoio incondicional,  
Ao meu Orientador pela inspiração e impulso na trajetória acadêmica,  
Ao Coletivo Brincadeira Negão, e todos seus membros, meus companheiros de pesquisa,  
À Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais e seu respectivo coordenador e corpo docente.  
Aos alunos, professores e direção do Anexo Escolar Outeiro Redondo,  
A banca avaliadora, e a todos que contribuíram para esse trabalho de muita luta que fará parte da minha trajetória acadêmica.  
In memória dos homens negros e mulheres negras que morreram na luta, no combate ao racismo e pela emancipação coletiva da população negra,  
A Ogum por me ajudar a vencer as batalhas!  
Ogunhê.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>	
 <b>CAPÍTULO I</b>		
<b>CAMINHOS TRAÇADOS, ETNOGRAFIA COMO INVESTIGAÇÃO .....</b>	<b>14</b>	
1.1 Caminhos traçados, notas etnográficas, do trajeto até a escola .....	24	
1.2 Quem é esse que tanto nos observa? Presença no campo, o estranhamento como desafio etnográfico .....	32	
1.3 Construindo uma categoria de análise. Quem são esses jovens homens negros? .....	34	
1.4 Validando hipóteses, construindo um panorama etnográfico .....	46	
 <b>CAPÍTULO II</b>		
<b>SENTIDOS E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS A RAÇA E RACISMO, PELOS JOVENS HOMENS NEGROS NA LOCALIDADE DO OUTEIRO REDONDO .....</b>	<b>52</b>	
2.1 Aspectos da Violência na localidade do Outeiro Redondo .....	55	
2.2 “Todo preto toma baculejo” sempre vai ser assim .....	61	
2.3 “Nunca terá fim, o mundo foi feito assim” .....	71	
 <b>CAPÍTULO III</b>		
<b>PROJETOS DE VIDA? OU PROJEÇÕES INDIVIDUAIS DE EMANCIPAÇÃO? ....</b>	<b>76</b>	
3.1 As narrativas de Amarildo, Joaquim e Moa, três jovens homens negros rurais ..	79	
3.2 Jovens homens negros, ruralidade e construção de identidades masculinas ....	89	
3.3 Projeções individuais como dispositivos de resistência .....	93	
 <b>4 CONSIDERAÇÕES: PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E APONTAMENTOS RELEVANTES .....</b>		<b>97</b>
 <b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>101</b>	

## **PROJETOS DE VIDA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES MASCULINAS DE JOVENS HOMENS NEGROS: uma etnografia numa escola pública da zona rural, no Recôncavo da Bahia.**

**RESUMO:** Este resumo apresenta os resultados da minha pesquisa de dissertação de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia financiada pela Capes no período de: (2017-2019) a pesquisa foi desenvolvida com jovens homens, autodeclarados negros, entre 16 e 24 anos, estudantes do anexo da Escola Pública Rômulo Galvão na comunidade do Outeiro redondo, zona rural da cidade de São Félix- BA. Estando vinculada ao núcleo de investigação, do Projeto de Pesquisa Brincadeira de Negão Identidade e Subjetividade – UFRB, um expoente crítico dos estudos de masculinidades negras no Recôncavo da Bahia. O objetivo geral da investigação foi compreender como jovens homens negros constroem seus projetos de vida e suas identidades masculinas, a partir dos sentidos e significados atribuídos a raça e racismo. O cenário da pesquisa se deu no contexto de uma escola pública, próxima a comunidades remanescentes de quilombos que tem um histórico de crescente aumento da violência e criminalidade, sendo um dos fatores que impulsionaram o interesse da investigação, tendo em vista os altos índices de violência letal que acometem corpos de jovens homens negros no nosso país. A investigação foi desenvolvida no período de dois anos, com base nos referenciais da antropologia crítica, utilizando a etnografia como método, onde o “ponto de vista” e a experiência vivida dos sujeitos investigados resultou na produção de categorias de análise forjadas a partir de suas subjetividades na relação com o contexto, que estavam inseridos. O resultado da pesquisa aponta-nos para ação da reprodução social atuando sobre os sujeitos negros, através de aspectos relacionados a racialização, fatores estruturantes na construção dos seus projetos de vida e de suas identidades masculinas, toda narrativa da pesquisa revela-nos a centralidade do racismo nos discursos dos sujeitos, ao tratar de questões que alocam seus corpos em posições de desigualdade e subordinação racial.

**Palavras-chave:** Contexto Rural; Identidades; Jovens Homens Negros; Projetos de Vida; Racialização

## **LIFE PROJECTS AND CONSTRUCTION OF MALE IDENTITIES OF YOUNG BLACK MEN: an ethnography in a public school in the rural area, in the Recôncavo of Bahia.**

**ABSTRACT:** This summary presents the results of my master's thesis research linked to the Graduate Program in Social Sciences of the Federal University of Recôncavo da Bahia funded by Capes in the period of: (2017-2019) the research was developed with young men, self-declared blacks, between 16 and 24 years old, students from the annex of the Rômulo Galvão Public School in the community of Outeiro redondo, rural area of the city of São Félix-BA. Being linked to the research center, the Research Project Brincadeira de Negão Identidade e Subjectivity - UFRB, a critical exponent of the studies of black masculinities in the Recôncavo of Bahia. The general objective of the investigation was to understand how young black men build their life projects and their male identities, based on the meanings and meanings attributed to race and racism. The research scenario took place in the context of a public school, close to remaining communities of quilombos that has a history of increasing violence and crime, being one of the factors that drove the interest of the investigation, taking into account high rates of lethal violence affecting the bodies of young black men in our country. The investigation was developed in the period of two years, based on the references of critical anthropology, using ethnography as a method, where the "point of view" and the lived experience of the subjects investigated resulted in the production of categories of analysis forged from their subjectivities in the relationship with the context, which were inserted. The result of the research points us to the action of social reproduction acting on black subjects, through aspects related to racialization, structuring factors in the construction of their life projects and their male identities, all narrative of research reveals to us the centrality of racism in the subjects' discourses, when dealing with issues that allocate their bodies in positions of inequality and racial subordination.

**Keywords:** Rural Context; Identities; Young Black Men; Life Projects; Racialization

## INTRODUÇÃO

Esta introdução tem como objetivo apresentar as bases teóricas, metodológicas e conceituais, que direcionaram o trabalho de campo dessa investigação, bem como, apresentar os resultados obtidos com o desenvolvimento da pesquisa estando dividida em quatro capítulos, mesclados entre descrição etnográfica e problematização teórica, constituindo um processo de teorização com base na perspectiva etnográfica.

A pesquisa tem como método de investigação, a etnografia em diálogo com a perspectiva da antropologia crítica, procurando analisar as relações sociais a partir da experiência vivida de jovens homens negros, valorando suas experiências enquanto categorias de análise, indagando-os acerca dos seus projetos de vida e da construção de suas identidades masculinas, utilizando conceitos que procuram dar conta da relação estabelecida entre a estrutura e o sujeito.

Para tanto, utilizei a perspectiva de “projeto” definida pelo antropólogo GILBERTO VELHO (1994), que tem seu referencial fundante na obra de A. SCHUTZ (1979), definindo o conceito como “conduta organizada para atingir finalidade específica” desse modo, procurei estabelecer conexão com a perspectiva centrada na ação individual do sujeito sem perder de vista fatores relacionados a sua posicionalidade na estrutura social, utilizando o conceito de antinegitude, VARGAS (2016), como referencial para análise.

A perspectiva de anti negritude defendida por VARGAS (2016), revela-nos a partir da análise de uma série de elementos estruturais relacionados a posicionalidade negra, fatores de subjugação racial, que constituíram significados materializados no processo social e histórico, que atuam na aparição do homem negro e nas suas relações sociais, a exemplo do racismo estrutural, nas sociedades atingidas pelo processo colonial.

Partindo dessas definições, o objetivo geral da pesquisa é investigar os sentidos e significados atribuídos a raça e racismo por jovens homens negros, na construção de seus projetos de vida e de suas identidades masculinas. O contexto empírico da investigação tem como cenário uma Escola pública da zona rural da cidade de São Félix- BA, buscando através da etnografia, elaborar uma interpretação crítica a partir das perspectivas dos sujeitos naquele contexto social, proporcionando um diálogo entre as características estruturais GIDDENS (2000) e a

perspectiva individual dos sujeitos, considerando a racialização como fator que contribuiu diretamente para formação de identidades atravessadas por processos que provocam transformações culturais que atuam de forma estruturante, a exemplo da colonização. Neste sentido, as fundamentações que tratam sobre colonialidade do poder na América latina, dão conta de explicar tal problematização, como perspectiva que estabelece os impactos sofridos por sujeitos situados em sociedades atingidas pela colonialidade eurocêntrica, refletindo sobre o caráter determinante, estrutural e objetivo da racialização sobre corpos negros, como salienta QUIJANO (2007).

A 'racialização' das relações de poder entre as novas identidades sociais e geoculturais foi o sustento e a referência legitimadora fundamental do carácter eurocentrado do padrão de poder, material e intersubjetivo. Ou seja, da sua colonialidade. Converteu-se, assim, no mais específico dos elementos do padrão mundial do poder capitalista eurocentrado e colonial/moderno e atravessou - invadindo - cada uma das áreas da existência social do padrão de poder mundial, eurocentrado, colonial/moderno (QUIJANO, 2009, p.107).

Tais fatores definem a relação de poder e dominação estabelecidas no campo estrutural, onde sujeitos negros estão posicionados como parte das novas identidades societais, produtos da colonialidade (QUIJANO, 2007), de modo que, suas experiências estão condicionadas por objetividades fixadas no mundo colonial como objeto, abjeto, atingidos na sua consciência individual, como destaca FANON (2008).

Neste sentido, a experiência vivida pelos sujeitos negros, servem como categoria de análise, estabelecendo uma aproximação com as definições de MALDONADO TORRES, M.N. (2007, p. 130) ao definir o conceito de colonialidade do ser, "El surgimiento del concepto "colonialidad" del ser responde pues a la necesidad de aclarar la pregunta sobre los efectos de la colonialidad em la experiencia vivida, y no solo em la mente de sujetos subalternos". Esse diálogo situado na experiência vivenciada por sujeitos racializados revela-nos o fator ontológico da diferença, como base central da colonialidade do ser, atingindo identidades e referenciais culturais, fator central na perspectiva Fanoniana, ao enfatizar que:

Aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica, de um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de

referência. Sua metafísica ou menos pretensiosamente seus costumes e instâncias de referência com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta (p. 104).

Tais considerações demarcam um sistema simbólico de violências que atingem a corporeidade negra materializada na experiência vivida na sociedade moderna, GORDON (1997), QUIJANO (2007), compondo elementos que atuam como resultado do processo construído pela diferença ontológica colonial, categoria difundida no pensamento de Frantz Fanon para caracterizar a diferença, enquanto elemento que produz mecanismos simbólicos de exploração, dominação e controle. Apontando-nos para os efeitos produzidos nas identidades de sujeitos racializados de modo que, suas subjetividades estão condicionadas a elementos fixados pela ontologia colonial.

A colonialidade estruturou para experiência de pessoas negras, elementos que possibilitaram significados, objetivos que condicionaram a corporeidade negra, a posição de sujeitos subalternizados, onde raça e racismo caminham como referências estabelecidas na cor da pele em consonância com aspectos relacionados à identidade e a cultura, esse caminho tem sido percorrido de forma coletiva pela experiência negra a partir da ausência ou da inserção nos contextos sociais.

Como exemplo, podemos destacar o papel da escola pública na experiência vivida de sujeitos negro, como um espaço institucionalizado que segundo JUNQUEIRA (2009), tem sido o local onde consolida-se a formação do conhecimento, mas também, a reprodução de valores, padrões e clivagens sociais, fabricando sujeitos, seus corpos e suas identidades. A inserção do corpo negro no espaço educacional perpassa por violências provocadas pela representação racializada.

Ao investigar como se constrói os projetos de vida de jovens homens negros inseridos no contexto de uma Escola Pública na zona rural, temos uma investigação subsidiada por um campo de atuação regulada, onde o papel da escola é colaborar com a construção de identidades masculinas que corroborem com o processo instituído pelos moldes do Estado anti-negro, formulados como lógica institucional de educação, cidadania e ordem social, que irão reverberar na produção das identidades desses sujeitos.

Em sua pesquisa sobre jovens pobres, MENDES, J. T.N. (2008, p. 6), enfatiza que: “projetos de vida são construídos e significados em função das experiências socioculturais, das vivências e interações interpessoais que eles estabelecem”, salientando ainda que: “mesmo individualmente, construídos esses projetos se universalizam na medida em que apresentam pontos comuns, a exemplo, do trabalho, educação, família e geração”.

Desse modo, há sentido em avaliar a percepção individual, como resultado de impactos estruturais que atingem jovens homens negros, coletivamente a experiência etnográfica na escola pública é um processo de observação de um espaço institucional regulado pela ação do Estado, a partir da dinâmica social de jovens homens negros, onde a regulação social determina condutas e práticas sociais padronizadas. Nesse contexto, VELHO (1994), nos sinaliza que “os sujeitos não são, no entanto, atores, sujeitos na sua plenitude, utilizando o livre-arbítrio são empurrados por forças e circunstâncias que tem de enfrentar e procurar dar conta” (p. 45), elemento que o autor determina como estratégias racionais, com percepções distintas que geram conflitos de projetos com diferenças e contradições que delineiam o curso da vida.

Para tal compreensão, recorro ao caráter empírico, desempenhado pela antropologia crítica, investigando as perspectivas dos sujeitos, valendo-me da abordagem defendida por MARCUS (1991) ao reconhecer nas vozes dos sujeitos, potenciais que evocam os caminhos para interpretação das relações sociais de determinada cultura ou grupo social, me aproximando também das considerações de CLIFFORD (1998), ao destacar o uso de categorias construídas a partir do ponto de vista nativo, como elemento de análise de uma realidade social onde a etnografia possibilita-nos esse contato intersubjetivo que se fortalece a partir das experiências e da interpretação.

O contexto social no Outeiro Redondo tem sido em conjunto com os contextos de origem dos rapazes na escola, o campo onde as relações sociais se estabelecem na reprodução da cultura, e na construção de identidades plurais, forjadas por aspectos diversos na relação com este contexto social, onde os sujeitos incorporam aos seus repertórios, múltiplos elementos para formação das suas identidades MARCUS (1991).

A observação por sua vez, tem a função de conectar a imaginação do etnógrafo com a interconexão estabelecida no campo e com os sujeitos a partir dos

diálogos e do contexto das narrativas e ações desempenhadas no campo, produzindo, o que (CLIFFORD, 1998, p.31) determina como: “uma fórmula para o contínuo vaivém entre o “interior” e o “exterior” dos acontecimentos: de um lado, captando o sentido de ocorrências e gestos específicos, pela empatia; de outro dá um passo atrás, para situar esses significados em contextos mais amplos”.

Essa investigação propõe uma abordagem analítica, a partir da centralidade da categoria “jovens homens negros rurais” estudantes do anexo Outeiro Redondo, estabelecendo um “giro” nos estudos em contextos rurais, visto que a experiência desses sujeitos, para além da condição de jovens rurais, é forjada com base na raça, atuando de modo estrutural, na construção de seus projetos de vida e das suas identidades masculinas.

A metodologia da pesquisa foi direcionada pela etnografia crítica, utilizando recursos como, a observação participante, conversas informais, entrevistas semiestruturadas e rodas de conversa que abordaram temáticas sobre raça e racismos contribuindo para base metodológica no trabalho de campo, em diálogo com a perspectiva dos sujeitos.

A produção textual está organizada, de modo a informar ao leitor acerca dos passos percorridos no curso do trabalho de campo, organizado em uma linha sincrônica que procura correlacionar, fatos, narrativas, observação e reflexões teóricas, subdivida em três capítulos, que tem como finalidade, apresentar o processo de desenvolvimento da investigação etnográfica e seus resultados.

Logo no primeiro capítulo, apresento as perspectivas conceituais e o estilo de escrita que utilizarei enquanto etnógrafo, compondo a descrição do cenário da pesquisa e dos sujeitos investigados, esse capítulo visa informar ao leitor sobre os aspectos centrais do trabalho de campo, tendo como foco central, construir e problematizar a categoria jovens homens negros rurais a partir da observação e das narrativas que emergem no campo.

No segundo capítulo construo uma abordagem sobre os sentidos e significados atribuídos a raça e racismo, pelos jovens homens negros rurais, tendo como percurso metodológico, o desenvolvimento de quatro rodas de conversas com temáticas diversas sobre raça, racismo, violência, machismo e extermínio da juventude negra, onde as vozes dos sujeitos, atuam como produtoras de interpretações com base nas suas experiências.

O terceiro e último capítulo procura dar conta da construção das identidades masculinas e dos projetos de vida dos sujeitos, sintetizando o elemento central da pesquisa, que versa sobre a forma como jovens homens negros no contexto rural tem construído seus modos de existência frente a ação do racismo, e de como este atua sobre suas identidades masculinas, para isso utilizei de narrativas individuais, de três jovens rapazes que participaram de todas as etapas da investigação.

Por fim, esse material elabora uma estrutura narrativa que traduz a construção da interpretação dos dados revelados em campo, apontando-nos para os resultados que se consolidaram na finalização da pesquisa.

## CAPÍTULO I

### CAMINHOS TRAÇADOS, ETNOGRAFIA COMO INVESTIGAÇÃO

*“A etnografia situa-se entre poderosos sistemas de significados. Coloca suas questões nas fronteiras entre civilizações, culturas, classes, raças e gêneros. A etnografia decodifica e recodifica, revelando as bases da ordem coletiva e da diversidade, da inclusão e da exclusão. Ela descreve processos de inovação e de estruturação e faz parte, ela mesma, desses processos” (Clifford e George E., 2016)*

Este capítulo apresenta ao leitor, os passos que compunham as trajetórias individuais e coletivas de jovens homens negros na escola pública, situada na comunidade do Outeiro Redondo, zona rural da cidade de São Félix no Recôncavo da Bahia, em diálogo com suas experiências, dando ênfase aos processos individuais que atuam nas suas percepções e nos sentidos atribuídos a raça e racismo. Tendo na potencialidade da etnografia reconhecida como a prática centrada no trabalho de campo, como chave mestra para condução dessa investigação concebendo as críticas dirigidas ao fazer etnográfico como parte do processo de desenvolvimento da própria ciência que procura questionar métodos eficazes para contribuição no campo científico.

Tais fatores emergem das diversas tensões à cerca da perspectiva etnográfica enquanto metodologia de investigação, que produz conhecimento a partir das descrições e análises de realidades sociais de determinada cultura ou grupo social. Esses questionamentos estão situados na utilização de práticas que remontam a uma tradição clássica da antropologia, a exemplo do trabalho de campo e seu caráter empírico e descritivo, tornando a observação do etnógrafo um dos pontos centrais na produção textual desta pesquisa, em diálogo com a perspectiva dos sujeitos.

A abordagem aqui procura ressaltar o valor empírico e descritivo da etnografia através do trabalho de campo, ao mesmo tempo em que, propõem uma análise centrada na perspectiva dos sujeitos investigados, buscando estabelecer um diálogo com as definições de CLIFFORD (1998) a respeito do “ponto de vista” numa relação com a noção de perspectiva enquanto “voz” defendida por MARCUS (1991), por ambas, pautarem no sujeito, o valor empírico e interpretativo da investigação.

Essas abordagens centradas nos sujeitos surgem com a crítica direcionada a etnografia, que ainda encontra-se situada no paradoxo estabelecido pelo traço colonial da antropologia clássica, na busca de uma compreensão do “outro” exótico e estranho. Esse debate surge com o nascimento da antropologia crítica, sinalizando para a emergência de uma análise centrada no sujeito, tornando o fazer etnográfico não somente uma vasta descrição empírica analisada a partir de teorias, mas uma teorização construída a partir das categorias produzidas pelos sujeitos no campo, como recurso analítico que produz interpretações (CLIFFORD, 1998).

Neste sentido, há um desafio para os etnógrafos ao buscarem descrever realidades sociais através da escrita etnográfica, esses desafios não giram somente em torno das críticas mencionadas ao fazer etnográfico, mas, procuram questionar a abordagem contida no estilo de escrita do etnógrafo, como Gertz enfatiza:

A questão da assinatura, o estabelecimento de uma presença autoral num texto, tem atormentado a etnografia desde seus primórdios, embora o tenha sob forma disfarçada na maioria dos casos. Disfarçada, porque em geral não tem sido apresentada como um problema da ordem narrativa, uma questão da melhor maneira de fazer com que uma história honesta seja contada honestamente, mas como um problema epistemológico, uma questão de como impedir que visões subjetivas distorçam fatos objetivos (GEERTZ, 2005, p.20-21).

O argumento do autor estabelece a necessidade de uma abordagem que integre a relação entre a presença do etnógrafo e dos sujeitos observados, levando em conta os resultados dessa inter-relação, sem estabelecer a partir de análises subjetivas interpretações que poderão revelar a ausência de sintonia com o campo.

Desse modo, em forma de escrita os resultados do trabalho de campo, elaboram um estilo de descrição que baseia-se nas questões que GEERTZ (2005), apresenta ao questionar a assinatura e o discurso, enquanto parte da produção textual, ambas sugerem e procuram informar fatores relacionados à identidade construindo uma assinatura autoral que remeta a partir do enunciado, um padrão que evoque a presença do etnógrafo, onde a potência da narrativa esteja centrada no “ponto de vista” e na perspectiva dos sujeitos, produzindo uma escrita que incorpora os conteúdos da observação e da relação dialógica no campo.

Para tanto, há a necessidade de possibilitar um deslocamento da concepção visual como característica fechada para análise na pesquisa etnográfica, como na crítica elaborada pela autora africana OYÈRÓNKÉ OYEWÙMÍ (1997) acerca da

antropologia ocidental, focando somente no aspecto visual como interpretação sobre um sujeito ou determinado grupo social, a autora ressalta que, o corpo no contexto ocidental é utilizado como lugar que se impõem, que determina, classifica, e posiciona sujeitos sociais, desse modo revela-nos a vulnerabilidade de tal concepção, tendo em vista que a crítica procura chamar atenção para a forma como a antropologia ocidental, utiliza o visual como elemento interpretativo sem problematizar a sua função determinante e nas muitas das vezes, equivocada.

Para tanto, tenho utilizado as experiências e perspectivas dos sujeitos como recursos para produção da interpretação etnográfica ao buscar relacionar as narrativas, os eventos e as “vozes” que emergem no campo, como elementos centrais da ação da estrutura, corroborando para as interpretações sobre aquele grupo social. Buscando a todo o momento, remontar o cenário onde a experiência compõe a produção do conhecimento que se estabelece no diálogo e nas ações observadas no trabalho de campo, construindo a partir da análise de uma parte da estrutura, formas para interpretação do todo, onde a etnografia ganha status investigativo. A etnografia nos torna se não aptos mais próximos de uma compreensão a partir da averiguação desses diversos significados construídos pela interpretação, em diálogo com os elementos revelados no trabalho de campo.

O interesse em pesquisar os jovens homens negros estudantes do Anexo Escolar Outeiro Redondo na zona rural da cidade de São Félix, se deu, enquanto ainda pesquisava na escola da sede do Município, após ouvir diversos relatos sobre aumento da violência na localidade, esses relatos em junção com a presença dos jovens estudantes, me sinalizaram para potencialidade desse contexto como campo para interpretação dos projetos de vida de jovens homens negros, tendo em vista que as experiências estavam de certa forma, correlacionadas com o contexto de violência que se estabelecia na localidade, produzindo percepções e atribuindo sentidos diversificados.

A presença constante de agentes da segurança pública numa pequena comunidade da zona rural que tem apenas como espaço central, duas escolas de ensino infantil e outra de nível fundamental e médio onde funciona o Anexo Outeiro Redondo, apresentou-se como fator que atua sobre as experiências dos sujeitos que compõem o cotidiano daquela localidade. A análise aqui, procura evidenciar, quais os efeitos produzidos por esse fator nas subjetividades dos sujeitos, na relação com raça, racismos e projetos de vida? Essa minha indagação foi aos poucos respondida

a partir da experiência no campo e da construção de uma interpretação próxima do ponto de vista dos sujeitos.

*No momento da experiência não refletimos tanto, sobre o valor da pesquisa etnográfica para investigação, ela nos convida a experimentar através do contato com os “imponderáveis da vida social”, uma diversidade de sensações, emoções e conflitos, que procuramos mais tarde, incansavelmente através da escrita compartilhar com o leitor (Diário de campo).*

É o que descreverei nesse momento:

No primeiro dia de visita ao Outeiro Redondo, lá estava eu parado no ponto, onde esperava o transporte ao lado do mercado municipal de São Félix, no horário de pico das 12h20min da manhã; eu já havia visitado a localidade há algum tempo e sabia das dificuldades que me esperavam nem tanto pela distância, mas pela necessidade de conseguir estabelecer uma abordagem que me colocasse em contato com os jovens rapazes essa foi minha rotina por quase 12 meses.

O transporte que utilizei nesse período sequenciado de visitas ao Anexo Outeiro Redondo foi o mesmo que levava os professores, alguns alunos e pessoas da comunidade, que iam aparecendo ao longo do caminho, foi ali que iniciei minhas primeiras observações. Era um transporte modesto, sem muita qualidade para locomoção de muitas pessoas, a priori ele deveria cumprir a função de transportar somente os professores, mas, acabava por servir também aos estudantes e moradores da comunidade, numa junção desconfortável.

Por diversas vezes cedi o lugar em que estava sentado para algum estudante ou alguma senhora da comunidade, eu observei toda essa rotina enquanto estive no campo, pude vivenciar o desconforto das acomodações e algumas vezes, a falta de qualidade da estrada, somados ao calor e a poeira, ao longo do caminho, sem esquecer das dificuldades nos tempos de chuva. É preciso ressaltar que, estamos numa região situada no Recôncavo da Bahia na zona rural da cidade de São Félix, herdeira de um passado escravocrata, próximo a comunidades remanescentes de quilombos, dentre elas a comunidade do Santo Antônio e Terreno do Governo, entre outras que cercam o entorno da localidade do Outeiro Redondo, essas descrições nos informam que estamos em um território negro estruturado a partir de desigualdades raciais.

Essa minha abordagem, sobre desigualdade territorial racializada, se constrói baseada na precariedade das condições para o acesso à educação de jovens negros, apontando-nos para um cenário onde a condição de sujeitas e sujeitos negros se definem, a partir do que BANDEIRA (1991) classifica como: condição de invisibilidade social, que atuam sobre a população negra situada em territórios rurais, segundo a autora essas desigualdades que perpassam pela estrutura de territórios negros são resultado das posições subalternas construídas pelo passado escravocrata, para condição do sujeito negro, subalternizando sua posição social e política, como salienta GUSMÃO (1991) ao tratar da questão política das “terras de preto”.

O negro no rural é então, pequeno produtor de bens de subsistência, ao mesmo tempo, que a força de trabalho à disposição do capital, mas é também um negro. A trajetória deste segmento envolve assim, a presença contingente do sistema, tanto quanto envolve a transformação de sua realidade histórica no tempo. A realidade dos "povoados negros" revela uma trajetória resultante das condições de inserção no sistema produtivo como escravo, depois como trabalhador na roça familiar e mais recentemente, num padrão associado a este, trabalhador assalariado para o capital. É nesta conjunção que define-se a posição que ocupam na estrutura social. (GUSMÃO, 1991, p.27).

Estabelecendo um diálogo com as autoras, é possível compreender que, a precariedade que atingem territórios negros tem ligação com a condição racial, neste contexto, utilizo as definições de (VARGAS 2010, p.34) ao tratar do termo subjugação racial, para definir os efeitos da condição estrutural que submete a população negra, com questões relacionadas ao “desemprego desproporcional, encarceramento em massa, ou morte prematura por doenças preveníveis, entre outros fatos vastamente compartilhados entre negros, com a base de onde a diáspora existe, luta e perece”.

Estabelecendo uma relação com a condição racial e a localização para analisar o contexto do Outeiro Redondo, meu argumento vale-se das condições observadas no campo durante toda investigação, que vão desde a má qualidade do transporte para chegada até a escola, até a precariedade das estruturas físicas, como salas de aula sem ventilação, ausência de uma secretaria administrativa e da sala dos professores e de uma cantina para distribuição da merenda, sem esquecer da precariedade de espaços de socialização que não se resumam, a uma quadra esportiva em má condições de uso.

Tais dados revelam que as condições oferecidas pelo poder público, como parte de uma política educacional para jovens estudantes na comunidade do Outeiro Redondo é ineficaz, por não conseguir assegurar qualidade para o ensino e o aprendizado de jovens na sua maioria negros, evidenciando a posição que ocupa sujeitas e sujeitos racializados como um dos fatores que fundamentam a invisibilidade social.

Alinhado as informações do trabalho de campo, produzi o que podemos chamar de hipóteses progressivas, que me possibilitaram traçar pontos específicos para investigação, hipóteses essas que não se apoiaram sozinhas foi preciso validá-las a partir de diálogos e questionamentos, para além das questões apresentadas pela observação no campo, era preciso dimensionar as potencialidades perceptivas dos sujeitos na relação com o contexto social.

Ao analisar as questões de precariedade no acesso à educação de jovens negros no Outeiro, somando-as aos relatos sobre o crescimento da violência na comunidade, tendo como resultado a intervenção da polícia, tais informações evidenciaram a realidade de fenômenos sociais pertinentes que se manifestavam naquela localidade, o avanço da violência no campo, que para além da relação com o agronegócio e disputas por questões fundiárias, revelasse, neste contexto, como local onde a criminalidade tem se articulado com base no tráfico de drogas, sendo essa uma das justificativas para aumento da violência e a presença constante da polícia na localidade como dispositivo de controle.

As narrativas sobre homicídios e mortes seguidas de troca tiros com a polícia ou com facções eram constantes, podendo-se ouvir termos como “era envolvido” quando se tratava de fazer alguma relação com as vítimas que em grande maioria tinham aproximação seja como familiares ou como estudantes do anexo Outeiro Redondo, justificando meu argumento apresento algumas notícias de sites locais que tratam desses fatos de modo mais incisivo, nos ajudando a compreender o contexto que a pesquisa apresenta. Vejamos:

*“Ação da PM apreende armas em boca de fumo na zona rural de São Félix”.*



*Foto: Reprodução / Hora do Bico*

*A ação envolveu policiais dos pelotões Alfa, Bravo e do Setor de Operações e Inteligência (SONIT) da cidade de Cruz das Almas, no recôncavo.*

*De acordo com informações da Polícia Militar, uma denúncia levou os policiais se deslocarem na tarde desta terça-feira (18) para a comunidade de Outeiro Redondo no município de São Félix, até uma casa onde criminosos estariam escondidos e portando um farto armamento de uso restrito.*

*Ainda de acordo com a polícia, após cercar a casa, os agentes constataram que os criminosos haviam fugido, deixando para trás, duas espingardas, uma calibre 12, carregada e outra calibre 20, uma balança de precisão, para pesagem de drogas, além de pássaros silvestres. Em uma das armas, está escrita a sigla (BDM) Bonde do Maluco, facção criminosa.*

*A polícia acredita que a casa funciona como uma espécie de “boca de fumo”. Segundo apurou a equipe do SOINT, três dos meliantes que se escondem na casa, saem sempre durante a noite, para realizar assaltos, além da prática de tráfico de drogas. As armas foram levadas para a delegacia, ficando à disposição da justiça, e os pássaros foram soltos na natureza. A polícia realiza buscas na região, para prender a quadrilha. (Cruz na Tela)”.*

*“São Félix: Homem atira contra policiais e acaba preso; drogas e armas foram encontradas com o mesmo”.*



*Foto: Reprodução | Hora do Bico*

*Um homem foi preso na tarde de terça-feira (22/05) após trocar tiros com a Polícia Civil. O confronto aconteceu na localidade de Outeiro Redondo – Zona Rural de São Félix, no Recôncavo Baiano. A ação foi realizada em conjunto pelas Delegacias de Polícia de Cachoeira e São Félix.*

*Com o acusado a Polícia apreendeu 365 pedras de Crack, revólver cal. 44 com munições deflagradas e munição intacta, máscara, uma porção de maconha, um aparelho de rádio transmissor, cachimbos de crack, munições de calibre 38 e munições de cal. 32”.*

Esses fatos são interpretados sob duas óticas: uma relacionada com o avanço da violência no contexto rural, compondo a macro estrutura do mundo do crime e a outra que sinaliza para os números exorbitantes de mortes de jovens homens negros no Brasil, em diálogo com as questões relacionadas ao racismo, tendo em vista que a ação da polícia, enquanto parte do sistema de segurança pública, tem atuação direta no que diz respeito, aos altos índices de mortalidade de pessoas negras, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2018<sup>1</sup>, ao

---

<sup>1</sup> O Anuário Brasileiro de Segurança Pública é atualmente uma fonte imprescindível de dados sobre a segurança pública no país.

Concebido com o objetivo de suprir a falta de conhecimento consolidado, sistematizado e confiável no campo, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública compila e analisa dados de registros policiais

analisar ocorrências de mortes decorrentes de intervenções policiais diz que 76,2% das vítimas de atuação da polícia são negras, esses dados são analisados a partir da identificação por raça/cor.

Esses fatos correlacionados foram imprescindíveis para indagação dos sujeitos investigados acerca dos sentidos e significados por eles atribuídos a partir das suas experiências enquanto jovens homens negros na zona rural, os dados levantados possibilitaram validar o corpo hipotético da pesquisa que procurou investigar projetos de vidas construídos a partir de experiências perpassadas por racismo, em um contexto rural onde a presença da violência é constante, produzindo nas subjetividades, significados específicos, que se fundamentavam na sua condição racial e na representação de seus corpos naquele contexto sendo perceptível nas suas vozes ao emitirem seus pontos de vista:

*“Nós sempre vamos ser abordados, pelo fato de ser preto pobre, ver a gente assim, mas se for um cara branco não”. (Jean)*

*“Eles encontram a gente ai na estrada, se agente estiver sem documento, eles vão logo batendo, outro dia um me perguntou o que eu estava fazendo aqui, (risos) eu respondi: estou na escola e de manhã você faz o que? Você trabalha? (Rafael)*

*“Eu respondi a ele que trabalhava” (Amarildo) (Diário de Campo).*

É notório que os rapazes conseguem articular, que recai na representação de seus corpos uma objetividade que os tornam corpos potenciais para efetivação de uma abordagem policial diferenciada, focada numa política de coerção específica, uma confirmação empírica e nativa de que a posição racial do homem negro, possibilita experiências similares a partir da condição racial. A questão aqui foi validar a hipótese de que o avanço da violência e a presença da polícia na localidade, perpassa por todos que estão inseridos naquele contexto, mas que elegem corpos negros como alvos potenciais para abordagens e vigilância.

Neste cenário, apresento-me como um pesquisador homem e negro, minha experiência com o racismo corrobora para fundamentação de uma produção de

análise, que refuta a neutralidade na construção do conhecimento, ao interrogar a estrutura, que se expressa sob a forma contínua da reprodução social ancorada na existência de conhecimento e de práticas sociais organizadas, que segundo GIDDENS (2000), determinam a ação dos atores sociais. Produzindo uma descrição que procura evidenciar os aspectos subjetivos da experiência ao trazer a luz aspectos da realidade empírica em diálogo com a perspectiva bifocal<sup>2</sup> MARCUS (1991), consolidada entre etnógrafo e os sujeitos, como elemento analítico que reposiciona a condição do etnógrafo e do sujeito, no campo central da pesquisa, tornando-o tanto o observador como observado.

Ainda sobre a noção de bifocalidade na investigação etnográfica, gostaria de problematizar a luz dessa perspectiva que convida o etnógrafo e os sujeitos investigados a dialogarem sobre as premissas que constituem as suas identidades nos retirando da condição de meros observadores, com técnicas detalhadas para utilização no campo, nos possibilitando diálogo, afastando o etnógrafo das amarras propostas pelo aspecto visual, produzindo um trabalho com perspectivas intermediadas pelo aspecto bifocal no campo.

Em argonautas do pacífico MALINOWSKI (1978), ao descrever o tema, o método e o objetivo da pesquisa, define algumas questões para o desenvolvimento da pesquisa etnográfica, lançando mão de argumentos próximos da perspectiva bifocal no que diz respeito a proximidade com os sujeitos investigados, mas com rigores que sugerem uma validação do conhecimento produzido ao cadenciar os caminhos para efetivação de uma pesquisa. Em uma das questões levantadas pelo autor, ele chega a citar as técnicas das ciências naturais, como um exemplo eficaz de uma descrição detalhada do passo a passo de uma pesquisa.

A questão levantada aqui, nesta breve problematização a luz do termo bifocal, toma como eixo analítico a exacerbada valoração da observação, em detrimento da relação dialógica e da experiência produzida entre os sujeitos e o etnógrafo, nos permitindo pensar que, a possibilidade de junção entre observação e diálogo

---

<sup>2</sup> “Agora que a modernidade ocidental tem sido reconceitualizada como um fenômeno global e totalmente transcultural é que o tratamento explícito da bifocalidade dos relatos etnográficos está transgredindo explicitamente os mundos distanciados, baseados na distinção “nós-eles”, que haviam sido previamente construídos. Em outras palavras, é provável que a identidade do antropólogo e do seu mundo esteja profundamente relacionada com o mundo específico que está estudando, qualquer que seja a cadeia de conexões ou associações que os une. Apenas a reconstrução modernista do observado, esboçada na seção anterior, contudo, torna possível esta revisão do caráter bifocal da etnografia” (MARCUS, 1991, p. 211).

produzida no campo, podem ser responsáveis por uma descrição minuciosa fundamentada na riqueza de detalhes produzidos com a perspectiva bifocal.

### 1.1 Caminhos traçados, notas etnográficas, do trajeto até a escola

A viagem até o “Otero” como os moradores da comunidade costumam chamar não pode ser considerada como de grande duração, mas as condições para chegada, como já relatei, fazem do caminho uma verdadeira via crucis, onde algumas vezes o calor e a poeira somados as más condições da estrada em tempos de chuva, deixam tudo muito complicado, descer do ônibus sempre era um momento de alívio.

Durante a viagem eu ficava a imaginar o que movia jovens, mulheres, homens e crianças de localidades distantes e até mesmo da sede do município de São Félix a se dirigirem todos os dias até a escola? Passei a compreender após um tempo no campo, observando os rapazes o que movia seus interesses em estar ali com todas as dificuldades que relatei. E fiz a seguinte interpretação, todos aqueles rapazes tem em suas consciências individuais um sentido atribuído de como se organiza o mundo ou pelo menos uma compreensão de como estão estabelecidas as relações sociais que perpassam por raça, classe e gênero estabelecendo papéis sociais específicos, normas, condutas e um conjunto de valores que agem sobre suas identidades e certamente fundamenta seus projetos de vida. O que quer dizer que, os jovens rapazes do Outeiro Redondo tendo em vista as desigualdades compostas pela precarização das suas condições de acesso a educação e a vigilância que atua sobre seus corpos, conseguem atribuir sentido e formas possíveis para suas existências, como descreveu três dos rapazes durante uma das entrevistas, eles reconhecem que a escola os possibilita um ponto de partida, mesmo em meio à precariedade “a escola é um bom lugar para estar”, como afirmou um dos entrevistados.

A escola é para alguns deles a possibilidade de iniciar um ciclo de suas vidas, cumprindo os níveis de escolaridade formal, partindo para inserção no mundo do trabalho e para outros a forma de transpor e vencer dificuldades, mas também como um local onde alguns frequentam simplesmente para cumprir a exigência da família ou até mesmo fugir do trabalho na roça, durante o período em que estive no campo

ouvir isso era muito comum, entre os funcionários da escola e entre os próprios estudantes. Vejamos:

*“Tem muito deles que não querem nada com a hora do Brasil”, “muitos vem pra não trabalhar na roça” “eles não querem saber de nada”* (Diário de Campo).

Procurei avaliar essas questões, de modo a compreender que; as experiências desses rapazes, são perpassadas por questões distintas, e que para além da análise imediata centrada na forma diferente como alguns utilizavam o espaço da escola para a construção de suas vidas, haviam fatores que mereciam atenção, que foram percebidos de diversos modos, na baixa estima de muitos dos rapazes, na falta de perspectivas percebida nos diálogos, com frases que sinalizam para um entendimento das desigualdades que os acometiam: *“isso nunca vai mudar professor”,* ou até o típico *“estou nem aí”*.

Os jovens na sua maioria têm em seu comportamento, modos variados de informar seus sentimentos, isso tem sido observado nos estudos sobre juventude como fase conflituosa da vida, a juventude negra a meu ver tem feito isso através da resistência e da luta pela vida, eu sigo apontando que a condição racial tem importância central na construção das identidades de jovens negros, gerando conflitos e emoções que certamente a escola não consegue compreender, por não pautar as identidades raciais como um elemento de ação estrutural.

A escola na sua concepção trabalha e percebe esses sujeitos como um todo, representado pela categoria estudantes ou alunos, com atribuições e regras básicas para serem cumpridas, as suas individualidades passam despercebidas na maioria das vezes, a homogeneização é traduzida como igualdade, mas acaba por negligenciar aspectos específicos na formação das identidades de cada sujeito. A abordagem dessa investigação procurou a partir do avanço da violência numa localidade da zona rural, que é o local de socialização e aprendizado de jovens negros, compreender como as individualidades desses sujeitos foram atingidas, pelos processos de vigilância.

Mais uma vez, a crítica fundamentada por OYEWÙMÍ (2018) ao aspecto visual da antropologia no ocidente nos interpela acerca da sua abrangência não somente no âmbito da investigação antropológica, mas também, como uma lógica em nossa sociedade que elege o corpo como lugar da observação e da vigilância, a

experiência dos jovens homens negros no Outeiro nos aponta para essa constituição da sociedade pautada no corpo, como bem relata a autora:

A noção de sociedade que emerge dessa concepção é a de que a sociedade é constituída pelo corpo e como corpo – corpos masculinos, corpos femininos, corpos judeus, corpos arianos, corpos negros, corpos brancos, corpos ricos, corpos pobres. Eu estou usando a palavra “corpo” de duas formas: a primeira como metáfora da biologia, e a segunda para chamar a atenção do aspecto puramente físico que parece estar presente na cultura ocidental. Eu me refiro ao corpo físico tanto quanto às metáforas do corpo. E dado ao corpo uma lógica própria. Acredita-se que somente ao olhar para ele já se pode perceber a posição social ou as convicções de uma pessoa, ou a ausência delas (p.307).

Seguindo a autora, a crítica expõe um aspecto importante da nossa sociedade, que elabora para determinados corpos, significados que orientam sua posição na hierarquia social, produzindo diferenças, estabelecendo cisões. Contudo, a proposta da pesquisa consistiu em utilizar o aspecto visual, em diálogo com as vozes e narrativas que emergem no campo, como forma de romper com o caráter dominante da perspectiva visual, no fazer antropológico.

Ainda sobre minha presença no campo, o ônibus passou a ser para mim o local para imaginação, no caminho passávamos a ponte que ficava sob o Rio Capivari, chamado pelos moradores como Cachoeirinha, alguns estudantes ficavam em pontos estratégicos das suas comunidades outros na porta de casa, inclusive um grupo de rapazes com os quais no decorrer da pesquisa eu pude ter maior proximidade que ficavam em pontos sequenciais, eles sempre entravam com muita tranquilidade, livro na mão, alguns com mochilas, fone de ouvido, na sua maioria usando bermudas e fardamento da escola, passávamos por cinco comunidades até a chegada no Outeiro, na seguinte ordem Santo Antônio, Esconso, Jaqueira Dura, Três Vendas, Tabuleiros, até a chegada no Outeiro Redondo, dentre elas algumas eram comunidades remanescentes de quilombo.

Cercado pelas belas pastagens e as árvores frondosas, o cheiro de gasolina do buzú se misturava com a poeira seca da estrada, entre as ladeiras e as curvas, o caminho até a escola foi para mim durante todas as visitas, um lugar de inspiração, de questionamentos e insights para pesquisa, eu me sentia sempre como um etnógrafo clássico por alguns momentos, com a consciência de que o fazer antropológico sempre terá em sua prática o lugar do deslocamento e da inserção em grupos sociais que não estão no nosso cotidiano, como algo que nos torna

estranhos, fixados a imagens que nos fazem pensar e nos sentir assim, a etnografia reserva para a experiência do etnógrafo um conjunto de sensações que se apresentam na imaginação.

Talvez por ser um transporte que era dividido não somente por estudantes o silêncio sempre preponderava, os rapazes se acomodavam no fundo algumas meninas também, algumas crianças à frente e os professores e pessoas da comunidade se acomodavam no centro do ônibus ou mais próximo do motorista. Eu procurava incomodar o mínimo possível e, as vezes, cedia o lugar para algum professor ou estudante e seguia me equilibrando no ônibus, mas sempre atento aos diálogos, os rapazes dialogavam muito pouco no transporte durante o trajeto até a escola, na sua maioria com fone no ouvido ou manuseando o celular, entre risos e conversas em voz muito baixa.

Na chegada ao Outeiro, logo à frente, avistávamos a capela que fica na parte central da comunidade, ao redor aproximadamente umas vinte casas, o posto de saúde defronte para igreja, bem próximo de uma quitanda, na lateral a escola, de estrutura muito simples com apenas um compartimento que alocava aulas do ensino fundamental da Escola Municipal Duque de Caxias e servia também ao Estado para as aulas do ensino médio.

A secretaria do anexo funcionava na antiga delegacia da comunidade que fica do lado da igreja, a paisagem remete bastante a um arraial, tendo a igreja como ponto central, no espaço entre as salas de aula e a secretaria, uma praça com quadra, que serve como único espaço de sociabilidade entre os estudantes e principalmente entre os rapazes com o jogo de futebol, o baba<sup>3</sup> que se estendia durante todo intervalo, outros se espalhavam pelos bancos da praça divididos entre grupos de meninos e meninas.

---

<sup>3</sup> Baba: jogo de futebol. O termo é utilizado entre homens na região do Recôncavo da Bahia, se assemelha ao termo pelada usados em outras regiões Brasileiras.



Igreja Matriz do Outeiro Redondo  
Fonte: Pesquisa de campo, 2018.



Praça com quadra, local de socialização dos estudantes do Outeiro  
Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Era muito difícil ver a presença constante de moradores a não ser o porteiro e um outro funcionário que trabalhava na secretaria e algumas poucas vezes uma senhora varrendo ou tomando sol na porta de casa. A localidade é um lugar de paisagem bucólica, quando os estudantes estavam todos em sala de aula era possível ouvir os pássaros e a brisa fresca das árvores que adornavam a praça central.

As tardes no Outeiro convidavam às vezes ao sono, tudo tão tranquilo e longe do barulho da cidade, exceto quando tocava o intervalo e todos os alunos saiam das salas para jogar um “baba”, ou conversar entre grupos ao redor da quadra, entre diálogos e risadas longas com porteiro ou até mesmo na porta da secretaria com algum professor, sem esquecer a relação individual com seus celulares. Eu observava de forma constante o “baba” ou os diálogos carinhosos com alguma garota, a localidade do Outeiro Redondo é parte dos processos de sociabilidades daqueles jovens, ali eram forjadas as suas experiências e construção de suas identidades.

Durante o período das aulas, sempre estabelecia diálogo com o porteiro, “seu” Zé, como era chamado por todos na localidade, e lhe fazia algumas indagações sobre a presença da violência em um local aparentemente tranquilo, os seus relatos remontavam a mesma lógica da violência dos centros urbanos.

Lembro-me que estava próximo a entrada do compartimento das aulas em diálogo com seu Zé o porteiro, quando um rapaz com uma idade entre 16 e 18 anos começou a relatar sobre a abordagem da polícia que teria sofrido, e sobre os riscos de questionar muito durante uma batida policial, que tanto ali como na sua “área” ele não gostava de vacilar. Os relatos dialogavam com as narrativas que nortearam meu interesse de pesquisa, e que se confirmaram nas interações no campo.

Durante o tempo que estive no campo, eram sempre comum comentários entre professores e funcionários sobre acontecimentos de violência envolvendo a presença da polícia, percebia que tudo girava em torno de um sigilo, pois despertava tensões e receios nos diálogos, fui inclusive alertado pela vice-diretora que não ficasse durante muito tempo em observação quando a quadra estivesse vazia, a justificativa era de que eu naquele contexto, era um estranho poderia ser confundido, ou despertar questões contrárias ao meu interesse.

Neste momento, eu me percebo como um sujeito que naquele contexto produzia “riscos” para minha integridade e tensões para os sujeitos que me

observavam e questionavam minha presença, como uma via de mão dupla, qualquer deslize e eu poderia está em risco por interpretações diferenciadas, uma que me relacionava com um agente de segurança pública à paisana e outra por ser confundido com algum membro do tráfico que se estabelecia na localidade, ambas questões me apresentaram desafios frente ao fazer etnográfico, na minha inserção enquanto pesquisador, mas também, me apontaram pontos específicos que estavam muito bem posicionados no campo, a tensão e o medo eram questões que norteavam as relações sociais no Outeiro, e que certamente influenciavam nas perspectivas dos sujeitos da investigação

Esse foi um ponto importante para a pesquisa como etnógrafo, eu procurava naquela localidade aspectos que dialogassem de um ponto de vista da antropologia crítica, com questões relacionadas ao cotidiano dos jovens rapazes, comprovando que há naquele contexto uma tensão causada pela violência que resultava na presença constante da polícia, isso me fez compreender a amplitude de questões relacionadas aos conflitos protagonizados pela violência e que esse fenômeno social estabelecia relação com a experiência dos jovens homens negros na comunidade do Outeiro Redondo. MARCUS (1991) define que essas questões que atuam na sociedade de forma global, tem interferência na formação e transformação de identidades, com a incorporação de fatores de abrangência global em contextos culturais localizados, propondo uma análise que dialogue com esses fenômenos sociais, para construção da explicação etnográfica.

Essa explicação suscita uma abordagem etnográfica que dialogue com fatores e desigualdades históricas, a exemplo das questões das relações raciais em nossa sociedade, nos direcionando a uma invenção do fazer etnográfico baseado não somente na representação de aspectos culturais, mas na produção de uma escrita que toma corpo no momento em que o significado aparece como resultado de questionamentos propostos pela etnografia, como salienta MARCUS (1991).

Eu optei em campo, por me resguardar frente aos possíveis “riscos” que minha presença pudesse ocasionar, para mim ou para algum membro da comunidade, tendo em vista que os conflitos que atuam naquele contexto tem um caráter de medo, a experiência de me restringir de alguns locais e diálogos no campo me possibilitou, por outro lado, compreender que havia regras específicas, impostas pelo avanço da violência, na relação de conflito entre policiais e os sujeitos do crime, o silêncio e a vigilância eram regras primordiais a serem seguidas.



Casas das laterais do Outeiro Redondo  
Fonte: Pesquisa de campo, 2018.



Banco da Praça do Outeiro Redondo  
Fonte: Pesquisa de campo, 2018.



Quadra de Esportes do Outeiro Redondo  
Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

1.2 Quem é esse que tanto nos observa? Presença no campo, o estranhamento como desafio etnográfico.

A antropologia em sua formação teve como base os estudos de culturas centradas na análise do outro exótico, onde nem sempre a alteridade atuou como elemento para construção da análise, por sua vez, a etnografia crítica possibilita para experiência do etnógrafo, um contato subsidiado entre o olhar do observador e do observado, procurando produzir uma análise dialógica sobre a cultura ou sobre o grupo social investigado. Todavia, isso não quer dizer que não se estabeleça uma relação de estranhamento entre pesquisador e o nativo a partir da experiência com a cultura do “outro”, a meu ver, até hoje esse é um dos desafios da etnografia, mesmo em contextos contemporâneos, onde os sujeitos possuem relações de proximidade com realidades que se inter cruzam através da cultura, onde estranhar é parte do processo inicial da trajetória do pesquisador.

Segundo o antropólogo Gilberto Velho (2004, p.123,124):

Insiste-se na ideia de que para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente longo, pois existem aspectos de uma cultura e de uma sociedade que não são explicitados, que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia. No entanto, a ideia de tentar-se pôr-se no lugar do outro e de captar vivências e experiências particulares exige um mergulho em profundidade difícil de ser precisado e delimitado em termos de tempo.

Essa dimensão construída com o trabalho de campo nos informa que, a inserção do pesquisador em contato direto com os sujeitos, procura estabelecer uma relação que produza entre ambos, condições para o desenvolvimento da interlocução e da extração de dados que remontem a realidade, de modo que, suas vozes sejam centrais para interpretação do etnógrafo. Essas vozes produzem numa escala interpretativa, a densidade da observação participante, ao mesmo tempo que, nos informa, de modo eficaz sobre a interpretação dos sujeitos, a partir da presença, daquele ou daquela que os observa e investiga.

Em mais um dia de investigação, o ônibus se aproximava nos trazendo para mais uma tarde de aula no Outeiro Redondo, logo que cheguei e desci do ônibus, lembro-me que resolvi sentar-me em um dos bancos da praça central em frente a Igreja para ter uma visão mais ampla do espaço de socialização dos estudantes e

tentar estabelecer algum tipo de contato. E por lá passei horas entre uma anotação e outra tentando observar o máximo que pudesse, nesse espaço-tempo, era evidente a curiosidade dos estudantes em querer saber o que eu fazia ali.

Eu já estava no campo a algum tempo, e isso foi muito importante para consolidar o contato e a interação. Depois de um mês de pesquisa, com investidas semanais no campo, eu consegui estabelecer o contato com um dos funcionários polivalentes que atuam no funcionamento do anexo Outeiro Redondo, o Carlos, este colaborou como meu interlocutor, pela sua facilidade de diálogo entre os rapazes, Carlos é um homem de meia idade, negro, é assim que ele se autodeclara, morador da comunidade, pai de uma filha, católico. Sua relação com os rapazes na escola assemelha-se com o cuidado de um conselheiro ou de alguém que eles podem contar, ele exerce a função de homem mais velho que pela experiência os aconselha, talvez por estar mais próximo aos rapazes; Carlos tem um olhar afinado sobre a realidade de vida de cada um, ele conhece as famílias, sabe das funções que desempenham no trabalho “do esforço para plantar o inhame para comprar a moto” e daqueles que eram “banda vuou<sup>4</sup>” e que vinham para escola para fugir do trabalho na roça.

Em um dos nossos diálogos, minutos antes do intervalo, ainda na secretaria, quando ele arrumava a merenda para distribuir para os alunos, eu pergunto sobre como os alunos tem percebido minha presença no campo? Ele me responde:

*“Olha os meninos estão curiosos, volta e meia me perguntam o que tanto você escreve? E o que tanto você os observa? Se você é investigador?” (Risos) (Diário de Campo).*

E prossegue me explicando, o porquê dessa curiosidade de alguns deles, *“eles andam meio assustados quaisquer pessoas novas que veem por aqui, acham que é suspeito, tem que ter muito cuidado com o que fala com eles, pois alguns ficam observando para passar informações” (sussurrando) (Diário de Campo).*

Como já era sabido, por mim que a presença de alguém de fora no Outeiro poderia causar desconfianças e interpretações diversas, eu já havia decidido utilizar

---

<sup>4</sup> Banda voou: termo utilizado para descrever aqueles sujeitos ou sujeitas que apresentam característica que destoam das expectativas das regras sociais, sendo considerados quase como desviantes, descomprometidos, o termo é bastante utilizado na região do Recôncavo da Bahia.

esses fatos como uma parte da análise para investigação, exercendo cuidados, éticos que não ultrapassassem a relação com o campo da pesquisa, onde eu pudesse zelar pela minha integridade, respeitando as normas estabelecidas naquele contexto.

No diálogo com o Carlos, fica evidente que o estranhamento inicial que ocorreu com minha inserção no campo tem relação com os fatos de violência ocorridos naquela localidade, na minha interpretação, esse estranhamento não ocorre somente por uma via única, ele atua na forma como o etnógrafo conduz a sua perspectiva no campo, e na relação que se estabelece, quando o pesquisador que se sente próximo ao contexto, passa a compreender que a lógica das relações estabelecidas no campo VELHO (1981) perpassam por estranhar também esses que apresentam lugares comuns, mas que produzem a partir das suas subjetividades, significados e interpretações diferenciadas para suas realidades.

A evocação do estranhamento em termos bifocais reconhece o esforço perseguido pela etnografia no trabalho de campo, para elaborar uma interpretação mais próxima da realidade observada, tornando esse movimento, construtor de uma síntese etnográfica. Ao reposicionar o etnógrafo nesse cenário, como alguém que detém certo conhecimento básico, daquele contexto e das relações cotidianas, sem estabelecer uma autoridade superficial, é preciso nos termos defendidos por VELHO (1981) atingir áreas invioláveis, levantando dúvidas, escrevendo premissas, questionando.

A etnografia convida-nos hoje, em contextos modernos, a reconhecer o seu caráter experiencial, e investigativo fazendo com que a densidade de um contexto social possa ser revelada a partir de elementos que poderiam ser negligenciados, se considerarmos que a prática do trabalho de campo é constituída por pontos essenciais para formulação de uma análise contínua de determinada cultura, podemos considerar o estranhamento como um fator consistente para produção de uma descrição que aproxime o leitor dos aspectos estruturais de determinada realidade social.

### 1.3 Construindo uma categoria de análise. Quem são esses jovens homens negros?

Em mais uma tarde no Outeiro, dessa vez para iniciar o diálogo com a turma de alunos do 3º ano, que tinha aproximadamente 20 meninos entre 16 e 24 anos,

era uma turma com presença masculina eloquente, e isso foi importante no momento de estabelecer os recortes e o foco da investigação com base alvo nesses sujeitos. Estabelecendo relação com a indagação que tenho feito acerca dos projetos de vida de jovens homens negros naquele contexto, muito deles prepararam-se para o término do ensino médio, o que significa que estão aptos a iniciar exames para aprovação na universidade, ingressar numa escola técnica, ou até mesmo adentrar ao mercado de trabalho em funções que aceitem minimamente o ensino médio.

Pensar a construção de projetos de vida de jovens homens negros é uma problemática complexa, pois há um sobrepeso nas trajetórias de vida de jovens negros no Brasil, que perpassam por estratégias de reprodução de condutas sociais, como meio de assegurar sua existência, mas isso não tem sido regra, diante dos altos índices de mortalidade de jovens negros, que contabilizam números exorbitantes. O Atlas da Violência 2018<sup>5</sup> aponta para uma taxa de homicídio de 40,2% em relação a não negros com 16,0%.

Esse cenário aponta-nos para o que VARGAS (2010) descreve como geografia da morte, ao mesmo tempo, que nos informa sobre como os mecanismos de anti-negritude, atuam de modo a estruturar para a experiência de vida de pessoas negras, posições que alocam seus corpos como alvo potencial de violências estruturadas com base no racismo, não somente enquanto ação unilateral mas, como um processo multifacetado que estrutura formas diferenciadas de representação subsidiadas pela relação ontológica da diferença.

Corpos de jovens homens negros persistem buscando reposicionar-se, em um campo de impossibilidades traçadas pelas facetas da sociedade anti-negra. O trabalho de campo tem apresentado elementos que apontam a veracidade de tais considerações, na observação do cotidiano dos jovens homens negros do Outeiro

---

<sup>5</sup> Uma das principais facetas da desigualdade racial no Brasil é a forte concentração de homicídios na população negra. Quando calculadas dentro de grupos populacionais de negros (pretos e pardos) e não negros (brancos, amarelos e indígenas), as taxas de homicídio revelam a magnitude da desigualdade. É como se, em relação à violência letal, negros e não negros vivessem em países completamente distintos. Em 2016, por exemplo, a taxa de homicídios de negros foi duas vezes e meia superior à de não negros (16,0% contra 40,2%). Em um período de uma década, entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios de negros cresceu 23,1%. No mesmo período, a taxa entre os não negros teve uma redução de 6,8%. <http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/atlas-da-violencia-2018/>

Redondo, desde as condições precárias para acesso à educação que incidem de forma direta na formulação de seus projetos de vida.

Em uma conversa informal com o Carlos, o funcionário da escola que me auxiliou como informante, ele me relata que muitos daqueles meninos trabalham na terra, esse relato me remeteu a um relato no início do texto, quando observei da janela do ônibus um jovem negro que trabalhava na terra, e me questionei sobre o entendimento dos jovens rapazes, que naquele momento estavam indo para escola, o relato de Carlos sinaliza para uma relação de proximidade entre as experiências dos sujeitos, no que diz respeito ao trabalho de agricultor.

Ele prossegue explicando que para comprar suas próprias coisas e terem sua independência, alguns dos rapazes administram a escola e o trabalho, certa vez quando indagado por mim sobre a quantidade de motos que ficavam perto da entrada da escola, ele me relatou que:

*“A maioria deles tem a motinha, eles trabalham muito para terem as coisas, outros não querem nada, alguns trabalham na roça e ainda vem estudar, outros vem para fugir do trabalho na roça”* (Diário de Campo).

Essas informações me possibilitaram construir uma abordagem, que buscou compreender como esses sujeitos se percebiam, enquanto jovens moradores da zona rural? Mas também, como eles eram plurais nas formas de compreenderem suas posições sociais.

A proposta metodológica dessa etnografia foi direcionada por uma abordagem dialógica, estabelecida na aproximação com o universo empírico dos sujeitos investigados, valorando seus pontos de vista, buscando consolidar formas de abordagem que evoquem essas vozes que emergem no campo como ponto central para interpretação das suas experiências vividas, para me aproximar de forma dialógica com os sujeitos, utilizei práticas paralelas ao trabalho de campo, ao exemplo, das rodas de conversa, com debates que abordaram temáticas que dialogavam com o cotidiano dos rapazes.

Eu iniciei exibindo um documentário que relatava histórias de vida de jovens na zona rural do Brasil<sup>6</sup>, esse vídeo serviu como base para o diálogo em torno da

---

<sup>6</sup> Diz Aí Juventude Rural – Identidade <https://www.youtube.com/watch?v=AlhgsKjriw&t=26s> O programa mostra um mosaico de retratos dos jovens que vivem em zonas rurais do Brasil. O que

temática das identidades de jovens na Zona Rural, no primeiro momento surge uma questão relevante, em torno da relação dos personagens e suas respectivas histórias de vida relatadas no documentário, com relação as experiências dos jovens estudantes do ensino médio do Outeiro Redondo, eles relatavam que não se viam representados, de forma coletiva pois achavam que aquelas histórias de vida valoravam demais a vida na zona rural, sem descrever a dureza do trabalho no campo.

Em um dos trechos do documentário um dos entrevistados fala sobre a importância da agricultura e compara com a profissão de um médico, esse foi um dos pontos mais importantes do debate, eu logo em seguida os questioneei, sobre essa afirmação eles concordaram na sua maioria, que sem a agricultura ninguém teria alimentação, mas ainda assim, enfatizaram que para eles o trabalho no campo é:

*“Trabalho duro, que muitas vezes dá prejuízo”, “as vezes a gente planta, pode perder tudo se não chover” “varia muito de época, é muito de sorte”, “eu prefiro um trabalho que você ganha seu dinheiro todo mês, do que aventurar”* (Diário de Campo).

Com a interpretação dessas narrativas, torna-se perceptível que há uma crença entre os jovens rapazes que valora outras formas de trabalho em detrimento da prática do trabalho rural, mesmo sendo para alguns deles, uma fonte de renda. Era notório que nem todos se identificavam, ou construía suas identidades a partir da objetividade da vida do jovem rural, eles estabeleciam outros critérios para serem representados, reconheciam certas características da vida na zona rural, mas se consideravam com as mesmas experiências de jovens na zona urbana. Vejamos:

*“Hoje a zona rural tem tudo, a gente está até na frente deles aí nesse vídeo” “a zona rural tá até mais perigosa que a cidade” “hoje tem celular, internet” “é tudo a mesma coisa”* (Diário de Campo).

---

pensam sobre as problemáticas que afetam a juventude? Como se divertem? Quais são suas aspirações e preocupações?

<http://www.futura.org.br/>

Diante dessas narrativas, observo que do ponto de vista dos sujeitos há uma ruptura com a dicotomia rural e urbano, a partir da inserção de fenômenos sociais que outrora relacionados somente ao contexto urbano, que da perspectiva de WEISHEIMER (2005) e MARTINS (2007) tornam jovens moradores da zona rural possuidores de especificidades variantes, sejam pelos que ainda estão invisibilizados socialmente, ou que acompanham a tendência a migração por conta das condições relacionadas a situação social e educacional, o meu interesse nesse contexto, foi compreender qual a contribuição da raça enquanto formadora de especificidade? E conduzo essa indagação descrevendo um acontecimento, a partir de vários relatos escutados por mim, enquanto estive no campo.

*Voltemos nossas imaginações para a quadra de uma escola, numa tarde de sol, numa faixa das 15h00hs, era intervalo, estavam todos os estudantes, se ouve de repente os alertas em azul e vermelho do tático móvel, eram 3 viaturas, descem delas alguns policiais altamente armados, a bola corre na quadra os rapazes se ajuntam, alguns com mais medo se escondem, outros observam, as meninas assustadas, um morador sai na porta de casa e entra rapidamente, outros rapazes sentados na porta da quitanda, correm pelo pasto.*

*Os policiais se aproximam, os meninos são revistados, a típica abordagem policial, que cumpre os protocolos de averiguação, com “elementos” considerados suspeitos, boné no chão, bermudas revistadas da bainha até a última costura, mãos entre os sacos e virilhas, pistolas apontadas, um terror se instaura, alguns enfileirados próximos a tela rasgada da quadra, outros que já foram baculejados observam. A vice-diretora se aproxima, questiona, o porquê da abordagem? Recebe uma resposta qualquer, em silêncio, o último menino é revistado, perguntas soltas, de onde você é? Sou estudante, e você? Também, pegam documento de um, entregam o documento de outro, parece uma operação de guerra, entram todos novamente na viatura, ouvimos o barulho estrondoso dos pneus, que se juntam a poeira da estrada, e o medo nos rostos dos jovens rapazes (DIÁRIO DE CAMPO).*

Esse relato construído com base em diversas escutas no campo nos permite relacionar que as experiências de violência que jovens homens negros sofrem na zona urbana, são as mesmas nos contextos rurais, a raça enquanto uma especificidade, reserva para condição dos sujeitos negros, vulnerabilidades

elencadas sempre a partir da aparição, os jovens no pátio eram na sua maioria negros e estavam na escola, permaneceram na quadra assustados, não deram nem um passo, mas os seus corpos indicavam perigo, eram suspeitos. Os significados que aparecem nas entrelinhas deste breve relato dialogam com as definições de ALVES (2016) ao tratar sobre a imaginação branca e o terror racial, que elege corpos de homens negros como predispostos a criminalidade, o autor considera que a imaginação branca produz uma política de representação de homens negros onde controle é marca principal para a disseminação do terror racial, ressaltando que esses mecanismos de controle se sustentam no discurso de sobrevivência da nação em detrimento de corpos concebidos como ameaça.

Ao observar o mapa de estudos sobre juventudes rurais<sup>7</sup>, que concentra os dados das produções acadêmicas no Brasil sobre a temática, WEISHEIMER (2005), um fator chama atenção, a ausência de uma abordagem racial, como parte da análise acerca da categoria juventudes rurais, na minha interpretação há nas experiências de jovens na zona rural especificidades correlacionadas a questões de ordem estrutural, onde a raça ocupa espaço central na análise, por apresentar-se a partir da “visualização do corpo” OYĚWÙMÍ (2018).

Considerando que a raça também estrutura invisibilidades sociais, a crítica é aqui direcionada, com base nas abordagens defendidas no mapa de estudos sobre as juventudes rurais no Brasil, que segundo WEISHEIMER (2005):

A “situação de invisibilidade” a que está sujeito esse segmento da população se configura numa das expressões mais cruéis de exclusão social, uma vez que, dessa forma esses jovens não se tornam sujeitos de direitos sociais e alvos de políticas públicas, inviabilizando o rompimento da própria condição de exclusão. Nesse contexto, a juventude rural aparece como um setor extremamente fragilizado de nossa sociedade (p. 8).

---

<sup>7</sup> No texto Estudos sobre a juventude rural no Brasil são apresentados os resultados da análise das publicações selecionadas para este trabalho, oferecendo ao público um quadro desse campo de investigação, por meio do mapeamento das pesquisas sobre o tema no Brasil. Inovando ao trazer uma abordagem quantitativa dos trabalhos referenciados via Internet (principal fonte do estudo), o texto permite observar, no período estudado, a evolução dessas obras por tipos de publicação e instituições nas quais foram produzidas, além do recorte estadual dessa produção e das principais linhas temáticas e abordagens teóricas. Por fim, numa análise apurada dessa produção, o autor aponta consensos e principais limitações dos estudos realizados nesse período. Weisheimer (2005, p 4). <file:///C:/Users/julio/OneDrive/Documents/Juventudes%20rurais%20- mapa%20de%20estudos%20recentes.pdf>

Para adensar tal debate, apresento um estudo mais recente das autoras Aline Barasuol – Sheila Maria Doula – Amábile Tolio Boessio com a temática sobre Jovens e juventudes em contextos rurais: produções científicas da pós-graduação brasileira (2010-2015) revelando que nos últimos cinco anos a categoria racial segue invisibilizada, nos estudos sobre juventudes rurais, tendo somente uma única variação para perspectiva de gênero nesse espaço tempo, como fica evidente ao comparar as Temáticas dominantes nos resumos das teses e dissertações nos dois estudos de (1990- 2004) e de (2010-2015).

Catálogo temático de bibliografias: juventude rural no Brasil (1990-2004):

1. Juventude e Educação Rural
2. Juventude Rural, Identidades e Ação Coletiva
3. Juventude Rural e Inserção no Trabalho
4. Juventude e Reprodução Social na Agricultura Familiar

Jovens e juventudes em contextos rurais: produções científicas da pós-graduação brasileira (2010-2015):

Educação

Cultura

Projetos e Trajetórias

Trabalho

Reprodução Social

Gênero

Migração Juvenil

TICs

Protagonismo Juvenil

Se contabilizarmos em termos, quantitativos com as mesmas metodologias utilizadas pela pesquisa podemos afirmar que, a quase 30 anos a categoria racial, não assume protagonismo nos estudos sobre juventude rural, sendo dessa forma os verdadeiros sujeitos invisibilizados pela condição racial, e por análises que negligenciam raça, e adota etiquetas tradicionais para homogeneizar sujeitos

diversos com características plurais e aspectos estruturais de desigualdade que vão desde a negação da terra até o apagamento de práticas culturais, ao ponto que me posiciono a dizer que, não há relevância acerca das invisibilidades das juventudes no meio rural, quando negligencia-se a categoria racial, tratando apenas de aspectos étnicos, como forma de explicação.

Seguindo a abordagem sobre o termo invisibilidade, em um dos seus estudos NEUSA GUSMÃO (1991) ao tratar sobre “a questão política das terras de preto” elabora uma análise na relação com a terra e com as políticas que restabeleceram a posição subalterna para população negra, com base na expansão capitalista, ou seja, com uma desagregação que individualizou em termos de mercadoria a mão de obra negra, tornando sua a condição racial mais próxima da atividade escravocrata, a autora enfatiza que:

O presente dos grupos rurais negros é, portanto, um momento de grandes transformações: sua terra e seu trabalho enfrentam turbulências que significam em verdade, a sua expropriação. A ordem social construída no interior da história particular de cada um torna-se difícil de ser mantida. Parafrazeando Vogt e Fry, pode-se dizer que a história dos grupos negros transformadas pelo tempo ou a transformação de sua realidade histórica, consiste em um processo onde busca-se dar continuidade ao universo negro e, ao mesmo tempo diz-se dele como universo de luta (p.29).

Neste sentido, segundo a autora, a população negra rural, tem a luta como parte de sua trajetória coletiva, com a expansão do capitalismo, a luta pela terra, pelo trabalho, pelo acesso à educação e a saúde. O que procuro apontar é que há especificidades que diferenciam as experiências de jovens negros e não negros na zona rural, a invisibilidade das juventudes no contexto rural apesar de serem uma realidade comprovada pelos estudos, negligenciam o aspecto sócio histórico como fonte analítica e comparativa.

A necessidade de incorporação da abordagem racial, nos estudos de juventudes rurais como elemento central, para além do conceito de etnia, tem na sua crítica uma relação com a herança histórica da luta pela manutenção de direitos, da população negra neste contexto, buscando na escala social, demonstrar quem ocupa desde sempre as posições, de dominação e de subalternizado.

A presente pesquisa enfatiza que o rompimento com a dicotomia rural e urbano, que perpassa por considerar que os impactos da modernidade estruturaram modos de opressão onde a raça o gênero e a sexualidade, compõem os repertórios

nas experiências de vida de cada sujeito traduzem aspectos onde a condição racial sobrepõem a condição de jovem rural quando observada enquanto especificidade, seja na ação da violência ou na invisibilidade produzida pelo racismo, possibilitando a construção de narrativas pautadas na experiência do sujeito racializado, como categoria de análise.

A racialização é parte dos processos propostos pela modernidade, como tem defendido, a perspectiva decolonial ao relacioná-la com colonialidade, pois, tem produzido sobre as novas identidades societais, violências que se fundamentam na condição de sujeito subalternizado. A modernidade é em sua totalidade, como defende MIGNOLO (2017) colonialidade, pois estruturou com base na transformação social ao longo dos séculos, dispositivos de dominação, que desde o tráfico negreiro, até a expansão capitalista, controlam e administram a economia, as subjetividades e as normas em relação a gênero e sexo.

O avanço da violência no campo, é resultado dos efeitos da expansão capitalista, instaurando a individualidade nas relações sociais, fragilizando as relações coletivas, a presença negra nesses contextos sempre esteve relacionada a resistência e a luta, as suas posições nos informam acerca da condição específica de jovens homens negros do Outeiro Redondo que trabalham e estudam, que plantam nas suas pequenas propriedades ou de outrem, sem muito investimento como fonte de subsídios para sobrevivência, mas ao mesmo tempo valoram o emprego formal como saída para imprevistos da atividade agrícola rural, as especificidades de jovens homens negros rurais estão também relacionadas ao fato de não serem proprietários de extensas terras tendo que trabalhar e estudar.

A perspectiva Fanoniana em os “condenados da terra” ajuda-nos a explicar, como fora construída a posição social de homens negros com base na condição de sujeito racializado, estabelecendo cisões a partir da raça, FANON (2008) ao discutir a acerca da experiência vivida do negro, ressalta que: “antes do homem negro ser um homem, ele é um negro” ou seja uma condenação dada a partir da sua condição racial, que irá direcionar os aspectos econômicos, geográficos, culturais e sociais da vida do sujeito negro, historicamente homens negros estão em posições subalternas, em constante lutas pelo direito a terra, como bem salienta FERREIRA (2016) ao investigar os sentidos atribuídos a raça pelos homens negros no MST. A situação dos jovens homens negros no Outeiro redondo é ilustrativa e dialoga nitidamente com impactos da individualização nos processos das relações sociais,

com avanço de fenômenos sociais, como a violência e a criminalidade, com a precarização do acesso a educação e o fortalecimento da migração do campo.

Com esses argumentos, pude construir com a inserção na comunidade do Outeiro Redondo, uma análise que se vale da contextualização, das narrativas e das subjetividades, como vetores para formulação da categoria empírica *jovens homens negros rurais*. A formulação dessa categoria baseia-se na abordagem que considera a raça como eixo central, que estrutura de forma objetiva formas específicas de opressão.

A identidade do jovem rural negro se difere de forma específica da identidade de jovem rural não negro, pois a representação do corpo negro aloca esses sujeitos em posições de desigualdades históricas que de certo modo “apagam” a pertença rural como um fator que os identifica, essa afirmação ganha substância explicativa, ao considerar que no contexto da comunidade do Outeiro Redondo os jovens homens negros, tem experiências similares com a condição racial ao afirmarem, que na sua maioria, já passaram por experiências, onde a condição racial prevaleceu. Acho relevante a exposição do breve relato de um dos jovens rapazes, durante uma de nossas rodas de conversa com a temática sobre extermínio da juventude negra.

*Após a exibição dos vídeos que utilizava como mecanismos de interação e motivação dos alunos meninos e meninas da turma do terceiro ano de 2018, eu costumava fazer a seguinte pergunta: o que vocês acharam? Por alguns instantes um silêncio, mas logo depois eles iniciavam com uma tempestade de informações, eu obviamente deixava acontecer e procurava dar dimensão ao que se repetia por diversas vezes, o vídeo era sobre as experiências com o racismo eram relatos fortes, tratavam de representação, perseguição da polícia, racismo na entrevista de emprego, estética, mas o que mais motivava os meninos principalmente era a experiência com ação da polícia, e mesmo parecendo tendencioso a condução do meu argumento, eu não posso negar o que o campo revelava, estava aos meus olhos, mas, para além dos olhos estava nas expressões e na compreensão do que significava para os jovens rapazes ao falarem.*

*E neste dia algo me chamou muito atenção quando um dos rapazes, o Antônio, respondeu uma das minhas perguntas sobre quem já teria sofrido abordagem policial, com um breve relato que me chamou atenção, pela proximidade com tantos outros já escutados no campo. Eles estavam bastante agitados*

*conversando entre eles, o Antônio é um rapaz negro com idade entre 18 e 19 anos, ele conversava bastante na sala, era considerado um tanto indisciplinado, mas eu gostava muito de observar as colocações dele durante as rodas de conversa, após quase toda turma levantar a mão dizendo que já teria sofrido abordagem policial, o que é algo comum, Antônio inicia um relato ali mesmo com seus colegas:*

*“Por que naquele dia tu não se botou com a caatinga, ficou que nem puta, não senhor, eu sou trabalhador, eu trabalho na roça não leve minha moto não, ai tu ficou chorando que nem puta” (risos).*

*Logo depois eu muito curioso sobre o ocorrido depois do final da roda de conversa o abordei para saber mais, tinha ainda uns alunos na sala e começamos a dialogar, eu perguntei a ele onde foi a abordagem, ele me respondeu, indo para casa, a viatura veio de lá e parou a gente, “mas olha professor, porque é a gente pobre, assim preto, só porque a gente tava correndo, que nada eles param a gente direto, não tem hora, joga tudo no chão e se você reclamar apanha”, outro dia um me deu um brocão porque eu falei que não era bandido e trabalhava, os branção barãozinho passa tudo em alta velocidade levantando poeira e eles num diz nada! (Gesticulou com as mãos)*

*Um dos rapazes que estava em volta interagiu dizendo “é mermo, rola várias dessas ai, quem vai se botar com os homi, eu mermo entrego logo os documentos e peço pra não levar minha moto, eles pensa que é roubada porque tem muita moto de rolo ai”*

*Eu apenas observava, sem fazer nenhum juízo de valor, no final eu apenas perguntei: por que vocês acham que acontece isso? Antônio me responde: Eles pensam que nos todos aqui é tudo malandro, que a gente não trabalha, outro dia um me perguntou aqui na frente da escola, você trabalha? tá fazendo o que aqui? isso revolta o cara véi! Você trabalha na roça e vem uma desgraça lhe perguntar se você trabalha (Diário de Campo).*

Esse relato quando analisado com base em um conjunto de informações que construir na observação no campo, revela-nos que há uma relação concreta de raça e racismo com as experiências dos jovens homens negros na comunidade do Outeiro, isso fica evidente nas falas dos rapazes, mas também na forma como eles compreendem os sentidos das abordagens e vigilância que estão submetidos seus corpos. E afirmo isso, remontando um perfil do jovem rural, não essencialista, mas,

que carrega na sua identidade aspectos que informam que são trabalhadores da terra na sua maioria, que possuem relação geracional, que dialogam com a comunidade a qual pertencem, ao contrário do que aparece nas narrativas dos rapazes.

Eles são reconhecidos enquanto possíveis envolvidos com a criminalidade do que como agricultores estudantes ou filhos de trabalhadores rurais, donos de pequenas terras, o que nos aponta que a raça produz a cisão e a especificidade para jovens homens negros da zona rural, essa representação tem uma formulação relacionada com dispositivos de dominação, que pautam no corpo, o lugar de interpretação de uma identidade fixada.

Lembro-me que nas últimas semanas de visitas ao Outeiro, pude está muito próximo e entre os rapazes na escola, e percebi que o referencial geracional e de parentesco para eles tem uma relevância valorosa, e trato dessa questão aqui, e abordarei mais adiante, pois, reconheço nas pessoas do interior, essa particularidade de sermos reconhecidos enquanto pertencentes a uma determinada família, sempre referenciada a partir da figura paterna, informando de onde nós somos, e até mesmo quem somos em termos de caráter, personalidade, sem esquecer dos códigos de masculinidade que estão, impressos nessas concepções que se referem ao status provedor da posição masculina, exercendo seu aspecto central como forma de especificar pertencimento, portanto, cada jovem rapaz negro e estudante do Outeiro possui sua identidade, suas referências, seu lugar de origem, eles não são apenas um corpo, não são pertencentes a objetividade nomeada de uma raça.

Em uma das entrevistas, um dos rapazes relata que a conduta dele precisa ser correta para honrar o nome dos pais, isso é algo muito importante, ao demonstrar como são construídas as identidades desses jovens rapazes na zona rural, como trabalhadores da terra e estudantes com condutas pautadas em valores geracionais. Ora esses elementos que compõem as identidades dos jovens rurais do Outeiro Redondo são negligenciados, quando dispositivos de vigilância são adotados como forma de dominar corpos a partir de referências pautadas na representação objetiva, a raça aparece nesse cenário, como estrutura que valida a potencialidade da violência, enquanto um mecanismo de controle sobre corpos racializados.

#### 1.4 Validando hipóteses, construindo um panorama etnográfico.

O trabalho de campo tem buscado, com a observação do cotidiano de jovens homens negros rurais na localidade do Outeiro Redondo, construir um panorama etnográfico que se orienta a partir da interpretação dos sentidos e significados sobre raça e racismo na construção das identidades e dos seus projetos de vida. Como defendi inicialmente, a etnografia tem legitimidade para atuar como método de investigação científica, apoiando-se na perspectiva dos sujeitos enquanto voz, eminente MARCUS (1991). Buscando estabelecer com a análise um panorama com base na validação das hipóteses iniciais e progressivas<sup>8</sup> que se construíram antes e durante a presença no campo, sendo elas as condições vulneráveis para acesso à educação, e o avanço da violência resultando numa vigilância sobre os corpos de jovens homens negros que estudam na comunidade.

Este capítulo procurou validar essas hipóteses tendo como base a observação participante e a investigação de fatos ocorridos na comunidade do Outeiro, a exemplo da presença da polícia e as narrativas sobre, abordagens feitas nos estudantes. A análise que compõem a indagação da pesquisa relaciona parte da perspectiva Durkheimiana sobre fato social<sup>9</sup> reconhecendo a sua função coercitiva para manutenção da coesão social, mas refutando o caráter de “existência independente” como se os sujeitos não atribuíssem sentidos aos efeitos produzidos pela coerção que são submetidos na estrutura social.

Para DURKHEIM (2007 p.10) “Um fato social se reconhece pelo poder de coerção externa que exerce ou é capaz de exercer sobre os indivíduos; e a presença desse poder se reconhece por sua vez, seja pela existência de alguma sanção determinada, seja pela resistência que o fato opõe a toda tentativa individual de fazer-lhe violência”.

---

<sup>8</sup> As categorias ou temas que escolhemos para observar não são necessariamente escolhidos previamente; na maioria das vezes esta escolha se dá a partir do desenvolvimento do trabalho de campo, a esse movimento da pesquisa chamamos hipóteses progressivas (HAMMERSLEY, 1983), pois a cada momento de reflexividade sobre o trabalho de desempenho no trabalho, modifica-se o caminhar e cria-se um movimento próprio aos dados e como de eles refletem as nossas questões (p.67). MATTOS, CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG., and. CASTRO, PA., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. <http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>.

<sup>9</sup> É fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais. (Regras do método sociológico 1995 pg13)

Ao estabelecer essa relação, compreende-se que a ação dos fatos ocorridos no Outeiro, revela um caráter coercitivo de um ponto de vista da vigilância, sobre os corpos que estão inseridos naquele contexto, mas também naturalizado, pelas regras normativas incorporadas como mecanismos de coesão social.

*Para justificar tal argumento, quero utilizar um relato que foi emblemático para mim, pois ele se diferiu de todas as outras narrativas por mim escutadas no campo trata-se de um diálogo meu, com o porteiro, seu Zé, nome fictício de um segundo informante no campo, ele é um homem negro com idade entre seus 48 e 50 anos, morador da localidade, católico, estava sempre com uma camisa com a padroeira da comunidade estampada logo na frente, ele presta serviço ao Duque de Caxias escola de ensino fundamental do município que fica no mesmo compartimento das aulas que o Anexo Outeiro, o termo compartimento é uma tentativa de informar ao leitor ao que realmente me refiro, um espaço, com pouca extensão com algumas salas sem muita ventilação onde o barulho é um vilão para o aprendizado, e certamente para a performance de qualquer professor.*

*Dando continuidade, em um dos meus diálogos com seu Zé na entrada do que descrevo como compartimento das aulas, eu o questiono sobre suas lembranças dos fatos ocorridos com a presença policial na localidade, ele parecia sempre muito relutante em tratar desse assunto comigo, mas eu sempre insistia, por ele ser morador e ter conhecimento das diversas situações que ocorrem na comunidade, ele também assim como Marcos que descrevi aqui como funcionário polivalente, tem proximidade com os rapazes e as moças na escola, mas evidencio aqui, a proximidade de seu Zé com os rapazes, pela relação estabelecida pelos códigos de masculinidade, a exemplo dos diálogos sobre campeonato de futebol, ou montaria em alguma cavalgada, observar essa dinâmica, sempre me remetia as questões levantadas por ROLF RIBEIRO (2003) em seu livro: A confraria da esquina, quando descreve que durante diálogos entre homens existem assuntos, estabelecidos pelos mesmos que elaboram uma característica preponderante da construção da masculinidade, a exemplo das conquistas esportivas, façanhas amorosas e demonstração de poder.*

*Ainda sobre a relação de proximidade com os rapazes é preciso pontuar que há uma diferença de Marcos para seu Zé, ao que me parece, ambos divergiam quando o assunto era fazer uma análise sobre a presença da polícia e das*

*abordagens feitas aos rapazes, seu Zé certa feita, mesmo sem querer falar muito sobre o assunto me disse que: “eu vejo as abordagens aí, mas tem que fazer mesmo, se tem violência, a polícia tá fazendo o trabalho, tem que fazer” no mesmo instante eu perguntei a ele, mas mesmo no espaço que é uma extensão da escola a quadra? O que o senhor acha que os meninos sentem? Ele me respondeu: “medo, ficam assustados, mas tem uns que não ficam não (risos) a polícia chega faz o trabalho dela e vai embora, quem não deve não teme” (risos).*

*Esses risos entre as falas de seu Zé parecem informar que ele sabe bem mais, e por isso acha natural a abordagem policial feita nos rapazes estudantes, e por ser um morador da comunidade isso se torna mais importante, seu ponto de vista pode aproximar-se dos outros moradores da localidade, ora a vigilância sobre esses corpos para seu Zé é necessária, pois “quem não deve não teme” e seu argumento é justamente sustentado pelo caráter de coesão que as abordagens policiais tem enquanto mantenedora da ordem e do combate a violência, tendo a vigilância como um organismo de coesão social.*

*Por outro lado, MARCOS ao relatar mesmo com certo receio sobre suas, experiências com os fatos ocorridos no Outeiro, ele não ver com naturalidade a ação de agentes da polícia, atuando em um espaço que pertence ao domínio da escola, ainda que esteja na sua área externa, certa vez ele me relatou que: “temos que separar o joio do trigo, aqui tem gente que é envolvido, e por isso temos que tomar cuidado para eles não dizerem que estamos vendendo a vida deles, mas tem muito menino trabalhador, honesto que não se envolve, por isso eu lhe disse para você ter cuidado no que fala, pois eles (falando bem baixo) ficam olhando pra sua boca pra ver se você tá falando alguma coisa, já tivemos problemas aqui com isso. Mas isso não justifica a polícia querer abordar todo mundo”.*

*Esses dois relatos para mim foram profundos e estabeleceram para o panorama etnográfico da pesquisa, um aspecto empírico, de um ponto de vista da perspectiva, mas também na forma como os sujeitos naturalizam regras e normas que atuam em seus comportamentos e subjetividades. Tanto o argumento de que: “quem não deve não teme” quanto o de que: “temos que separar o joio do trigo” são emblemáticos, pois ambos revelam as diversas interpretações e significações atribuídas a um fato por membros de um mesmo grupo social, e ao mesmo tempo divergem e se relacionam ao pensarem as regras e condutas coercitivas impostas para o funcionamento da estrutura social (Diário de Campo).*

Desse modo, o trabalho de campo nos aponta, que com o crescimento da violência e criminalidade na comunidade do Outeiro Redondo, alinhado a presença de jovens homens negros como estudantes naquele contexto, tem se produzido um movimento de regulação e vigilância com base na representação racializada de seus corpos, isso tem se confirmado não somente na observação, mas nas interpretações de diálogos, que se adensam no sigilo, e na restrição dos sujeitos ao serem indagados, remontando um conflito constante.

É notório que há no cotidiano da comunidade do Outeiro uma tensão que posiciona os jovens estudantes negros como parte desse movimento de violência e criminalidade, seja pela relação direta com os segmentos do tráfico que se refugiam na comunidade, ou simplesmente por ser um jovem negro, e ter inscrito em seu corpo as referências de predisposição e tendência ao crime, criados pelos dispositivos de controle. A minha afirmação acerca dessa notoriedade tem uma fonte construída com base na observação, mas não somente como um modo de observar, mas, como uma tentativa de interpretar gestuais, tons da fala, emoções a persistência e as contradições nos pontos de vista; foi desse modo que consegui compreender que, os risos de seu Zé e a preocupação de Marcos, tem uma relação que confirma os aspectos contidos sobre o avanço da violência na localidade, para eles os rapazes com condutas de trabalhador, não teriam problemas com conflitos desencadeados pela relação da criminalidade com os agentes de segurança pública, visto que a última está cumprindo, sua função enquanto parte do poder do estado, garantindo segurança.

Até aqui, o que sabemos é que há nas representações dos sujeitos uma relação com sua condição racial, e que de certa forma, ser um jovem negro, é um risco constante, é possível evidenciar essa narrativa nos diálogos em que os jovens rapazes assumem com suas experiências, essa dimensão vulnerável, produzida pelo racismo. Basta fazermos uma relação com as perguntas feitas durante as abordagens, motivando o medo, descrito pela perspectiva de seu Zé, ou até mesmo, o entendimento individual de que “o racismo sempre vai existir, mesmo que o mundo seja feito somente com pessoas negras”.

Essa frase foi emitida por um dos rapazes entrevistados durante a pesquisa, sinalizando para um fator de ordem interpretativa de como esse sujeito se pensa e como ele compreende o contexto que está inserido, de forma ampla onde a raça aparece não somente enquanto uma diferença para representação, mas nos efeitos

comportamentais e porque não dizer psicológicos, que dão legitimidade ao racismo enquanto fator de coesão social, naturalizando as posições de poder de pessoas não negras e subalternizando a posição social do negro. Esse argumento que aparece de modo individual, em um dos diálogos entre os rapazes, tem caráter subjetivo, mas nos convida, a retirar as máscaras construídas pela colonialidade, para vivermos nesse “mundo verdadeiro”, parafraseando FANON (2008).

Essas máscaras impedem que reconheçamos que fora produzida para existência negra uma cisão por meio da diferença, pois, foi, e é, através desse mecanismo de dominação que se movem estruturas sólidas e renováveis como o racismo, o argumento de um dos rapazes revela que a experiência vivida pelo homem negro em contextos atingidos pela colonialidade, é uma experiência conduzida pelas referências de um mundo com representações que os posicionam, a partir da diferença estabelecendo limites para existência negra, produzidas por um jogo onde o modelo ideal é forjado pelo mundo do homem branco.

Alcançar o ideal para existência em “mundo verdadeiro” coloca o homem negro posicionado numa encruzilhada, onde quem ocupa posição central é o referencial branco, essa mesma encruzilhada posiciona no centro a coercitividade e as normas como bases para reprodução de condutas elegíveis para coesão social, onde a raça tem sido nesta encruzilhada, posta no campo unilateral, na tentativa de não revelarmos a ação de dominação que atinge corpos negros nos seus diversos contextos.

A crítica desenvolvida neste capítulo acerca da invisibilidade do conceito de raça como fator para estudos de juventudes rurais tem em seu princípio o reconhecimento dessa dominação sobre pessoas negras que ocuparam na escala hierárquica nos contextos rurais, a condição de sujeitos que resistiram na luta, por suas terras, pelos seus costumes, pelo direito a organizar-se, enquanto coletivo. Não reconhecer a condição racial para análise em contextos rurais, classificando-os somente enquanto jovens invisibilizados pela condição rural, é a meu ver, negligenciar a trajetória de luta e persistência do racismo na sociedade Brasileira.

Durante a pesquisa, fiquei curioso sobre a atividade de agricultor de alguns dos jovens rapazes, que estava investigando, e perguntei a eles sobre a terra em que eles plantavam, as condições econômicas das suas famílias, e ficou evidente que não estava lidando com filhos de nenhum latifundiário, muito pelo contrário, como já fora descrito aqui, a comunidade do Outeiro Redondo é cercada por

comunidades remanescentes de Quilombo, e somente isso nos informa o símbolo de resistência que marcou a posse de terras de muitos dos pais desses rapazes, lembro-me que apenas um se declarou como quilombola, mas todos se auto declararam negros, filhos de famílias pobres e que para eles, ajudar a família com o trabalho era essencial, nenhum relatou sobre plantações a nível industrial, inclusive sempre enfatizavam sobre incerteza pela falta de tecnologias e a ausência da chuva.

A crítica ao argumento de invisibilidade de jovens rurais levantada pelo mapa dos estudos de juventudes rurais, sem um detalhamento racial, parte dessa análise feita por mim no contexto do Outeiro, defendendo que as invisibilidades das juventudes rurais se adensam quando os sujeitos são posicionados pela raça e pelos contextos territoriais e regionais que estão inseridos, visto que, o contexto na modernidade não é um lugar intocável onde os impactos da transformação social, não possam exercer seus efeitos.

Por fim, este panorama etnográfico, posiciona o leitor acerca da problemática, que formula a indagação da pesquisa, apresentado o contexto as perspectivas teóricas e metodológicas estabelecendo relações e correlações com a temática jovens rurais e raça. A pesquisa toma a análise de fatos como fontes para interpretação dos sentidos e dos significados de raça e racismo, para os jovens homens negros rurais no Outeiro Redondo, focando em dois fatores específicos, o primeiro que revela a precariedade das condições para acesso a educação desses jovens e o segundo que interpreta seus corpos como potenciais alvos de vigilância para segurança pública, tendo em vista o avanço da criminalidade naquele contexto.

Das diversas questões que a pesquisa tem levantado uma detém espaço central, que é justamente, a que tratarei com mais afinco no último capítulo, a relação da raça com as experiências que os jovens homens negros do Outeiro tem na construção dos seu projetos de vida, essa argumentação, procura focar nas subjetividades e nas escolhas individuais como uma fonte analítica das experiências com raça e racismo, naquele contexto.

## CAPÍTULO II

### SENTIDOS E SIGNIFICADOS ATRIBUIDOS A RAÇA E RACISMO, PELOS JOVENS HOMENS NEGROS NA LOCALIDADE DO OUTEIRO REDONDO.

*Sou bom rapaz, só não tenho tradição  
Em contra partida sou, de boa família.  
Olha doutor, podemos rever a situação  
Pare a polícia, ela não é a solução, não.  
Não sou ninguém, nem tenho pra quem apelar  
Quando a polícia cai em cima de mim  
Até parece que sou fera (Edson Gomes)*

Neste capítulo discutirei a partir da perspectiva de Clifford Geertz e Sherry B. Ortner os sentidos e significados, que os sujeitos sociais jovens homens negros da localidade do Outeiro Redondo, atribuem a raça e ao racismo a partir das relações sociais nos contextos que estão inseridos. Segundo GEERTZ (2008) a cultura é a teia que estrutura sentidos e significados para os sujeitos sociais. ORTNER (2007) por sua vez enfatiza como fator relevante para o argumento a subjetividade dos atores sociais, que a autora considera como “estados internos dos sujeitos atuantes”. Com essas abordagens procuro estabelecer uma relação entre cultura e subjetividade na atribuição de sentidos e significados, procurando utiliza-las como referencial para interpretação dos dados obtidos com a investigação a partir do diálogo com os sujeitos, no trabalho de campo.

Os relatos que seguem são resultados de três rodas de conversas desenvolvidas com os alunos do terceiro ano no anexo escolar na localidade do Outeiro redondo. A finalidade das rodas de conversas foram de obter proximidade com os jovens rapazes negros com idades entre 16 e 24 anos, e compreender suas percepções acerca de raça e racismo, foram utilizadas uma série de três vídeos do Canal Futura de nome “Diz aí”<sup>10</sup> que discutem problemas relacionados ao racismo que atinge a juventude negra.

Essa metodologia justifica-se pela busca de um método de abordagem que em conjunto com a etnografia e a antropologia crítica, possibilitasse um diálogo com

---

<sup>10</sup> Sobre o Diz Aí: O objetivo dessa temporada é fomentar reflexões e trazer experiências que contribuam para o combate à violência e diminuição das altas taxas de homicídio que vitimizam os jovens brasileiros, sobretudo, os jovens negros. Esta nova leva de programas, em parceria com a Querô Filmes, conta com participação de grupos do Pará, Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro. <http://www.dizai.org.br>

os sujeitos investigados, construindo uma narrativa onde suas perspectivas pudessem ser centrais para o desenvolvimento da pesquisa. PINHO (2016) ao tratar do caráter emancipatório da abordagem etnográfica, desenvolvida pelo grupo de pesquisa Brincadeira de Negão- Identidade e subjetividade de jovens homens negros na escola Pública, no Recôncavo da Bahia, elabora na introdução do seu artigo uma densa provocação que contextualiza a situação do homem negro, inserido em um contexto racializado, ao mesmo tempo que nos provoca a refletir a acerca dos os impasses e desafios antropológicos e epistemológicos para produção de uma abordagem que dialogue e produza não somente a criticidade mas a emancipação junto aos interlocutores, produzindo o que o autor descreve como “conhecimento comprometido”.

A abordagem tem sem dúvida uma característica de cunho descolonial quando propõem, uma reflexão acerca da epistemologia e dos seus desafios para produção de um conhecimento pautado na experiência e nas subjetividades dos sujeitos racializados, propondo formas emancipatórias, que produzam nos sujeitos reflexões acerca da sua condição subalternizada e da sua agência e resistência frente aos impactos da modernidade no sistema mundo, o resultado desse diálogo que tenho defendido como bifocal segue as definições de MARCUS (1991) ao tratar da presença do etnógrafo no campo, numa inter-relação dialógica entre a observação do pesquisador e as vozes dos sujeitos da investigação.

Na primeira roda de conversa, desenvolvida com os jovens rapazes no anexo escolar Outeiro Redondo, sobre a temática raça, procurei trabalhar com a contextualização da abordagem racial<sup>11</sup>. O vídeo utilizado tratou sobre o contexto do racismo em nossa sociedade, relatando as diversas experiências com o racismo vivenciadas por jovens negros nas cidades da Bahia, Pará, São Paulo e Rio de Janeiro. A finalidade com exibição dos vídeos foi de motivar que os jovens rapazes estabelecessem relações com aspectos ou situações discutidas durante os vídeos com as suas vidas cotidianas, o interesse central era observar percepções, diálogos acerca dos relatos no vídeo, valorando toda e qualquer forma de percepção, compreensão, interpretação e sentido atribuído as experiências relatadas no vídeo.

---

<sup>11</sup> Diz Aí - Enfrentamento ao Extermínio da Juventude Negra - Ep01 – Contextualização Contextualização

"O problema do Brasil é social ou racial?". A partir desse questionamento, jovens refletem como o racismo e a ausência de políticas públicas, sobretudo nas periferias, contribuem para o extermínio da juventude negra no país.

Os vídeos tinham duração de sete minutos e logo depois, eu me voltava para os rapazes e algumas poucas moças que também participavam das rodas de conversa e lhes indagava sobre o que eles acharam dos relatos e se aquelas narrativas teriam alguma relação com suas individualidades? No primeiro momento eles concordavam de modo coletivo mas aos poucos, iam especificando e estabelecendo relações com experiências já vivenciadas, sendo o racismo um fenômeno estruturado com base na diferença, que salta os olhos, tendo na cor da pele sua representação efetiva, os primeiros argumentos dos interlocutores na roda de conversa tratavam, sobre assuntos que dialogavam com percepções compreendidas por eles a partir do aspecto visual, como bem salienta OYEWÙMI (2018) ao criticar o aspecto visual tão presente nas sociedades ocidentais que pauta no corpo do sujeitos os referencias para exclusão e diferenciação racial.

Como já relatei no primeiro capítulo, os rapazes do Outeiro Redondo, tem em suas experiências, fatos ocorridos na localidade durante sua presença na escola, que estabeleceram para eles uma relação direta com raça e racismo, a violência que atua sobre a vigilância de seus corpos é compreendida como uma ação produzida pelo racismo, praticada pelos agentes de segurança pública, essa percepção atua como memórias que ao serem acionadas os levam a refletir acerca, do acontecido, lembro-me que nas três rodas de conversa desenvolvidas os diálogos desembocaram, na cena da tarde em que a Polícia militar chegou na comunidade do Outeiro redondo, e abordou todos os jovens que estavam na quadra da escola, ou em alguma outra situação individual em que foram interpelados por sua condição racial.

Seguindo as considerações de OTNER (2007) ao se referir a subjetividade como: “[...] conjunto de modos de percepção, afeto, pensamento, desejo, medo e assim por diante, que animam os sujeitos atuantes. Mas eu sempre me refiro, da mesma forma, às formações culturais e sociais que modelam, organizam e provocam aqueles modos de afeto, pensamento, etc.” (376) a perspectiva da autora parece explicar o que ocorre, na construção de significados relacionados ao racismo, e dos efeitos que eles produzem para corpos negros, a reiteração das narrativas dos fatos ocorridos toda vez que se aborda a temática racial, com os jovens homens negros do Outeiro é um expressão que emite o medo e a ação do controle racial que estão submetidos os seus corpos, como forma de modelar e organizar os sentidos desses sujeitos posicionados na escala da subalternidade.

Esse mesmo argumento parece dialogar com as questões aqui já relacionadas ao terror racial segundo a perspectiva de ALVES (2016), ao considerar o controle policial como fator para manutenção de sistemas de significados que, adotam um inimigo como forma de exercer o poderio e a dominação do estado. Como já relatei os diálogos acabaram por trazer para o debate os aspectos da violência, que aqueles rapazes e suas subjetividades teriam vivenciado, evidenciados nas manifestações do medo, produzido pela relação que era feita entre seus corpos e entre a criminalidade, como se fosse uma regra única para todo sujeito negro.

Os sentidos e significados atribuídos a raça e racismo aparecem aqui alinhados a vigilância e ao controle sobre a presença de jovens homens negros no contexto social do Outeiro Redondo, e isso não é meramente um fato isolado, ALVES (2016) salienta que a experiência masculina negra, é um campo polissêmico para violência estatal, onde o corpo é o ponto de partida. Como já abordei no primeiro capítulo homens negros são distintos e diversos, a racialização, construiu com a objetividade uma armadilha que posiciona seus corpos em representações fixas e coletivas.

## 2.1 Aspectos da Violência na localidade do Outeiro Redondo

A abordagem utilizada sobre violência nesta investigação toma como referência o Mapa da violência: Os jovens do Brasil, (WASELFISZ, 1998, p. 11). Segundo resultados apresentados pelo estudo, a juventude está correlacionada a violência sempre do ponto de vista da relação com drogas, delinquência, armas, torcidas organizadas ou com espetáculos musicais nas periferias das grandes metrópoles. Sem buscar refletir a juventude como vítima de múltiplas violências produzidas pela modernidade, como salienta WASELFISZ, (1998). Desse modo essa investigação toma essa perspectiva sobre violência, na busca de evidenciar a manifestação desse fenômeno social nos diversos contextos bem como evidenciar a sua ação sob a juventude no Brasil.

Tomando o contexto social da localidade do Outeiro Redondo como um lócus de violência estruturada pela criminalidade e pela ação dos dispositivos de poder ao exemplo da polícia e traficantes, onde o primeiro estabelece regras para convivência

interna e o segundo reproduz os mecanismos de controle, como forma de enfrentamento a criminalidade.

O que constatei enquanto estive no campo, é que existe um controle que institui as normas na localidade, no que diz respeito, as regras para convivência na localidade do Outeiro Redondo, essas normas são reproduzidas pela maioria das pessoas que trabalham, estudam ou moram na localidade, eu pude perceber isso desde o primeiro dia de minha inserção no campo, essas normas, parecem dizer respeito ao silêncio como forma de assegurar uma convivência cordial. MBEMBE (2016) ao falar sobre soberania, compreende que essas ações de controle que se interpõem a verticalidade proposta pelo Estado império, atuam como formas de soberania horizontal, ocupando e dominando territórios, ao exemplo do poder paralelo exercido pela facções, antes somente percebida nos grandes centros urbanos, mas hoje interiorizado manifestando-se em contextos diversos.

Lembro-me que fui orientado em diversas questões sobre meu trânsito na localidade, pelo risco de ser interpelado acerca do que estaria fazendo e de como isso seria interpretado. O fato é que as regras naquele contexto são estabelecidas por um poder que se concentra localmente e que tem controle através da imposição do silêncio, a maioria dos diálogos que perpassavam por questões relacionadas a presença policial, ou de membros de facções locais eram emitidos com bastante receio e com uma entonação da voz que sinaliza o risco em está dialogando sobre aquele determinado assunto, isso ocorreu várias vezes, tanto com funcionários como com os rapazes durante alguns diálogos.

Sendo esse o primeiro aspecto da expressão da violência na localidade, e o segundo que tem relação direta com o confronto estabelecido entre a criminalidade e os agentes de segurança pública, ambos produzem para aquele contexto, sentidos e significados acerca da violência. A finalidade de descrever essas características que versam sobre os aspectos da violência no contexto do Outeiro Redondo, é evidenciar para o leitor o contexto de forma panorâmica buscando não cometer vícios que omitam as condições reais que se apresentaram no campo.

Do ponto de vista construído pelo racismo, a presença negra ocupa nesse espaço o lugar da subjugação racial nos termos de VARGAS (2010) e da representação imaginada de acordo com ALVES (2016), sendo dois pontos de análise importante, um construído para classificar os sujeitos da criminalidade e outro com base na ação dos agentes da segurança pública que representa um

dispositivo de controle do estado. Vejamos que com isso constrói-se para experiência negra uma correlação com a criminalidade, onde o corpo negro é automaticamente alinhado aos referenciais que o classificam como pertencente ao mundo crime, em conjunto com significados construídos pelos dispositivos de controle que vão desde a vestimenta, aos cortes de cabelo, formas de falar, andar, marcas de roupas e calçados utilizadas, sem esquecer das tatuagens simbólicas, tudo isso imaginado e fundamentado no corpo.

No tempo em que levei na localidade do Outeiro Redondo fazendo o trabalho de observação no campo, eu pude estabelecer contato com a maioria dos meninos, cabendo aqui uma breve descrição da forma como a maioria deles se apresentavam esteticamente.

*Os jovens rapazes eram negros na sua maioria, com tons de pele mais escuros outros mais claros, mas do ponto de vista da representação racial, eram homens negros. Eles estavam sempre com cabelos aparados variando no estilo, laterais mais raspadas, com a parte cima mais elevada, alguns em fase de crescimento para ficar estilo Black Power, outros com desenhos feitos a navalha. Nos pés na sua maioria estavam sempre de chinelos ou tênis rasteiros, sem muito destaque para marcas, usavam sempre calças jeans ou bermudas na altura do joelho, em conjunto com as camisas da farda que os diferenciava do restante dos alunos por serem ser seu último ano na escola, pelo menos para alguns deles. Não faziam uso de relógios, alguns usavam bonés, era sempre comum poder ver os meninos sem camisa, durante o baba na quadra, com isso pude confirmar que na sua maioria, entre aqueles que observei durante o horário de intervalo apenas dois possuíam tatuagens em lugares visíveis, eram jovens homens negros com características diversas mas não possuíam nenhum dos elementos utilizados como forma de informar relação com a criminalidade (DIÁRIO DE CAMPO).*

A utilização da descrição estética dos rapazes me permite, mas uma vez reiterar, o argumento que tenho defendido, como ponto central na investigação que diz respeito a raça como aspecto central para classificação e posicionamento de sujeitos. Salientando que no caso da análise que recai, sobre os aspectos da violência no Outeiro, as questões simbólicas que caracterizam se um sujeito é um potencial suspeito, é a sua condição racial, o meu argumento se vale das mesmas

prerrogativas que produzem através de elementos inscritos na estética significados e sentidos que classificam a posição social do sujeito, como forma de atestar, que no corpo negro foi produzido, sentidos objetivos e coletivos, pautados na subalternidade, à medida que a política de controle cria como estratégias de ação baseados em símbolos estéticos imaginados, justificativas para o desempenho ordenado da vigilância tal argumento estabelece relação com o perspectiva de PATTERSON (2008) ao salientar que a condição negra é construída com base em uma posição de escravo, que informa, posiciona e possibilita a produção de todas as formas possíveis de opressão/ dominação, que representa o corpo negro de modo objetivo, ele classifica essa condição como morte social elemento que perpassa a experiência negra a partir da escravidão. PINHO (2018) enfatiza, ao problematizar o argumento, que a condição de escravo que define a negritude, produz funções distintas para experiência negra, ao serem desumanizados e considerados enquanto “não humano” e “não pessoa” submetendo a existência negra a “negociações complexas” como define o autor, produzido repertórios de significação projetados no corpo.

Ao relacionar representação estética e o conceito de morte social, procuro correlaciona-las a experiência de jovens homens negros no Outeiro, a condição que alinha seus corpos como passíveis aos diversos aspectos da violência, essa correlação é possível em termos alusivos ao conceito de morte social, ao imaginarmos, ação da violência sobre corpos que são controlados, e interligados por meio da representação, com base na condição racial, esses mesmos sujeitos precisam negociar complexamente modos de desrepresentar PINHO (2004) os sentidos atribuídos a sua presença. Ou seja, os jovens homens negros na localidade do Outeiro, ao compreenderem sobre os sentidos atribuídos aos seus corpos precisam em conjunto com suas subjetividades projetarem formas possíveis para sua existência.

Neste sentido os aspectos da violência no Outeiro Redondo estão estruturados de forma dual de modo a informar o sujeito negro sobre sua condição racial, e ao mesmo tempo interliga-la com as representações que emergem no mesmo contexto, onde a criminalidade e o controle da segurança pública, reproduzem lógicas de violência, atribuindo sentidos diferenciados, neste cenário a posição negra é vista sob vigilância.

Esses aspectos de vigilância se manifestavam também nas narrativas, que uma vez ou outra, escutava, seja na secretária da escola, ou quando estava assentado no murinho da entrada do compartimento das aulas dialogando com os rapazes e seu José o porteiro da escola.

Seu José como já relatei aqui, tinha um ponto de vista que revelava muito sobre a sua compreensão do que é para o negro brasileiro o problema racial, estabelecendo uma forte relação com o mito da democracia racial, revelado por Abdias do Nascimento, nas colocações de seu José era perceptível que o seu entendimento sobre violência racial, era para quem tinha conduta errada, como ele bem relatava:

*“Com que anda certo, não tem nada, ver se eles, (a polícia) quando chega ai, mexe com nois aqui? (Gestos com as mãos apontando para alguns meninos ao seu lado).*

*Agora aqueles que fica de baderna, procurando se envolver cum que num deve, leva até sem tá errado, e eles num se imenda, não. Pra você ter uma ideia esse menino (gesticulando comigo) aqui já aconteceram muitas tragédias casos de muleque, que morreu ai por baixo (apontando para os pastos na lateral da escola) correndo e troca de tiro e foi morto, a polícia diz, que é sempre entre eles, mas sabemos que as vezes não, mas eles não aprende, tem meninos desses aqui que tem parente que já morreu e não toma como exemplo fica na mesma coisa”*

*Logo ao meu lado estava um rapaz da turma do terceiro ano eu já observava ele a muito tempo, mas nunca tinha escutado sua voz, no exato momento que seu José acabou de falar, ele retrucou, “né bem assim não seu Zé, (se dirigindo ao porteiro), quem aqui já num tomou baculejo ai dos homi? quem já não tomou? As vezes nos num tá nem envolvido, temos as vezes alguns conhecidos ai já fica achando coisa”*

*Seu José encerra o assunto os outros rapazes se dispersam para o baba, restando somente eu ele, ele logo em seguida me relata: “Olha esse ai mesmo já teve parente, quanto faltou pra ele morrer, um que morreu um dia desses era primo dele, eles andavam juntos, mas nesse dia não tava se tivesse a policia matava e não dava em nada porque estava com gente errada, o cara hoje tem que saber com quem andar” (risos).*

*Eu observava tudo as vezes com espanto, tratar da temática morte de modo tão comum mesmo com altos índices de homicídios é para mim ainda estarrecedor, ainda mais se tratando de jovens homens negros, sem esquecer que essas narrativas, comprovam que o aumento da violência na zona rural tem também, um aspecto racial, gritante e talvez isso não esteja sendo percebido, pelas pessoas. (DIÁRIO DE CAMPO).*

Essas questões abordadas neste relato nos informam sobre o estado das coisas naquele contexto, mas também nos trazem para o debate alguns pontos ao exemplo da problemática sobre o mito da democracia racial, que produziu essa atmosfera harmoniosa entre violência e racismo que permeada no corpo social, reproduz perspectivas em forma de vozes, como a de seu José, outro ponto é a relação da “conduta errada” com a presença da violência, ao mesmo tempo que considera que a polícia mata, e por fim a presença constante da palavra morte, em quase todas as falas.

Estabelecendo uma relação com esses pontos levantados em uma simples conversa informal, podemos constatar com base no conceito de necropoder, cunhado por MBEMBE (2016) ao informar acerca de uma política de poder que estabelece corpos como passíveis para morte, com base na manifestação da violência racial. MBEMBE (2016) nos apresenta um argumento bem descritivo do que é a nossa construção racial enquanto sujeitos tornados abjetos por essa política de exclusão negra disseminada durante a “ocupação colonial”. Vejamos:

A “ocupação colonial” em si era uma questão de apreensão, demarcação e afirmação do controle físico e geográfico – inscrever sobre o terreno um novo conjunto de relações sociais e espaciais. Essa inscrição (territorialização) foi, enfim, equivalente à produção de fronteiras e hierarquias, zonas e enclaves; a subversão dos regimes de propriedade existentes; a classificação das pessoas de acordo com diferentes categorias; extração de recursos; e, finalmente, a produção de uma ampla reserva de imaginários culturais. Esses imaginários deram sentido à instituição de direitos diferentes, para diferentes categorias de pessoas, para fins diferentes no interior de um mesmo espaço; em resumo, o exercício da soberania. O espaço era, portanto, a matéria-prima da soberania e da violência que sustentava. Soberania significa ocupação, e ocupação significa relegar o colonizado em uma terceira zona, entre o status de sujeito e objeto (p.135).

Ora MBEMBE (2016) descreve como foi instituída a política de poder que estrutura nos termos definidos por ALVES (2016) o terror racial a desidentificação e

a subjugação racial como salienta VARGAS (2010). Demonstrando uma articulação fundada com ao advento da colonialidade, perpassando por uma lógica que tem como finalidade instaurar um poder político pautado na soberania, no controle e na dominação efetiva, sobre saberes, cultura, linguagem, com preponderante posse sobre corpos tornados submissos.

Por fim, é possível detectar que há no jogo de significados e sentidos atribuídos a raça e racismo no Outeiro, uma presença das subjetividades e de relações de poder como salienta ORTNER (2007), produzidas pelos dispositivos de controle que agem sobre as percepções dos diversos sujeitos, a raça se apresenta nesse contexto como um locus estrutural materializado no corpo negro, sua posicionalidade e seu significado tem sido utilizado de formas distintas, pela tomada de consciência produzida com a experiência vivida com o racismo e suas diversas manifestações silenciosas, adotando condutas e assumindo regras comportamentais negociadas como forma de resistência. Este tem sido as constatações feitas por mim entre os jovens rapazes negros do Outeiro, no que diz respeito aos aspectos da violência que os atinge pela condição racial.

## 2.2 “Todo preto toma baculejo” sempre vai ser assim.

Nesta sessão gostaria de debruçar-me, acerca do debate sobre a colonialidade, e do modo como sua ação, tem efeitos sobre a experiências dos sujeitos a partir da sua condição racial, utilizando o conceito de colonialidade do ser cunhado por Walter Dignolo e discutido por MALDONADO TORRES (2007). O conceito é resultado da produção epistêmica, do grupo de intelectuais que trabalham com assuntos relacionados a decolonialidade e colonialidade do poder, procurando centrar sua análise na experiência vivida dos sujeitos atingidos pelos processos de colonialidade tendo como foco a perspectiva decolonial.

Para adensar tal debate recorrerei as contribuições de Frantz Fanon, dialogando com suas abordagens acerca da experiência vivida do sujeito negro, em conjunto com os resultados obtidos no trabalho de campo.

Surgindo como uma variação dos efeitos produzidos pela colonialidade do poder que versa sobre interrelação de formas modernas de dominação nas diversos setores da sociedade, o conceito de colonialidade do ser, é uma tentativa de dar conta da experiência vivida com a colonização e seu impacto na linguagem, segundo

MALDONADO-TORRES (2007). O conceito tem em sua fundamentação um aspecto pautado na existência, dos sujeitos subalternizados onde a linguagem como parte do que os sujeitos são, revela a relação que o poder e a dominação, exercem através da língua, lugar onde o conhecimento é inscrito como salienta MIGNOLO (2003) apud MALDONADO.

Esse apelo existencial, de origem filosófica que pauta no ser a compreensão para os impactos da colonização, nos aponta para uma reflexão que põe no centro do debate a ontologia, essa por sua vez ajuda-nos a compreender os marcadores estruturais que conceberam a ausência do ser em sujeitos com base na diferença, fundamentada pelo mundo colonial, onde a racialização enquanto dispositivo de dominação da colonialidade e da modernidade MIGNOLO (2017) determinam as condições para existência dos sujeitos coloniais, produzindo o que MALDONADO (2007) descreve como:

A existência infernal no mundo colonial [...] A mortalidade e a violação corporal estão inscritas nas imagens dos corpos coloniais [...] Corpos negros são vistos como excessivamente violentos e eróticos, bem como receptores legítimos de violência excessiva, erotismo e outras formas. "Estar morto" e "ser violado" fazem parte de sua essência - entendida de maneira fenomenológica. A "essência" do negro, num mundo colonial anti-negro, faz parte de um contexto mais amplo, no qual a não-ética da guerra é gradualmente transformada numa parte constitutiva de um suposto mundo normal. Em suas conotações raciais e coloniais, o preto é uma invenção, bem como uma projeção do corpo social orientada pela não-ética da guerra. O corpo social assassino e esturpador projeta as características que o definem para sub-outros, a fim de justificar o mesmo comportamento contra eles como resposta. (p.148) (tradução minha).

Ora buscando fazer uma analogia com o cotidiano dos rapazes no Outeiro, as suas "existências infernais" seguindo a considerações da citação acima, estão relacionadas ao que defino na pesquisa como pontos centrais da ação do racismo produzidos pela subjugação racial, que se revelam na má condição de acesso a educação, e no controle de seus corpos subsidiado pela ação da polícia, que executam o projeto de dominação e controle do Estado.

Buscando relação com FANON(2008) ao tratar da experiência vivida do negro, podemos correlacionar com o que MALDONADO (2007) descreve como "existência infernal, no mundo colonial" ao que Frantz Fanon classifica como "mundo verdadeiro", o mundo branco que impõem dificuldades para elaboração do esquema corporal, do homem negro. Essas dificuldades estão presentes nas experiências

vividas dos jovens homens negros no Outeiro, ao percebermos nas suas narrativas que a condição racial, é um fator vivenciado de forma coletivas.

Em mais uma roda de conversa desenvolvida com os rapazes eu opinei por utilizar a temática com relação a polícia e racismo assunto que direcionou os diálogos anteriores que tive com os rapazes, a essa altura o leitor já compreende, que utilizei dos fatos e das narrativas preponderantes no campo para conduzir a abordagem da pesquisa, os diálogos sobre violência policial eram recorrentes, e como pude constatar exerciam significados nas percepções dos sujeitos.

Iniciei mais uma roda de conversa, a turma já havia tomado conhecimento que minhas intervenções com eles não tinham nenhuma aproximação com as aulas formais como estavam acostumados, era um momento de diálogo e exposição de suas ideias com auxílio dos vídeos. Os depoimentos do vídeo tratavam de diversas experiências de jovens negros em alguns estados do Brasil e de como eles percebiam a atuação da polícia, tudo isso fazendo uma relação com raça e racismo. Esta roda de conversa teve um diferencial, era evidente que os rapazes e algumas moças que participavam tinham interesse pelo assunto, talvez pelos relatos nos vídeos despertarem alguma reflexão, mas também pela relação com as experiências vivenciadas no Outeiro. A roda de conversa mais uma vez gerou um bom debate, os relatos se aproximavam muito dos já escutados por mim entre os rapazes enquanto estive no campo. Mas um relato me chamou bastante atenção pela característica coletiva, que ele revelou. Vejamos:

*Jean como já relatei é um desses alunos considerados indisciplinados, eu gostava muito de observar seu comportamento, com os outros colegas durante a roda de conversa ele conseguia motivar a todos na turma a emitir algum tipo de opinião, ele que se sentava no fundo, com um grupo de seis outros rapazes, que riam o tempo inteiro das suas brincadeiras, e nessa interação criada por ele terminavam por participar, trazendo algumas contribuições para roda de conversa.*

*Nesta tarde logo depois da exibição do vídeo, eu os indaguei perguntando sobre as impressões deles em relação aos relatos nos vídeos? “Alguns falavam que gostaram, que acontecia aquilo mesmo, que a polícia sempre aborda pessoas por serem negras”, mas a reflexão que Jean motivou, foi importante pela densidade do que foi dito. Ele se voltou para os colegas, e foi relembrando de abordagens policiais já sofridas por ele e pelos colegas, e num tom jocoso, ora com indignação ao falar,*

*ora fazendo graça de si mesmo, ou dos outros rapazes pela respectiva situação que ele estava comentando, ele foi conseguindo demonstrar que a maioria dos rapazes da turma já teriam passado pela experiência de tomar o “baculejo” como ele e os outros rapazes chamavam a abordagem policial, logo depois ele se volta para mim como quem quer informar que nada daquilo é novo, nem para ele e nem para maioria dos que ali estavam e me diz: “Que nada professor! aqui todo mundo já tomou “enquadro” (se volta para os colegas, gesticulando com os braços). E não tem pra onde correr todo preto toma baculejo, o vídeo aí tá falando a pura verdade, os “homi” basta encontrar a gente que aborda mesmo” (DIÁRIO DE CAMPO).*

O relato de Jean, evidencia de forma mais próxima ao ponto de vista dos sujeitos, um aspecto de representação coletiva, que a condição racial, os faz vivenciar a partir da experiência. Ora a frase “todo preto toma baculejo” é uma narrativa que informa sobre raça e racismo, de uma forma existencial, como uma lógica que perpassa a experiência de todo e qualquer sujeito negro, ao mesmo tempo que revela a posição social que pessoas negras estão alocadas.

A colonialidade do ser, ao pautar a análise na experiência dos sujeitos racializados, nos convida a compreender os impactos da colonialidade e modernidade observados na composição do ser, de sujeitos que tem sua humanidade negada produzindo diferenças existenciais estabelecidas por imaginários simbólicos como enfatiza MALDONADO-TORRES (2007). A investigação das experiências vividas de jovens homens negros na localidade do Outeiro Redondo procura nas suas interpretações acerca de raça e racismo, elementos que revelem a persistência da racialização, que através da modernidade produz mecanismos de controle, subsidiados pela diferença ontológica. Centrada no mundo colonial, a racialização tem sido um mecanismo que perpassa pela experiência negra, com características reificadas, exercendo seu poder de dominação.

Os imaginários simbólicos, que compõem as narrativas dos rapazes, na localidade do Outeiro Redondo estão relacionados a forma como seus corpos são percebidos naquele espaço, as narrativas revelam uma compreensão coletiva, da opressão e da constante vigilância, mesmo que não nomeada enquanto racismo. A investigação sinaliza como ação da colonialidade do ser, os efeitos produzidos na experiência, que se aglomeram nas constantes abordagens feita pela polícia, nas

indagações sobre a presença na escola em que estão matriculados e estudam, ou na correlação com a criminalidade, que avança pelos arredores da localidade. Como já relatei, era sempre comum ouvir relatos de homicídios de jovens rapazes, naquela região, essas narrativas faziam parte desse imaginário simbólico, que de forma naturalizada, construía para as percepções individuais e coletivas daqueles sujeitos, significados que coordenavam seus modos de agir e pensar.

Ao indagar rapazes negros acerca das suas percepções sobre raça e racismo, a investigação procura não somente entender sobre seus pontos de vista e percepções sobre o fenômeno, mas compreender como esses sujeitos tem utilizado esse entendimento, como forma de ação e resistência? Se há alguma reflexão sobre suas posições sociais no contexto que estão inseridos? A indagação acerca dos seus projetos de vida tem procurado revelar, como esses jovens rapazes se movimentam frente a ação do racismo, que de forma estrutural, apresenta aos sujeitos, formas diferenciadas de ação.

O que pude observar enquanto estive no campo é que há um entendimento evidente da posição do sujeito negro, “sempre mal visto” como define um dos rapazes. Mas ao mesmo tempo, essas percepções ganham um entendimento que define perspectivas variadas, a experiência com a condição racial e a violência é uma via de mão dupla que estabelece, tomada de posições e consciência, que impulsionam em conjunto com uma gama de outros elementos, fatores que ordenam a forma de existir no mundo.

Valendo-me da análise empírica, gostaria de subsidiar meu argumento utilizando dois relatos que evidenciam que as experiências dos sujeitos racializados são produzidas com base numa relação subjetiva, composta pela percepção individual, o racismo e seu aspecto estrutural vai atuar, propondo aos sujeitos relativizações, alicerçadas na cultura, como forma de dominar os questionamentos acerca da racialização. Vejamos:

*No final das rodas de conversa os rapazes sempre elogiavam, ou buscavam dialogar sobre algumas questões que por eles não foram discutidas naquele momento, ao sair da sala, me dirigindo ao portão central do compartimento das aulas, alguns rapazes me acompanhavam, eu era sempre muito observado, mas com o passar do tempo, fui compreendendo que era um estranho e trazia uma nova proposta para aquele contexto, onde somente as aulas faziam parte do cotidiano.*

*Prosseguindo, me aproximei do portão onde ficava seu José o porteiro, eu sempre fazia esse roteiro no final das rodas de conversa para poder ouvir, possíveis questões que fora dos muros da sala de aula, ainda que desconstruídos pela minha abordagem, pudessem suscitar, nesta tarde iniciei um diálogo com um dos rapazes que ainda não tinha me aproximado. Rafael, que é aluno da turma do terceiro ano um jovem com idade entre seus 18 a 20 anos.*

*Ainda com Rafael se aproximando, seu José me falava sobre o interesse dos meninos, e que era muito bom participar dessas rodas de conversa, “mas que tem menino aí que não quer nada com a hora do Brasil” e apontou como costumava fazer para Rafael que se aproximou sorridente, me cumprimentou, meio tímido e interagiu com seu José com que ele já tinha mais intimidade.*

*Eu aproveitei o ensejo e perguntei a Rafael o que ele estava achando das rodas de conversa, e fui indagando sobre outras coisas, ele me respondeu: “que estava gostando que pelo menos era melhor do que as aulas e (risos)”. Eu ainda na tentativa de obter mais respostas dele perguntei: e agora que você vai terminar o ensino médio como vai ser? Quais seus projetos, seu José nem espera eu completar a frase logo responde: “Ele quer nada!” Rafael responde: dizendo que se ele passar, que ele ia continuar trabalhando na roça, mas que ele ia repetir novamente.*

*Seu José por algum motivo levanta o assunto de um primo de Rafael que teria falecido morto numa troca de tiros e utiliza como comparação, interpelando Rafael que, responde da seguinte forma: Tenho projetos nenhum ainda não, eu não penso essas coisas, tem várias maneiras de viver a vida se não trabalhar na terra tem outras formas aí, (risos) seu José o reprime “aí o que ele quer”. Eu muito curioso pergunto a Rafael que outras formas seriam essa, ele responde (risos) tantas formas, eu compreendo que Rafael está falando de algo relacionado a ganhar a vida fácil, pela relação que seu José estabeleceu com a morte de seu primo e pela lembrança de uma conversa onde seu Carlos me relata que alguns rapazes entram nessa vida para poder terem as coisas, e que muitas vezes são induzidos e acabam entrando na vida do crime.*

*Logo depois Rafael se dirige para quadra para jogar o baba com um grupo de rapazes e eu, ainda reflexivo e fazendo algumas anotações, escuto seu José dizer: “aí as vezes quando morre, fala que foi por isso por aquilo, aí o que ele quer se envolver com coisa errada” seu José é o mesmo que relatou que quando a polícia*

*faz as abordagens, mesmo causando medo ele acha necessário, pois quem não deve não teme (DIÁRIO DE CAMPO).*

Ora o relato tem em sua narrativa um apelo que evidenciar ao leitor que, as narrativas produzidas pelos sujeitos que tem sua condição racial como fator preponderante para sua morte, como define MALDONADO (2007) apesar de possuírem um entendimento da sua posição social, adotam formas diferenciadas de se colocar diante da situação, essas formas não se baseiam somente em reprodução de condutas sociais, normatizadas elas em algumas situações, incorporam o imaginário simbólico como alternativa possível, para sua existência.

Com isso poderíamos dizer que esses sujeitos não problematizam essas escolhas e simplesmente as fazem sem ter consciência das possíveis sanções que estariam relegados, eu diria que não, pois jovens homens negros nos diversos contextos compreendem que a condição racial é fator determinante para a direção de suas vidas, e complemento apontando com os termos defendidos por MIGNOLO (2017) que a colonialidade alinhada com as formas reificadas de dominação e exploração produzidas pela modernidade, tem construído formas para ação do racismo que forjam identidades mais suscetíveis aos impactos da racialização.

O meu argumento é um tanto complexo, e talvez possa achar espaço nos termos definidos por VARGAS (2016) quando discorre sobre a desidentificação, que seria a condição onde o sujeito negro, percebe e vivencia todas as formas de opressão e violência, de modo a construir um entendimento de desidentificar-se, com contexto do modo que está posto, assumindo um entendimento que não tem nada de irracional muito pelo contrário reproduz as engrenagens pautadas pela política de morte do racismo.

Rafael assim como tantos outros jovens negros Brasileiros, assumem diversos papéis sociais, em suas experiências vividas, mas junto com elas estão o racismo e possibilidade de morte, nenhum desses dois fatores se furtam de atuar, na trajetória de vida de homens negros ou de mulheres negras. Rafael não problematiza sua condição de homem negro, mas ele certamente a compreende, enquanto sujeito vivendo em um contexto racializado a sua a narrativa descreve a sua experiência vivida.

O segundo relato ocorreu em uma outra tarde, nos meados de novembro eu já estava bem próximo de finalizar as minhas visitas ao Outeiro, e bem mais próximo

dos rapazes, pude compreender que o tempo é fator crucial, para consolidação do trabalho de campo. Nessa fase eu já havia escolhido os sujeitos que fariam parte enquanto vozes, nas narrativas da pesquisa, e esse relato que descreverei, foi para mim, um dos que mais fortaleceram o meu argumento acerca da compreensão da ação do racismo, como um mecanismo de dominação que atua de forma objetiva, e que alcança cada sujeito de forma subjetiva, causando muitas vezes a impressão que há um esvaziamento de reflexões acerca do racismo, ou até mesmo de que não há possibilidades de agência. Vejamos:

*Joaquim é um rapaz que se auto identifica como quilombola, a localidade em que ele mora é remanescente de quilombo, em nosso diálogo relata que se identifica assim, pela organização que tem na localidade e pelos seus antepassados, e a sua própria família.*

*Logo que cheguei a localidade do Outeiro eu me interessei por saber nomes, quantidades de alunos por turmas, comportamentos e mais precisamente saber quem eram os alunos considerados pela escola como alunos exemplares, não que essa fosse minha função como investigador, mas utilizei as mesmas formas de classificar da escola, como forma de obter uma descrição dos rapazes.*

*Joaquim foi um dos alunos mais bem descritos em termos de referências positivas pelos professores e pelos funcionários, tanto seu Carlos como seu José me relataram que era um menino bom, trabalhador, ordeiro.*

*Era de meu interesse traçar diversos perfis de identidades masculinas durante a investigação e me coloquei a fazer isso, com Joaquim e também com outros rapazes. O que pude perceber é que de fato Joaquim exercia na turma um lugar de respeito, talvez pelo seu interesse mas apurado com os estudos e pelo seu comportamento mais sério. Seu Carlos certa vez me relatou quando me ofereceu umas raízes de inhame, que caso eu quisesse que poderia falar que ele pedia para Joaquim trazer, e justificou dizendo que gostava muito de ajudar ele a vender pois ele é muito trabalhador, eu já relatei aqui que seu Carlos tem com os rapazes na escola uma relação muito próxima, principalmente com aqueles que ele considera, trabalhadores, sérios e que ele tem alguma aproximação com a família.*

*Nesta tarde eu me coloquei somente a observar os rapazes, me sentei na lateral da janela, que tem vista para um milharal, e com o sol batendo no rosto*

*observei atentamente a aula da professora de inglês, os rapazes como sempre conversadores, as meninas poucas vezes se ouviam as vozes.*

*No final da aula me aproximei do grupo de rapazes que ficava no final da sala, e indaguei sobre a possibilidade de entrevista-los, eles respondem que sim, que basta marcar o dia. Eu percebi que talvez seria o momento de conversar com Joaquim, e no mesmo instante me veio a lembrança de uma informação, sobre Joaquim emitida por um dos seus colegas em sala de aula, quando estava desenvolvendo a primeira roda de conversa, anotação estava no cantinho da página do diário de campo (fulano falou isso).*

*A informação era seguinte em um dos debates sobre a construção dos projetos de vida dos rapazes, um dos colegas de Joaquim, o Jean, diz que o colega quer ser policial, no meio dos diálogos eu não indaguei ao Joaquim e talvez tenha sido importante não ter feito naquele momento, pois foi uma informação que me possibilitou uma conversa mais próxima com ele.*

*Aproveitando o momento não me demorei a perguntar, e o indaguei sobre o desejo de ser polícia, ele me responde que é verdade e que vai estudar pra isso, logo depois eu pergunto, o porquê da escolha? Ele me responde que é uma profissão de respeito, e que ele tem vontade de servir as pessoas.*

*Em uma das nossas rodas de conversa onde o tema foi direcionado para abordagem da polícia, Joaquim sempre se posicionava, como quem reconhece a ação muitas vezes equivocada da polícia e que essa ação teria relação com racismo. Mas ao perguntar sobre a sua percepção com os fatos que ocorrerão no Outeiro, ele me relata que ele não fica com medo pois ele não tem nenhum vínculo com certas coisas, e que pela conduta dele, ele não sofre essas coisas, que ele não se envolve em bagunça e que ele não sabe muito bem o que acontece na localidade, porque ninguém nunca mexeu com ele. Ele parece um tanto receoso ao tratar desse assunto, e enfatiza que nunca viu nada.*

*Eu compreendo o comportamento de Joaquim, era sempre assim que a maioria dos rapazes ficavam ao falar sobre questões que diziam respeito ao conflito da polícia com a criminalidade no Outeiro (DIÁRIO DE CAMPO).*

O relato é um exemplo bem expressivo da forma como a conduta social, tem importância para as relações sociais, como um símbolo de classificação para os sujeitos, que pode ser evidenciada na experiência vivida por Joaquim, que mesmo

reconhecendo o racismo, elabora para sua experiência de homem negro, uma vinculação a conduta pautada pela sua cultura, como modo de “desrepresentar” o sujeito negro, objetificado pela racialização, não havendo desse modo contradição e nem ausência de tomada de consciência, na experiência vivida por Joaquim com o racismo, ao construir sua percepção e agência ancorada na subjetividade.

Mas crer que a reprodução social de condutas forjadas pela cultura pode estabelecer uma “desrepresentação” seja há longo prazo motivo para frustração, nem mesmo a condição de policial, proporciona essa efetiva emancipação do homem negro. Para justificar a problematização que proponho com os relatos das percepções dos rapazes no Outeiro, forjadas a partir das suas experiências vividas, eu situo ambas perspectivas direcionadas por um argumento que considero como percepções subjetivas do racismo, uma que trata da desidentificação, do sujeito negro e a outra da desrepresentação, sendo a primeira relacionada ao conceito cunhado por VARGAS (2016, p. 26) ao estabelecer que “a dor negra, o corpo negro, a voz política negra, e o pertencimento negro são oximoros” tornando sua posicionalidade estrutural, próxima da linha da morte. E a segunda relacionada ao termo utilizado por PINHO (2004) que versa sobre a necessidade de desrepresentar o sujeito negro produzido pela racialização, o autor enfatiza que:

O homem negro também tem sido representado – na verdade, hiper-representado – e produzido racialmente com o concurso agressivo dessas representações que funcionam, entre outras coisas, como estruturas de sustentação para práticas concretas de exclusão, marginalização e violência. Ora, é preciso desrepresentá-lo como um modo prático de desalienação e de reconstrução de possibilidades políticas e culturais (p.66)

Ao atribuir relação entre ambas perspectivas se compreende que trata-se de formas diferenciadas de percepção e agência do sujeito negro, frente ação do racismo. A experiência vivida dos jovens rapazes negros no Outeiro tem sido direcionada por ambas formas de percepção do racismo, o meu ponto de vista se ancora no modo como os sujeitos constroem as narrativas de si e dos outros que compõem o cenário das relações sociais, ao mesmo tempo que revelam os aspectos normativos, da reprodução social.

A frase “todo preto toma baculejo” emitida por um dos jovens rapazes no campo, nos informou acerca de uma percepção que é subjetiva, mas dialoga com a experiência vivida dos demais sujeitos, o que possibilitou compreender como os

sujeitos tem produzido percepções frente, a esse constructo objetivo que estabelece nos seus corpos a partir da reprodução social, um efetivo poder de dominação onde suas consciências individuais forjam formas diferenciadas de agencia frente ao racismo, onde desidentificar ou desrepresentar como propõem a abordagem no texto é parte desse processo. A subjetividade nos termos definidos por OTNER (2007) nos possibilita compreender tais aspectos a partir da consciência e da agência como bem salienta autora:

Em particular, eu vejo a subjetividade como a base da agency, uma parte necessária do entendimento de como as pessoas (tentam) agir no mundo mesmo se agem sobre elas. Agency não é uma vontade natural ou originária; ela é moldada enquanto desejos e intenções específicas dentro de uma matriz de subjetividade – de sentimentos, pensamentos e significados (culturalmente constituídos). [...] Por subjetividade eu sempre vou me referir a uma consciência cultural e historicamente específica [...] Consciência é, nesse sentido, sempre ambigualmente parte das subjetividades pessoais das pessoas e parte da cultura pública [...] (p.380).

Os sentidos e significados atribuídos a raça e racismo, construídos na experiência vivida dos rapazes, no Outeiro são produzidos pela relação com a reprodução social, direcionados por uma consciência cultural, o ponto de vista de seu José é um forte exemplo dessa constituição cultural, que pauta na conduta social, forma efetiva de emancipação do sujeito negro. As perspectivas de Rafael e Joaquim, são ambas construídas por esses significados, produzidos pela cultura, diferenciando-se no modo como cada sujeito, tenta agir frente às estruturas de dominação que atuam nas suas experiências vividas. Esse aspecto subjetivo, não garante aos sujeitos, uma efetiva emancipação, tendo em vista que o racismo é parte dessa cultura pública, que atua sobre a existência do corpo negro, produzindo significados coletivos.

### 2.3 “Nunca terá fim, o mundo foi feito assim”

O subtítulo desse capítulo tem um aspecto um tanto determinista, mas que estabelece relação com a experiência vivida da grande maioria dos homens negros, nos contextos atravessados pela diáspora. A frase emitida por um dos jovens rapazes durante a última roda de conversa com a temática sobre violência racial, revela-nos um caráter pessimista e estrutural a acerca das experiências com violência e racismo que eram parte das discussões durante os debates na roda de

conversa, como já relatei observava isso como um dado potente para o argumento da investigação.

Para subsidiar tal debate gostaria de utilizar as considerações de VARGAS (2017) acerca do que o autor denomina como antinegitude buscando estabelecer relação com a densidade da frase emitida, por um dos rapazes no campo estabelecendo relação com o conceito.

Como já relatei acima, há um grau determinista no conteúdo da frase emitida por um dos rapazes, mas ao mesmo tempo descreve um aspecto de percepção da sua posicionalidade no mundo, segundo VARGAS (2017) esse mundo tem relação de antagonismo com as pessoas negras, estabelecidas a partir de critérios de diferenciação estruturados pelo Estado. Retomando alguns argumentos que utilizo na investigação, ao exemplo da constituição do homem negro rural, as más condições de acesso à educação para jovens negros, e o avanço da violência, estabelecendo uma relação de vigilância sobre seus corpos, esses fatores posicionam pessoas negras, produzindo uma relação antagônica subsidiada por fatores estruturais que caracterizam o mundo antinegro.

É a partir dessa condição que se constrói a narrativa de um dos jovens rapazes investigados no campo. Vejamos: Amarildo, é um rapaz negro com idade na faixa de seus 20 anos aluno do ensino médio, e morador da localidade do Santo Antônio uma comunidade remanescente de quilombos próxima ao Outeiro mas ele não se auto declara como quilombola, ele me relatou que nunca teve experiência com violência, mas que já presenciou e acha que a “violência é um mal que deve ser sanado” me relatou certa vez, que nunca sofreu nenhuma experiência verbalizada com racismo, mas que percebe e sabe que existe.

As suas afirmações parecem emitir contradições, quando comparadas com as frases emitidas durante a roda de conversa ao enfatizar que não há possibilidades de transformações acerca do racismo. Temos aqui uma variação de perspectiva motivada pela averiguação da metodologia da pesquisa, construída com a utilização de diferenciações na coleta dos dados, quando o sujeito interage sem algum tipo de pergunta, e quando ele é questionado, sendo essa uma característica relevante da metodologia utilizada, tornando as diversas formas de interação com o trabalho de campo elementos de investigação com base na verificação dos pontos de vista emitidos pelos sujeitos.

A percepção de Amarildo acerca de raça e racismo é construída segundo ele na observação e no entendimento de que racismo é algo naturalizado, como a ordem das coisas essa naturalização talvez ajude a compreender a lógica que estrutura as relações raciais, sobre isso VARGAS (2017) enfatiza que:

A perspectiva que proponho é que a gramática da antinegitude e seu campo assimétrico de posicionalidades são normativos, subliminares, ubíquos, transhistóricos e, assim, efetivamente imunes à contestação. Essa gramática estabelece a ausência negra como auto-evidente. O fato de as pessoas negras compartilharem e reproduzirem esse universo simbólico antinegro demonstra exemplarmente a naturalização e a onipresença desse universo. Isso mostra como a negritude, mesmo para pessoas negras, é vista normativamente como “a antítese da realização em um mundo antinegro”. Consequentemente, uma consciência negra que não é dependente da gramática da antinegitude só é possível quando a antinegitude e o mundo cognitivo e social que ela alicerça são destruídos. (p.92)

A naturalização contida na frase de Amarildo, não estabelece esse grau de revolução proposto para instauração de um “novo mundo” que rompe com as estruturas de dominação antinegra, mas nos sinaliza em conjunto com os aspectos do contexto que ele está inserido, para complexidade da sua percepção, onde a condição racial aparece como fator que questiona as premissas ontológicas da diferenciação racial, produzidas pelo Estado.

Outro ponto importante, diz respeito a considerar a agência dos sujeitos frente aos impactos produzidos pelo racismo, VARGAS (2017) estabelece com relação ao conceito de antinegitude que a existência do sujeito negro é impossível, numa sociedade que tem eixos estruturados pela subjugação racial, onde pessoas negras ocupam, o lugar do corpo racializado e passível de violência, seja ela simbólica ou letal. Temos visto nos diversos debates que aparecem no texto, exemplos de como a experiência negra é percebida, de modo variado. A investigação aponta-nos para aspectos que são produzidos pelas subjetividades dos sujeitos reveladas nas percepções acerca de raça e racismo.

O termo variação, aqui serve como tentativa de informar ao leitor, daquelas formas variadas de percepção para construção de um modo de agência ou de uma ação coordenada, a partir do entendimento e da relação subjetiva que cada sujeito tem com sua cultura e com o contexto que está inserido, a compreensão do significado da raça se manifesta em nossa sociedade principalmente para homens negros de formas variadas e com escalas de subalternidade diferenciadas, tendo

como exemplo a forma como o corpo do homem negro é fetichizado e hipersexualizado, mas nas muitas das vezes esse imaginário é incorporado por sujeitos negros como forma de emancipação, sendo esse um elemento muito simples para compreendermos, a variação de consciência racial ela tanto reproduz opressão como também possibilita aos sujeitos, uma representação mesmo que subordinada a racialização.

A teorização crítica nos convida a dialogar com as diferentes perspectivas, procurando na indagação dos sujeitos os efeitos que produzem nas suas subjetividades ações variadas frente a estrutura do racismo, a variação caracteriza a ação dos sujeitos interligada a formas de compreender e se perceber no mundo, reflexo da sua cultura e do seu contexto social, na produção de suas subjetividades. É interessante compreender que a raça é somente categoria fechada, quando a observamos de um ponto de vista objetivo fazendo relação ao seu sentido ontológico, mas quando pensamos a partir dos sujeitos percebemos que torna-se uma categoria pluralizada, com variadas formas e tomadas de posição.

A frase emitida por Amarildo por sua vez tem uma relação com o termo desidentificação utilizado por VARGAS (2016) deixando evidente, as formas como o mundo antinegro atua nas percepções de quem o analisa de um ponto de vista da exclusão da negra. Segundo Amarildo ele nunca sofreu racismo verbalizado, mas saber que existe é a sua tomada de consciência frente a experiência coletiva que constrói o seu ponto de vista acerca do racismo, mas que isso, Amarildo se reconhece enquanto um corpo passível para manifestação da violência racial.

Um aspecto que podemos experimentar com a etnografia é o contato com interlocutores no campo sejam nas narrativas ou nas expressões que sobressaem no momento que nos falamos. O ponto de vista do jovem Amarildo na minha interpretação é um desses casos onde as palavras falam em direção contrária as expressões do corpo, no momento que emitiu a frase “nunca terá fim o mundo foi feito assim” Amarildo revela ter entendimento da naturalização proposta pela antinegitude, como forma de dominação, mas também como alguém que desenvolve um análise mais crítica e minuciosa, sobre sua condição racial, ele toma a estrutura social ao fazer relação com a construção do mundo, seu argumento parece apontar para posicionalidade negra, nesse mundo impossível.

A indagação da pesquisa tem vindo até este ponto, procurando em diálogo com os sujeitos evidenciar suas percepções sobre raça e racismo, e concluímos que

os sentidos atribuídos estão conectados com as suas experiências vividas, no contexto do Outeiro Redondo. Perpassando pela condição de sujeito negro trabalhadores rurais com oportunidades ceifadas pelas más condições para acesso à educação, e a relação com a presença de seus corpos e a violência que avança sobre a localidade.

Contudo isso, o conceito de antinegitude ajuda-nos a compreender a forma como os processos de racialização atuam na produção de subalternidades para condição do sujeito negro, a investigação classifica as dimensões subalternas evidenciadas no campo, como expressões estruturadas da antinegitude, alinhadas ao Estado nação, daí a relevância do conceito que aqui é utilizado em diálogo com perspectivas subjetivas. Salientando que a atenção destinada a subjetividade, consiste na possibilidade de construir narrativas onde sujeitos sejam protagonistas na emissão dos seus pontos de vistas.

A experiência vivida nos termos propostos pela perspectiva decolonial, ajuda-nos a identificar os sentidos e significados atribuídos a raça e racismo, que compõem as narrativas dos jovens rapazes, ao mesmo tempo que nos informa acerca das suas agências e tomadas de consciência frente ação da estrutura social.

## CAPÍTULO III

### PROJETOS DE VIDA? OU PROJEÇÕES INDIVIDUAIS DE EMANCIPAÇÃO

*Negro drama  
Cabelo crespo  
E a pele escura  
A ferida, a chaga  
A procura da cura  
Negro drama  
Tenta ver  
E não vê nada  
A não ser uma estrela  
Longe meio ofuscada  
(Racionais)*

Neste capítulo gostaria de dialogar com o que denomino de fragmentos de projetos de vida produzidos a partir da entrevista de três dos rapazes que subsidiaram a fundamentação empírica dessa pesquisa, buscando apresentar ao leitor os aspectos que sustentam a argumento da identidade rural e racial desses sujeitos, a partir da problematização da categoria jovens homens negros rurais, buscando adensar com essa investigação fatores que abordam a crítica a dicotomia rural e urbano tão problematizada pelas Ciências Sociais ao mesmo tempo que diálogo com o racismo como expressão materializada da modernidade.

Como já relatei anteriormente, o anexo Outeiro Redondo é em sua estrutura funcional o lugar onde jovens homens e mulheres se socializam, a escola é o eixo central formadora de sujeitos e sujeitas que a tomam como ponto de partida para construção dos seus projetos de vida. Em diálogo com a perspectiva de projeto desenvolvida por VELHO (1994) é importante considerar que tais construções, perpassam por aspectos relacionais a partir das individualidades e das percepções de cada sujeito, esses projetos não são de caráter fixo e perpassam por transformações, fundamentadas pelo campo estrutural e por um quadro sócio histórico que estão inseridos, sendo portanto, singulares mas não de ordem extremamente individualista.

Ao utilizar os elementos da antropologia na perspectiva de Gilberto Velho, a investigação tenciona o campo de estudos das Ciências Sociais que durante certo tempo estabeleceu dicotomias entre os cenários rurais e urbanos, assumindo somente as característica de modos de vida como características essências para caracterizar cada contexto, ao tomar um conceito que procura nos contextos

urbanos, formas de interpretação considerados específicos das sociedades complexas.

Esse mesmo argumento ajuda-nos a problematizar e levantar diversos questionamentos tanto acerca das questões relacionados as fundamentações sobre o que é urbano e o que é rural, mas também de um aspecto social negligenciado, que gira estruturalmente em torno da condição racial atuando de forma fixa, mesmo em contextos onde os sujeitos constituem suas identidades pautadas por outros fatores interseccionais, neste contexto a ruralidade é um fator invisibilizado quando tratasse de pensar a condição racial desses sujeitos.

É importante problematizar duas questões acerca do conceito de projetos nesta pesquisa a primeira seria a produção da individualidade dos projetos desses sujeitos, e a segunda a forma como seus projetos são direcionados pela condição racial, ambas questões estão propositalmente correlacionadas apontando ao leitor o caráter central da pesquisa, que versa sobre a compreensão de como jovens homens negros constroem seus projetos de vida tendo em vista que seus corpos são representados por um imaginário arbitrário que aponta impossibilidades estruturadas para existência de sujeitos negros?

Os resultados da averiguação adensou o argumento e justifica mesmo com as críticas as dicotomias classificatórias, revelando que a condição do sujeito negro é produzida para torna-se impossível em qualquer contexto, até mesmo na roça onde as enxadas a terra a paisagem bucólica e a identidade de trabalhador rural, tem potencial de classificação. Trazendo para o debate as narrativas dos próprios sujeitos, revelando os fatores interpostos pela identidade racial, pela cor e pela representação imaginada do animalesco homem negro.

O fazer etnográfico nos apresenta diversas questões que produzem para a pesquisa análises adensadas e reflexões que não somente validam nossos argumentos, mas detalham a existência de um universo empírico construído por uma série de fragmentos. É com base nessas reflexões e nos fragmentos encontrados nas falas dos jovens rapazes, que descrevo as narrativas que tratam da construção dos seus projetos de vida, e da produção de suas identidades masculinas a partir da condição de jovens homens negros rurais.

O argumento, acerca da ruralidade de jovens homens negros como um fator de posição e de marcador de individualidades, pode parecer mais um elemento que reforça o aspecto dicotômico da relação entre rural e urbano, mas ao pararmos para

recapitular, toda problematização apontada no texto, veremos que a categoria definida por essa pesquisa procura conectar a condição da ruralidade com base na atividade que esses jovens desempenham, sendo alguns deles pequenos agricultores, trabalhadores da terra, ao mesmo tempo que revela que o cotidiano desses sujeitos é marcado por eventos e conflitos sociais que os aproximam das mesmas realidades dos contextos considerados urbanos.

Ao enfatizar no aspecto da ruralidade alinhada a condição racial, não é aleatoriamente que se formula tal categoria, ambas foram utilizadas para revelar a partir da posicionalidade aspectos que comprovam que a condição racial é um fator determinante que se impõem perante qualquer representação ou classificação social.

Em mais uma tarde no Outeiro redondo, já nos aproximávamos do final do ano letivo, e a escola tinha como atividade naquele dia a apresentação de um projeto que estimulava nos alunos a prática pela pesquisa científica, algo que na minha interpretação teve uma grande importância na trajetória escolar dos estudantes, pelo tempo que estive no campo acompanhei a construção desse projeto e pude perceber o empenho e tentativa dos professores e direção de tornar a produção científica próxima da realidade dos alunos na escola.

Nesse projeto os alunos deveriam apresentar em formato monográfico algum tema de seu interesse, orientados por alguns professores, foram apresentados temas diversificados, tratando sobre violência, sexualidade e racismo. Eu fui convidado por um dos professores para participar de uma das apresentações, foi uma experiência importante, pois pude observar o grau de interação entre professores e alunos, e o engajamento dos professores e da direção em considerar a produção daqueles alunos, dialogando com suas inquietações, revelando o compromisso da direção e professores do Outeiro Redondo, com a emancipação desses sujeitos, essa foi uma das constatações que pude perceber com a presença no campo

Apesar da escola ter diversas dificuldades de caráter físico e estrutural, há sem dúvida uma preocupação nos professores e na sua direção, de como preparar minimamente esses sujeitos para enfrentarem as etapas que virão logo depois do término do ensino médio, essa era uma das questões apontadas nos diálogos que tive com a vice diretora, “preparar minimamente esses jovens para enfrentar o mundo e as questões como universidade mercado de trabalho, nós temos aqui

diversos alunos que conseguiram entrar na universidade ou num curso técnico, nós nos comprometemos o máximo possível, mesmo com essas condições que você pode ver aí”.

Logo depois das apresentações eu me aproximei de um grupo de rapazes que pude acompanhar de forma mais próxima durante a pesquisa e convidei três deles para uma entrevista conjunta, alguns deles já apareceram ao longo do texto Amarildo, Joaquim e o Moa.

As entrevistas que se seguem foram desenvolvidas com três dos rapazes que participaram como interlocutores da pesquisa, sendo desenvolvidas concomitantemente, numa ordem sequenciada de perguntas para cada um, essa experiência foi de grande relevância para pesquisa pois a partir daí pude confrontar informações durante o espaço tempo entre pergunta e resposta, como já estava no campo a algum tempo, a possibilidade de entrevistar os três rapazes foi um dos pontos importantes para investigação, tanto pela relevância metodológica como pela qualidade dos resultados obtidos.

A entrevista foi dividida em perguntas sequencias que versaram sobre questões que possibilitaram obter o que denomino de fragmentos de projetos de vida com base nas narrativas dos sujeitos a cerca de suas trajetórias individuais, com perguntas fechadas sobre: idade, estado civil, auto declaração racial, ocupação, classe social e sexualidade e perguntas abertas sobre a qualidade da escola, a experiência com racismo, e seus projetos de vida após o termino do ensino médio.

### 3.1 As narrativas de Amarildo, Joaquim e Moa, três jovens homens negros rurais.

Antes que as entrevistas começassem os comuniquei que estaria gravando os conteúdos da entrevista conjunta e que o sigilo diante de suas identidades seriam preservados, daí a finalidade de estar usando nomes fictícios durante a descrição dos resultados da pesquisa, antes comuniquei também a escola sobre o conteúdo das perguntas e do destino que seria dado a esse material obtido com a entrevista desenvolvida com os rapazes que denominei de entrevista compartilhada que teve como finalidade confrontar informações e dar a possibilidade dos rapazes se sentirem a vontade para responder as perguntas.

Ainda na sala com alguns alunos em pedi para que os três rapazes se acomodassem como se sentissem mais a vontade e iniciei apresentando a eles um

resumo do trabalho que estava desenvolvendo na escola, falei da importância daquele momento e que eles se sentissem tranquilos para responderem ou não as minhas perguntas, ambos concordaram e me chamando de professor como era de costume, autorizaram o início da entrevista compartilhada.

Eu início a entrevista com o Moa:

**Perguntas fechadas:**

Qual sua idade: 20 anos

Onde você mora: comunidade do São Bento

Qual sua classe social: pobre

Orientação sexual: hetero (fica meio confuso mais eu elenco gay, bi hetero, trans)

Auto declaração racial: negro

Estado civil: solteiro

Religião: católico

Ocupação: trabalhador rural

**Perguntas abertas:**

O que você acha da violência?

Resposta: rapaz eu não acho nada bom.

Você já teve alguma experiência com violência aqui no Outeiro?

Resposta: já, mas comigo não né.

O que você acha da educação?

Resposta: precisa mudar.

Mas porque mudar?

Resposta: eu só acho que precisa mudar, somente.

O que você acha aqui da escola do Outeiro?

Resposta: tá boa.

Você acha que tem toda qualidade?

Resposta: toda não tem não, mas dar pra conseguir se adaptar.

Já sofreu alguma discriminação?

Resposta: já.

Por causa de que?

Resposta: muita gente me chamava assim de urubu, essas coisas assim, eu não ligava.

Na sua localidade ou aqui?

Resposta: na minha localidade mesmo.

Para você o que é ser homem?

Resposta: rapaz ... pra eu falar assim com palavras, eu não sei não. (Ele fica com expressão de pensativo).

Fale então algo que represente? Ou que as pessoas esperam de um homem?

Resposta: caráter, responsabilidade.

O que você acha do machismo, você sabe o que é machismo?

(Fica em silêncio com quem pensa algo)

Resposta: sei mais ou menos.

Você acha o que? Você se acha machista?

Resposta: não.

Porque não?

Resposta: por que eu não ofendo as pessoas.

As pessoas?

(Risos)

Resposta: digo as mulheres.

Nem nos seus relacionamentos? Você tem namorada?

Resposta: eu não, mas...(risos).

O que você acha da mulher que vive livre, você aceitaria que sua namorada usasse roupa curta? Trabalhasse? Ganhasse mais que você?

Resposta: pra mim não tem nada ver, pra mim tá tudo bom, muita gente acha que não, ganhar mais, acha errado.

Qual seu projeto de vida depois daqui finalizando o ensino médio?

Resposta: entrar na faculdade.

Você acha que tem todas as condições foram dadas, para que você consiga isso?

Resposta: todas, todas eu não tenho né, mas algumas sim.

Prossigo com Amarildo:

**Perguntas fechadas:**

Qual Idade: 20 anos

Como define sua classe social: pobre

Onde você mora? Comunidade do Santo Antônio (comunidade quilombola)

Você é quilombola? Não

Sua auto declaração racial: negro

Sua orientação sexual: sou hetero

Seu estado civil: solteiro

Você tem ocupação: não trabalha

Religião: não tem religião (a família é cristã, ele já frequentou a igreja católica).

**Perguntas abertas:**

O que você acha da violência?

Resposta: acho coisa que tá avançando cada dia, ai precisa ter tipo uma coisa acabar com a violência um meio de ... Pra acabar com a violência.

Você já teve alguma experiência de violência, aqui no Outeiro?

Resposta: eu nunca tive, mas, já fui presenciado já.

Você acha que isso interfere na sua vida e de seus colegas? A questão da violência?

Resposta: não, porque meus colegas nunca são de violência, não costumo ter amizade com gente violência não.

O que você acha da educação?

Resposta: A educação é uma coisa muito importante, pra gente ... Pra daqui pra frente ser uma pessoa, um importante profissional na vida.

O que você acha do anexo Outeiro?

Resposta: É uma escola boa que ainda precisa passar pela mão do governo pra melhorar, ampliar o colégio, e ter ainda uma boa condição de transporte porque transporte hoje em dia praticamente todo dia... teve o defeito quebra ou fura o pneu ai.

Já sofreu algum tipo de discriminação? Racial?

Resposta: Desses anos pra cá não, mas se sofri foi com coisa assim... a não ser falado na minha frente. Pode ser oral assim... Por meio de...a partes de pessoas assim... Brincando ou então...

Qual sua religião?

Resposta: Sem, tenho não, antes eu era católico, mas depois ... quando eu morava em salvador eu ia pra igreja umas três vezes na semana domingo, ia para procissão, ai quando passei a morar aqui ai parei de ir pra igreja assim... ai estou sem religião nenhuma.

E sua família?

Resposta: minha família é cristã.

Para você o que é ser homem? O que as pessoas esperam de um homem?

Resposta: as pessoas esperam caráter, que tenha seus devidos e direitos, e tratar a sociedade bem, trabalhar ser digno e ser uma pessoa assim bem fiel na família.

O que você acha do machismo?

Resposta: O machismo é umas coisas que o homem assim não tem muito assim o que pensar, ai já quer pensar coisa já quer ser mais do que as mulheres (rsrsrs meio sem jeito para falar), e as mulheres assim é uma pessoa muito importante assim na vida das pessoas assim, dá carinho cuida da gente, e também tem que ter o mesmo direitos de nós.

Você aceitaria ter uma mulher livre, que não tivesse problema com roupa curta, saísse sozinha?

Resposta: (risos) É o seguinte as mulheres tem que ser livre ter os direitos dela mas sendo, respeitando o homem e sendo fiel também.

De quem é a última palavra, dentro de casa?

Resposta: os dois tem que sentar, (todos riem), pois uma palavra não define a outra.

Qual seu projeto de vida depois que terminar o ensino médio.

Resposta: Meu projeto de vida é ir pra faculdade, e montar uma família ai, depois, ai quando estiver bem de vida.

Qual vai ser primeiro família ou faculdade?

Resposta: Ir pra faculdade, ter uma boa condição de vida, ai começar a pensar na família daqui pra frente montar uma casa, um carro... quem sabe.

Qual curso você quer fazer?

Resposta: Curso eu queria de mecânica, técnico de mecânica.

Você acha que o governo os estado tem dado todas as condições para que você consiga efetivar todos esses projetos?

Resposta: condições tem, agora tem que depender da força de vontade da gente porque, se a gente não correr atrás do nosso futuro não tem ninguém que possa correr atrás.

Obrigado.

Por fim, entrevisto o Joaquim:

**Perguntas fechadas:**

Qual sua idade: 19 mora

Onde você mora? Localidade do Quilombola

Auto declaração racial? Negro, Quilombola

Classe social? pobre

Orientação sexual? hetero

Ocupação? trabalho na lavoura, com meu pai e minha família.

**Perguntas abertas**

O que você acha do trabalho na lavoura?

Resposta: eu acho que é o único jeito que a gente tem de ganhar dinheiro tá entendendo, meus pais eles não teve ainda suporte nos estudos, pra subir faculdade alguma coisa a lavoura é a única solução pra gente.

O que você acha da violência?

Resposta: é eu acho ruim.

O que você acha dos casos de violência ocorridos no Outeiro?

Resposta: eu presenciar nunca presenciei, mas acontece, sempre acontece (ele muda o tom da voz, percebo receio ao olhar para os outros dois rapazes).

O que você acha da educação?

Resposta: precisa melhorar né, não estou dizendo que é ruim, mas aqui precisa melhorar um monte de coisa.

Já sofreu algum tipo de discriminação racial ou por ser da zona rural?

Resposta: Que eu me lembre, não.

Você se auto declara negro?

Resposta: eu sou negro meus avó é negro.

Para você o que é ser o homem? o que as pessoas esperam de um homem?

Resposta: homem caráter, força de vontade, não procurar coisa errada dar dignidade a sua família, honrar seu pai acho que essas coisas.

O que você acha do machismo?

Resposta: machismo é bastante chato (risos).

Você se acha machista?

Resposta: (risos), vamos dizer que sou, não posso dizer que não sou, porque tem um monte de coisa que acontece, as vezes qualquer coisinha já é machismo.

Como você descobriu que é machista?

Resposta: passa uma mulher na rua ai você olha e imaginar em mente alguma coisa já é uma questão do machismo.

Você acha que todo homem é machista?

Resposta: acho que sim todo homem é machista (risos). A gente imagina e fica pra gente, não tem como não imaginar não tem homem que não imagine coisas, até elas imaginam (risos). Todo homem é machista, não tem um assim.

(Moa interfere e diz, eu não sou desses de imaginar e tocar e essas coisas)

(Amarildo, enfatiza todos homens imaginam)

Joaquim prossegue, a gente imagina mas fica pra gente, quem sabe um dia se realize (risos) vemos muitos fatos ai de ônibus essas coisas graças a Deus eu nunca.

Qual seu projeto de vida depois do ensino médio?

Resposta: meu projeto mesmo na minha cabeça é arrumar um emprego, mas se eu achar oportunidade na faculdade eu pretendo fazer faculdade.

Qual curso você pretende fazer?

Resposta: pretendo ... pretendo... (Pensativo) vamos colocar que eu não pretendo nenhum curso ainda.

Quando eu iniciei a pesquisa os meninos me disseram que você queria ser policial, é verdade?

Resposta: é verdade sim, tenho interesse grande.

Mais porque você tem vontade de fazer essa formação?

Resposta: eu acho assim na minha família não tem, tem o ex marido da minha tia que é segurança eu admiro o trabalho dele, eu queria focar em ser policial, eu queria também pegar a nota do nem e colocar na Uneb pra sair como sargento, sair como tenente.

Obrigado.

Logo após as perguntas sequencias feitas de modo individual, sem interferência ampla de nenhuma das partes entrevistadas, prossigo agora buscando indagar a acerca de questões por mim observadas no campo e que dizem respeito a condição racial, e sua percepções mescladas com elementos da observação participante e algumas informações adquiridas ao decorrer das entrevistas.

Vocês falaram em alguns momentos da entrevista acerca da honra e do papel provedor da família que se espera do homem, isso foi um fator unânime nas falas de vocês, sendo vocês três homens auto declarados negros na zona rural, o que acham que a sociedade espera de vocês enquanto homens negros?

Resposta (Joaquim) eu acho que ela não espera nada da gente, uma sociedade racista nunca vai deixar de ser racista.

(Amarildo) por causa do jeito da pessoa ser.

(Joaquim) como se a gente aqui, consegue subir um pouco na vida compra uma coisa mais cara, já tá roubando, nunca questão da força do trabalho, nunca espera nada...

O que a sociedade tem mostrado em termos das relações entre, pessoas negras e pessoas brancas?

Amarildo: as pessoas sempre pensam que são melhores, que podem fazer, que a gente não é de nada, não pode seguir em frente.

Joaquim: eu acho assim que a raça branca se sente superior por ser branca.

O que vocês acham de jovens negros com a mesma idade de vocês, que estão no mundo do crime? É uma saída ou existe possibilidades outras de projetar suas vidas?

Joaquim: eu acho assim, a sociedade empurra, mas vai da mente da pessoa, você sabe o que é certo e errado, o que pode deixar de fazer e não, mas assim um jovem vendo sua família sempre na pobreza sempre sem dinheiro, sempre passando fome, claro que vai procurar algo para ajudar.

Joaquim: Mas se fosse vontade de trabalhar vontade de ter as coisas, não ia ter muito, muito, mas o necessário aqui na roça teria.

O que vocês acham de viver em um estado que mais mata jovens na faixa de idade de vocês?

Amarildo: por que sempre que há essas mortes assim é por motivo que tá envolvido, ou reage algum assalto.

Moa: mas muitos acabam sendo mortos inocente.

Mas é somente porque esses jovens estão envolvidos ou existe um alvo para essa violência?

Joaquim: existe um alvo negro, vamos supor assim negro já é suspeito.

Os outros meninos aparentemente concordam com afirmação de Joaquim, e relatam que na maioria já sofreram abordagens diversas da polícia.

No momento final eu agradeço aos rapazes pela entrevista e num ato falho eu digo que os áudios da entrevista irão para o arquivo da polícia, e rindo Joaquim diz então vou correr eu finalizo me corrigindo e falando do sigilo ético das gravações e das suas identidades nominais. Esse ato falho revela que o desejo de Joaquim parece motivado por uma percepção de que o racismo é muito mais que manifestações de fatos de violência que circundam seu cotidiano e de seus amigos ele é parte de uma estrutura que ver no seu corpo um eminente risco, talvez não ser

o sujeito que precise correr da polícia o emancipe como homem num determinado contexto, ao realizar seu desejo de ser um militar, o meu argumento não aponta críticas acerca da tomada de posição do Joaquim, mas visa adensar perspectivas que compreendem o grande número de policiais negros como estratégia da estrutura racista, que torna corpos subalternos para produção de dispositivos de controle com relações ontológicas semelhantes.

28 de novembro de 2018, Anexo Escolar Outeiro Redondo, São Félix – Ba.

### 3.2 Jovens homens negros, ruralidade e construção de identidades masculinas.

Ora como bem sugere o título do terceiro e último capítulo dessa dissertação que julgo como parte fundamental da pesquisa, fora produzido ao longo das observações no campo e das narrativas oriundas das rodas de conversas e entrevistas, um consistente e minucioso olhar etnográfico, com entendimento de que a indagação que sustenta o problema da pesquisa, dialoga com o os resultados obtidos com essa investigação, sendo o inicial argumento de que não há possibilidade efetiva de construção de projetos de vida para jovens homens negros a partir da análise do contexto empírico da pesquisa, ao ponto que trato como projeções emancipatórias, as agencias promovidas como movimento de resistências dos sujeitos negros frente aos efeitos estruturais da anti negritude.

Quero aqui me concentrar na problematização das perspectivas dos sujeitos, com base nas suas narrativas, sem ousar aqui descrevê-las como histórias de vida ou de trajetórias minuciosas mas defendo o argumento de que essas narrativas individuais e de certo modo também coletivas, reúnem em si uma produção de informações que produzem conhecimento com base nas subjetividades dos sujeitos que produzem, com essas mesmas narrativas o adensamento da investigação.

Início essa problematização trazendo para o debate, questões importantes que aparecem nas narrativas dos três rapazes, Moa, Joaquim e Amarildo apresentam de forma fragmentada aspectos das suas experiências individuais, que confirmam questões apresentados pela pesquisa no primeiro e segundo capítulo, ao mesmo tempo que reforça o caráter subjetivo como parte central da investigação, quando revelamos questões relacionadas as suas identidades masculinas e suas condições étnico raciais.

Tratam-se de três rapazes com idades entre 19 e 20 anos, heterossexuais que pertencem a localidades na região rural da cidade de São Félix no Recôncavo, da Bahia, ambos oriundo de famílias pobres, filhos de trabalhadoras e trabalhadores rurais, auto declarados negros, tal aspecto sustenta a categoria de jovens homens negros rurais que como podemos evidenciar apresentasse como marcador na ocupação de dois dos rapazes, e que já havia sido nomeada por um dos informantes no início da pesquisa, a condição do trabalho na terra se intersecciona com classe e com a condição racial, é a atividade de trabalhador rural que assegura a possibilidade de adquirir bens, ao exemplo dos meios de transportes citados pelos rapazes durante a entrevista, sem esquecer do aspecto não tão evidente mas minuciosamente perceptível de ajuda no sustento da família e da honra masculina por parte de dois dos rapazes, o aspecto da ruralidade desses sujeitos configura-se não somente enquanto localização geográfica mas como pratica efetiva do trabalho na terra, e de valores construídos nos seios das suas famílias e nas suas comunidades.

A atividade de trabalhador rural, reforça os aspectos da ruralidade nas identidades dos sujeitos e justifica a densidade da categoria construída pela pesquisa, que ao meu ver não é somente uma categoria analítica adotada pelo pesquisador mas uma categoria nativa, produzida pelos sujeitos a partir de suas experiências individuais, como vozes que emergem do campo com as narrativas de si, mas não somente isso, há um aspecto centrado nas ações e na construção social desses sujeitos como destaca MEIDEIROS (2017).

A ruralidade pode ser entendida como um modo de vida, como uma sociabilidade que é pertinente ao mundo rural, com relações internas específicas e diversas do modo de viver urbano. A ruralidade sugere uma gama considerável de imagens quando é pensada, quando é discutida. Ruralidade é uma construção social contextualizada, com uma natureza reflexiva, ou seja, ela é o resultado de ações dos sujeitos que internalizam e externalizam através dessas ações a sua condição sociocultural presente que é reflexo da condição herdada de seus antepassados. Nesta ruralidade está expressa a capacidade destes sujeitos de se adaptarem às novas condições resultantes das influências externas. (p.182)

A categoria jovens homens negros rurais, é construída com base na reprodução de modos de vida que atuam na construção social, de jovens homens negros, na localidade do Outeiro redondo tendo suas identidades masculinas

perpassadas por fatores herdados de seus antepassados, no que diz as desigualdades estruturadas pela condição racial, e sua posicionalidade.

A partir das narrativas contidas nas entrevistas podemos também observar a presença de valores, que representam padrões de masculinidade onde o homem ocupa o responsabilidade central enquanto provedor do status e da honra da família com base na sua conduta, e na expectativa que sua identidade masculina corresponda a uma cultura patriarcal, sobre isso MACHADO (2004) nos sinaliza que:

No Brasil, a força da categoria relacional *honra* funda a construção simbólica dos gêneros, no que tem de mais impensado e naturalizado. A construção hegemônica dos valores masculino faz lembrar os padrões mediterrâneos da construção simbólica masculina em torno do desafio da honra do controle das mulheres e da disputa entre homens[...] o código relacional da honra exige responsabilidades recíprocas entre homens e mulheres, mas com tarefas diferenciadas nas suas funções de parceiros e no exercício da parentalidade. A posição de provedor parece ser a contrapartida da fidelidade sexual feminina. Parcela importante do núcleo da *honra do homem* depende da fidelidade da mulher e do seu estatuto de ser *respeitada*. (p.p51.52,53)

Ainda sobre as questões que evidenciam uma construção masculina, baseada em valores hegemônicos é possível compreender que o entendimento sobre as questões relacionadas aos fenômenos sociais desencadeados pelas relações de gênero apresentam-se como tomada de consciência nas narrativas dos rapazes mas ainda assim recorrem em diversos momentos a valores orquestrados pela lógica patriarcal, que aloca mulheres em lugares de submissão a partir de discursos de respeitabilidade, isso fica evidente quando os rapazes são questionados sobre a percepção deles a cerca de mulheres que transcendem as lógicas que as impõem violências estruturadas na manutenção da honra masculina.

Mesmo nas entre linhas é possível perceber o constrangimento de alguns deles, e a recorrência do termo respeito para balizar uma relação que nasce já condicionada por valores onde o gênero feminino carrega consigo toda dimensão contida na palavra honra, seja do seu esposo, pai ou qualquer figura masculina que faça parte do seu convívio social.

De modo que posso considerar que essas identidades masculinas são construídas com base em modelos de masculinidades, que tem em seu ordenamento padrões instituídos pela identidade colonial, sujeitos negros ainda possuem em seus atos performativos de gênero códigos nivelados pela normatividade heterossexual e patriarcalizada, o trabalho a constituição de família e

o carro fazem parte dos repertórios que representam a emancipação do sujeito masculino brasileiro, havendo cisão entre classes e condição racial, mas ambivalência na reprodução de valores e práticas hegemônicas, sustentadas pelo discurso da manutenção da família.

Há sem dúvida uma vasta literatura, que trata sobre os estudos de masculinidade que se construíram ao longo dos anos com base nos estudos feministas, mas acredito que aqui cabe ressaltar as contradições desse sujeito negro que considera, que suas identidades masculinas tem expectativas subalternizadas, como relata um dos entrevistados ao afirmar que a sociedade espera o “nada” deles enquanto homens negros, revelando o fracasso como uma característica que se atribui ao homem negro, exceto nas esferas que tratam da sua potência sexual ou da atividade físico braçal.

Reforçando o argumento acerca dos estudos de masculinidades subsidiando um debate com expoentes dos estudos de masculinidades negras no Brasil que tem construído reflexões que posicionam o sujeitos negro numa logica de desrepresentação de uma objetividade fixada pelo mundo colonial, desde os estudos de masculinidades negras por Osmundo Pinho aqui na Bahia, tratando sobre as questões da representação racializada construída para identidade do homem negro, sinalizando para uma emergência de estudos que como salienta Frantz Fanon pautem a representação objetiva de forma critica, de modo que possamos indagar o sujeito negro acerca da sua subjetividade, para além da corpo imaginado como animalesco. Em diálogo com reflexões citadas de FAUSTINO (2017) E RIBEIRO (2017), ao sistematizarem perspectivas que abordam os estudos sobre masculinidade negra.

A presente sistematização indica que as masculinidades negras podem ser reposicionadas como práticas complexas e polissêmicas, como processos sócio históricos ambivalentes, como relações de poder e práticas culturais contextuais, como processos de subjetivação multifacetados e como experiências tensas, difusas e diversas de socializações. [...]Precisamos suplantar as aparições coloniais que traficam a dicotomização, a parcialidade e a polarização na análise. Precisamos produzir narrativas rigorosas e não autoindulgentes sobre como nos tornamos homens e negros e simultaneamente, pensar sobre nós mesmos como múltiplos, instáveis, multifacetados, conflitivos, tensos e, certas vezes, paradoxais e com interesses politicamente contraditórios e dispares. (p.p176,177).

As considerações do artigo elabora um panorama, dos estudos de masculinidades negras, destacando diversas categorias abordadas, ao mesmo tempo que nos propõem compreender as narrativas do universo masculino negro por perspectivas que percebam o processo de reprodução de masculinidades normativas, como parte do processo estruturado de desigualdades que atuam sobre as identidades masculinas de homens negros, sem logicamente romancear esses processos de produção de identidades que procuram uma reprodução hegemônica como modo de emancipação, mas considerando as posições e condição de subexistência ou de não existência, que situa a condições de vida do homem negro. Nesta encruzilhada que é a existência e não existência negra me junto as vozes negras na busca de emancipação, que reconheça a materialidade racional do homem negro enquanto sujeito de consciência elaborada a partir das questões ontológicas fincadas no mundo africano e na sua negritude ainda que em meio ao caos que se estabelece no contexto das relações raciais. A indagação feita por essa investigação incorpora esse debate como expoente que se consolida trazendo para o tabuleiro, a categoria jovens homens negros rurais.

### 3.3 Projeções individuais como dispositivos de resistência

Essa última sessão tem objetivo discutir, como as narrativas dos rapazes entrevistados revelam o caráter de incertezas que impossibilita a construção de projetos de vida para jovens homens negros, tornando seus desejos de emancipação projeções individuais, sem nenhum amparo coletivo. Para isso eu utilizarei a perspectiva de trajetória individual e campo de possibilidades utilizada por Gilberto Velho, ao destacar que:

[...] os indivíduos moderno nascem e vivem dentro de culturas e tradições particulares como seus antepassados de todas as épocas e áreas geográficas. Mas de um modo inédito diferenciados e heterogêneos. Existe uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escala e extensão. Essa afirmativa vale mais como tendência geral que como uma tentativa de generalização dogmática. Por outro lado a construção de identidades básicas subordina-se a constelações culturais singulares e a conjuntos de símbolos delimitáveis. O que está e, jogo é um processo histórico abrangente e dinâmico das relações entre os sistemas culturais com repercussões na existência de indivíduos particulares. (p.39)

As questões que marcam as trajetórias individuais segundo autor, tem um caráter extensivo construído por símbolos que atuam na produção de identidades dos sujeitos, e que estes são vivenciados pela cultura e pelos seus antepassados, sendo essa uma característica que perpassa pela construção de projetos individuais de um modo geral e heterogêneo como parte dos processos efetivos da modernidade que elabora no ocidente uma ideologia individualista, com particularidades nos diversos sistemas culturais.

Ora é a partir dessas considerações que julgo a impossibilidade de uma efetiva construção de projetos de vida para jovens homens negros, e minha afirmação segue fundamentada pelo suporte teórico do conceito de anti negritude proposto por João Vargas, problematizado no segundo capítulo dessa dissertação, em conjunto com as observações empíricas e as narrativas que emergem a partir da indagação direcionadas aos jovens homens negros na localidade do Outeiro Redondo, sem negligenciar os números e taxas de homicídio, evasão escolar, e desemprego que compõem o cenário da experiência vivida de homens negros em todo Brasil.

Tendo em vista que essas trajetórias individuais são marcadas de modo de geral por questões que os alocam em representações coletivas, pois a condição racial define suas posições com base em símbolos objetivos que se expandem como uma característica geral e homogeneizante, o sujeito negro é compreendido como uma única coisa, imaginado por uma ótica corporal. Alinhado a esses argumentos, recorro as observações no campo, para justificar o argumento de impossibilidade de construções de projetos de vida para jovens homens negros, sinalizando para materialidade contida na reprodução social, que caracteriza a estrutura, nos termos definidos por GIDDENS (2000).

Neste sentido retomar esses pontos já descritos no primeiro capítulo ajudam-nos a compreender tal argumentação, sendo esses pontos que estruturam e delimitam para além do simbólico a possibilidade de construção de condutas organizadas com fins efetivos, caracterizadas como projetos, nos termos defendidos por VELHO (1994). Esses pontos que agora elenco como fatores justificáveis e que atestam minha indagação, apresentam-se desde a precariedade do acesso a educação de jovens homens negros numa localidade rural até a falta de densidade e direcionamento para formulação de projetos de vida por parte dos jovens rapazes, sem esquecer do aparato de violência racial que os cerca, esses fatores foram

percebidos pelo olhar antropológico desenvolvido pela etnografia, mas também nas vozes dos sujeitos, expressadas nas suas narrativas.

A escola é um ponto de acesso, de construção de conhecimento e de emancipação desses sujeitos, mas o acesso é negligenciado pelas esferas de governança, transferindo total responsabilidade para os sujeitos atuantes naquele contexto, onde professores engajados e alunos com suas projeções individuais resistem numa conjuntura que os empurra para o fracasso coletivo.

É nesta direção que chamo atenção para a real posição de jovens homens negros com base na investigação de seus cotidianos no contexto rural, evidenciando em termos de realidade vivida, as condições estabelecidas pela resistência, construída por campos de possibilidades onde segundo VELHO:

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos, a viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos da natureza e dinâmica do campo de possibilidades[...] Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio podem ser portadores de projetos diferentes até contraditórios (1994, p. 46, 47).

A interpretação para as definições que VELHO(1994) aborda sobre campo de possibilidades, pode ser exemplificada pela expressão da ruralidade dos jovens homens negros rurais em suas atividades do trabalho na terra para adquirir seus meios de transportes, como relata um dos informantes da pesquisa, e como os próprios rapazes também relatam durante as entrevistas, mas ao mesmo tempo eles também revelam que aquela mesma atividade utilizada como meio de assegurar seus desejos individuais tem uma carga de precariedade, e nos sinaliza que esse aspecto é muito mais coletivo que individual formando um campo de possibilidade restrito sem amplitude e pluralidade para os diversos sujeitos, pois ele não é utilizado com fins emancipatórios efetivos, as entrevistas revelam que esses sujeitos tem uma densidade de projeções maiores que suas possibilidades e por isso os sinais da resistência parecem de modo potente na consciência individual de cada um, a partir das suas narrativas. Neste cenário a escola aparece sendo parte desse campo de possibilidade que interage coletivamente, mas suas lacunas de desigualdade atuando de modos diferenciados, sobre as individualidades.

Por fim esse capítulo buscou, apresentar ao leitor a perspectiva de jovens homens negros rurais traduzida pelas suas próprias vozes numa relação dialógica entre o pesquisador e produção de conhecimento que essa junção produziu, enfatizando a validade analítica de uma categoria que emerge na relação no campo, buscando através dela adensar os estudos sobre juventudes negras rurais e contribuir para a ruptura de dicotomias que instituem lugares próprios para manifestações de certos fenômenos ao exemplo do racismo.

Ao afirmar que projeções individuais é o termo mais adequado para descrever a agência negra, a presente pesquisa aponta a partir da condição racial para as ações das desigualdades que atuam sobre sujeitos negros, onde a emancipação infelizmente não se estrutura coletivamente, mas apresenta-se como resistência individual, e aqui eu me indago como homem negro se essa emancipação enquanto individual consegue despertar para além da representação, formas coletivas e eficazes de existência, para população negra?

#### **4 CONSIDERAÇÕES: PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E APONTAMENTOS RELEVANTES**

Esta investigação, construiu uma abordagem com base na percepção de jovens homens negros rurais acerca de raça e racismo, e de como esses dois fatores de ordem estrutural atuam na construção de seus projetos de vida e suas identidades masculinas. Para tanto, o trabalho de campo e a perspectiva da antropologia crítica que fundamentou um panorama etnográfico, nos revelou a partir do cotidiano de jovens homens negros, estudantes do Anexo Escolar Outeiro Redondo na zona rural da cidade de São Félix – Ba, questões que possibilitaram produzir uma descrição fundamentada numa relação dialógica, onde a perspectiva dos sujeitos se estabeleceu como ponto central na construção da pesquisa.

Há sempre uma grande preocupação de que os resultados de uma pesquisa sejam respostas exatas, que apontem questões objetivas e respondam exatamente os pressupostos contidos nas hipóteses, indo de encontro a esse visão um tanto positivista e cartesiana, essa investigação apresenta ao leitor o que descrevi nas linhas iniciais dessa pesquisa, como panorama etnográfico que produzi em diálogo com os jovens homens negros rurais na escola.

Em diálogo com as narrativas produzidas pelos sujeitos da pesquisa, aponto as considerações que se apresentaram como fatores relevantes no decorrer da investigação, ao trazer o debate da questão racial para os estudos de juventudes rurais no Brasil, focando na centralidade da condição racial do sujeito negro, como problema de pesquisa, indagando sobre suas percepções, contextualizando com fatos do seu cotidiano, suscitando questões e reflexões que se acomodaram em forma de escrita.

A partir daqui, elencarei o que considero relevante para uma pesquisa de dissertação produzida em dois anos, ao mesmo tempo em que destaco elementos de uma produção de conhecimento que sinalizou e acena para um olhar decolonial, esse movimento que temos classificado como descolonização epistêmica, creio não caber a mim julgar se o fiz, mas sei que, o que fiz foi com base nas relações dialógicas produzidas no campo, entre sujeitos que me relataram suas percepções, onde pude observar estando entre eles por algum tempo, acredito que esse seja um dos fatores relevantes da pesquisa, com base na potencialidade empírica.

Começo a detalhar as considerações produzidas com a pesquisa, destacando a produção da categoria jovens homens negros rurais que produz uma crítica fundamentada aos estudos que mapeiam as categorias de produções acadêmicas sobre juventudes rurais no Brasil, revelando uma lacuna enorme de perspectivas que reconheçam raça como uma categoria abrangente e o racismo como um fenômeno que se manifesta de modo estrutural, para além de descrições de aspectos étnicos. Sinalizando para um apagamento da agência da população jovem rural negra como protagonistas, sendo invisibilizados pela condição racial.

Sendo essas algumas contribuições que emergem junto com a abordagem da categoria jovem homens rurais negros apontando para negligência dos autores, que se recusam a tratar da questão racial, nas suas abordagens sobre juventudes em contextos rurais, talvez por não reconhecerem que a posicionalidade negra e dos diversos sujeitos sociais não se constroem de forma homogeneizada.

A segunda questão considerável na pesquisa é a possibilidade de reflexão acerca do papel da escola na trajetória individual de jovens homens negros na Zona rural, apontando para o ambiente escolar como espaço de sociabilidade mas também de produção de identidades, que carregam consigo desejos e percepção de mundo diferenciadas, tornando a escola esse ponto de partida. Ao mesmo tempo que nos sinaliza para precariedade desses equipamentos de produção do saber, como forma de impedir que esses sujeitos se emancipem, uma ação que atua coletivamente na formação e na individualidade desses sujeitos, a pesquisa aponta que há muito mais resistência e persistência nos sujeitos sociais do Anexo Escolar Outeiro redondo, que possibilidades efetivas de emancipação possibilitadas pelo Estado.

O terceiro fator apontado pela pesquisa e que julgo de uma densidade construída com base em questões teóricas e empíricas, versam sobre a problematização sobre as possibilidades efetivas de construção de projetos de vida, para jovens negros, ao ponto que proponho uma substituição, do termo projeto por projeções, valorizando a cognição do sujeito e sua reflexividade, e proponho tal questão, após um vasto período de observação entre os jovens rapazes e a partir da insegurança nas suas narrativas quando indagados sobre seus projetos de vida, contudo, não quero desconsiderar a individualidade e o modo de agência de cada sujeito, mas, tratar dessa insegurança percebida de modos variados, como um conjunto de fatores que se coadunam produzindo cisões quase invisíveis.

É inegável reconhecer que alguns sujeitos negros no Brasil mesmo afetados pelos efeitos do racismo, constroem trajetórias individuais emancipatórias, talvez o argumento instaure uma atmosfera de tensão entre os que reconhecem que essa emancipação gere representatividade e que exerça esse significado que projeta formas negras possíveis de existir, e sobretudo, eu como homem negro, considero a luta negra e sua resistência, afinal tenho resistido e aponto as diversas formas de existir e resistir agenciada pela população negra, ao exemplo, das Yalórixas, nos terreiros de candomblé, dos trabalhadores e trabalhadoras negros rurais, dos intelectuais mulheres e homens negros que assumem o desafio de adentrar o mundo branco acadêmico, e de tantas mulheres negras que sustentam suas famílias trabalhando no serviço doméstico.

Esses apontamentos sustentam a argumentação da pesquisa que se junta a perspectivas outras, ao exemplo dos estudos sobre relações raciais, necropolítica, afro pessimismo e, aqui enfatizo uma, como o aspecto teórico que formulou algumas questões na pesquisa como já fora relatado, que diz respeito a anti negritude, construída sob a ótica de um mundo estruturado para posicionar pessoas negras na linha da subalternidade, de forma a estruturar campos diversos de desigualdades social para as suas existências .

Voltando aos apontamentos que abordei, sobre a resistência negra, ratifico minha argumentação, indagando sobre aqueles e aquelas que não tiveram a possibilidade de resistir como existência, e quais foram seus projetos de vida? Talvez não obtenha uma resposta objetiva sobre minha indagação, e como já relatei aqui, esse não é o sentido central de uma pesquisa que se apresenta como etnográfica, mas nos ajuda a pensar sobre a posição do sujeito negro na estrutura social e na escala hierárquica de poder. Pensar em projeções individuais de emancipação revelam um caráter de resistência de quem tem corpos semelhantes como seu, mortos todos os dias, e violentados pelo Estado que convive com a incerteza, com o medo e vigilância constante que tem nos olhos um horizonte da cisão diaspórica.

A presente investigação aponta para relevante análise para os estudos de juventudes rurais negras no Recôncavo da Bahia , por encontrar na posicionalidade desses sujeitos situados em uma região de passado escravocrata, influências de elementos étnicos, territoriais e culturais que perpassam suas experiências de modo coletivo e individual, que nos servem como modelo analítico para os estudos

relacionados ao projeto de exclusão negra na América Latina, sendo a colonialidade e a modernidade, bases para os desdobramentos de fenômenos estruturais como o racismo e a diáspora negra

Ficando evidente que projeções emancipatórias de jovens homens no contexto rural da localidade do Outeiro Redondo, tem inicialmente a escola como ponto de partida para a possibilidade de efetivação, mesmo que de forma precária, ao mesmo tempo que os sujeitos se confrontam com suas realidades individuais, onde o mundo do trabalho aparece como forma final de emancipação, tendo em vista um conjunto de dificuldades que se estruturam, fundamentados na precarização das políticas de acesso e na forma como a violência projetada pelas diversas expressões do racismo atinge esses corpos.

Esses apontamentos constroem um entendimento, que revela a complexidade da condição negra nos diversos contextos atingidos pela colonialidade, tornando a individualidade do sujeito negro complexa, questionável em alguns momentos e justificável quando seu corpo é acometido pela violência racial, a pesquisa adensa um debate a cerca da posição do sujeito negro como impossível de estruturar formas de existência sem a agência do racismo, revelando que a construção do ser dos sujeitos negros racializados, é uma experiência contínua de luta e complexidade existencial.

Por fim, sendo fiel a narrativa etnográfica que nos trouxe até aqui, gostaria de concluir com uma breve nota etnográfica sobre minha despedida da localidade do Outeiro Redondo.

*“Era quase dezembro, a pastagem estava verde após dias de chuva, eu ouvi de uma senhora que o clima anunciava o verão, já sentíamos o clima das festas de final de ano. Era perceptível no semblante dos professores e na inquietação dos estudantes, o cansaço do ano inteiro no vai e vem da sede para zona rural, eu me despedia saudosos, estava mais próximos dos rapazes, eu já não era um estranho, já dialogávamos, espero voltar para lhes apresentar o que escrevi nestes meses sobre este jovens, suas experiências, minhas percepções, as percepções deles, em mais uma tarde o ônibus seguiu pelas ladeiras e ribanceiras da estrada”.*

*Até logo!*

## REFERÊNCIAS

ALVES. Inimigo público: A imaginação branca, o terror racial e a construção da masculinidade negra em “Cidade de Deus”. In: PINHO, Osmundo e VARGAS, João H. Costa. **Antinegritude**: o impossível sujeito negro na formação social brasileira. Cruz das Almas: EDUFRB, Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

BARASUOL, Aline; DOULA, Sheila Maria; BOESSIO, Amábile Tolio. Jovens e juventudes em contextos rurais: produções científicas da pós-graduação brasileira (2010-2015). **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 239-262, maio/ago. 2017.

CLIFFORD, James e GONÇALVES, J.R.S. **A experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro, UFRJ. 1998.

CLIFFORD, James. Introdução: verdades parciais. In: CLIFFORD, J.; MARCUS, G.E.A. **escrita da cultura**: poética e política da etnografia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016.

DURKHEIM, Émile. 1858-19177. **A regras do método sociológico**. 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007. – (Coleção tópicos)

FANON, Frantz. **Pele Negra, mascaras brancas** / Frantz Fanon: tradução de Renato da Silveira, - Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Fred Igor Santiago. **Sou Sem Terra Sou Negão: raça, racismo e política racial no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. Ano de Obtenção: 2015. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Mestrado em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento. 2013 – 2015.

GEERTZ, Clifford. Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita. **Obras e vidas**: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. Pp.11-39.

\_\_\_\_\_. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das Culturas**. 1ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p.3-21.

GIDDENS, Anthony. (n.1938). **Dualidade da Estrutura**. Agência e Estrutura. Celta Editora. Oeiras, 2000.

GORDON, Lewis R. **Sex, Race, and Matrices of Desire in na Antiblack World**. En Her Majesty’s Other Children: Sketches of Racism from a Neocolonial Age (pp. 73-88). Lanham: Rowman e Littlefield.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. **Atlas da Violência. 2018**. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=33410&Itemid=432](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432). Rio de Janeiro, junho de 2018. Acessado em: 20 de setembro de 2019.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação:** problematização sobre a homofobia nas escolas. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LEITE, Ilka Boaventura (org.). Terras e Territórios de Negros no Brasil. **Textos e Debates**. Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas. Ano 1, n. 2, UFSC, 1991.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental:** um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. **Rev. de Antropologia**, v. 34. Pp.197-221, 1991.

MARTINS, Suely Aparecida. Juventude e Juventude do Campo: algumas considerações. **Rev. Faz Ciência**, v.9, n.9 Jan./jul. 2007, pp.237-256.

MBEMBE, Achille. NECROPOLÍTICA. Arte & Ensaios. **Revista do ppgav/eba/ufrrj**, n. 32, dezembro 2016. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. Acessado em: 20 de setembro de 2019.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Ruralidades: novos significados para o tradicional rural. In: **Dinâmicas do espaço agrário: velhos e novos territórios:** NEAG 10 anos. p. 179-189. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/157495>. Acesso em: 27 jan. 2019.

MENDES, J. T.N. **O projeto de vida dos jovens pobres na vivência do tempo presente**. Universidade Federal de Juiz de Fora-UFRF, Juiz de Fora, 2008.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 32 nº 94 junho/2017.

ORTNER, Sherry B. "**Subjetividade e crítica cultural**." Horizontes antropológicos 13.28 (2007): 375-405.

OYĚWUMI O. Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. OyèrónkéOyewùmí – Tradução: Leonardo de Freitas Neto (UFRB); Revisão da Tradução: Osmundo Pinho (UFRB) – p. 294-317. **Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais** | Vol. 1 – n. 2 – 2018

\_\_\_\_\_. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects. In: OYĚWUMÍ O. **The Invention Of Women – Making An African Sense Of Western Gender Discourses**. Minneapolis: University of Minnesota Press. 1997. Pp. 1-30.

PATTERSON, Orlando. **Escravidão e morte social**. São Paulo: EDUSP: 2008.

PINHO, Osmundo. **Etnografia e Emancipação: Desafios Antropológicos na Escola Pública**. Disponível em:

<[http://www.academia.edu/26063846/Etnografia\\_e\\_Emancipa%C3%A7%C3%A3o\\_Desafios\\_Antropol%C3%B3gicos\\_na\\_Escola\\_P%C3%BAblica](http://www.academia.edu/26063846/Etnografia_e_Emancipa%C3%A7%C3%A3o_Desafios_Antropol%C3%B3gicos_na_Escola_P%C3%BAblica)> Acesso em 07 de Jan. de 2019.

\_\_\_\_\_. **Etnografias do brau: corpo, masculinidade e raça na reafricanização em Salvador.** Revista Estudos Feministas, v. 13, n.1, pp. 127-145, 2005.

\_\_\_\_\_. **Qual é a identidade do homem negro?. Democracia viva.** n 22. Jun/jul. 2004.

\_\_\_\_\_. A pessoa do escravo: morte social e imaginários políticos da diáspora africana no Brasil. **Instituto Tepoztlán para la Historia Transnacional de las Américas, Conferência 2018** – “Vidas negras y muertes negras: Despojo, Desaparición, y Cercamiento”.

PINHO, Osmundo. VARGAS, João H. Costa. **Antinegitude: o impossível sujeito negro na formação social brasileira.** Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidad del poder y Clasificación social.** In: Castro-Games, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (eds). El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. FAUSTINO, Deivison Mendes Faustino. Negro tema, Negro vida, Negro drama: estudos sobre masculinidades negras na diáspora. **Transversos: Revista de História.** Rio de Janeiro, n. 10, ago. 2017.

SCHPUN, Mônica Raisa (org.). Masculinidades. in: MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidades e Violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea.** São Paulo: Boitempo Editorial: Santa Cruz do Sul, Edunise, 2004.

TORRES. N. M. **Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto.** In: Castro-Games, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (eds). El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

VARGAS, João Costa. Por uma Mudança de Paradigma: Antinegitude e Antagonismo Estrutural. **Revista de Ciências Sociais.** Fortaleza, v.48, n. 2, p.83-105, jul./dez., 2017.

\_\_\_\_\_. A diáspora negra como genocídio: Brasil, Estados Unidos ou uma Geografia Supranacional da morte e suas alternativas. **Rev. da ABPN,** v.1, n.2, jul.-out. de 2010, p.31-65.

\_\_\_\_\_. **Desidentificação: A lógica de exclusão antinegra do Brasil.** In: Osmundo Pinho e João Vargas (org). Antinegitude: o impossível sujeito Negro na formação social brasileira. Cruz das Almas. Editora UFRB. 2016, p 13 – 30.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1981.

\_\_\_\_\_. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas**. Jorge Zarrar Editor. 3º ed. Rio de Janeiro, 1994.

WASELFISZ, Jacobo. **Mapa da Violência contra os jovens do Brasil** / Julio Jacobo Waiselfisz. Rio de Janeiro: Garamond, 1998. 136p.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais**: mapas de estudos recentes. Brasília: MDA, 2005.

## GLOSSÁRIO

**Anexo Outeiro Redondo:** Desmembramento do Colégio Estadual Rômulo Galvão, que funciona na zona rural da cidade de São Felix.

**Baba:** termo utilizado para o jogo de futebol, que pode ser na quadra esportiva, campo de futebol ou até mesmo no espaço improvisado na rua ou terreno baldio.

**Baculejo:** ato de ser revistado por policiais militares ou outros agentes de segurança.

**Banda voou:** Termo utilizado no dialeto popular, na região do Recôncavo da Bahia, para descrever um sujeito ou sujeita que não está ai para nada, sem muitos compromissos, responsabilidade.

**Brancão:** aumentativo de branco, faz referência ao homem branco com poder.

**Brocão:** Termo para se referir a uma ação de violência deflagrada com as mãos tendo como exemplo, um tapa com certa intensidade.

**Compartimento das aulas:** Espaço físico fragmentado onde acontecem as aulas no anexo Outeiro Redondo.

**Os Homi:** Termo utilizado para se referir a policiais militares.

**Outeiro Redondo:** Zona rural da cidade de São Félix, a região faz divisa com município de Cruz das Almas, e Muritiba também próxima a diversos territórios remanescentes de Quilombo.

**Pelotões Alfa e Bravo:** Pelotões formados por militares com táticas especiais de ação.

**São Félix:** Cidade Irmã de Cachoeira, também banhada pelo rio Paraguaçu, a cidade tem um legado histórico na luta pela Independência da Bahia, e na expansão da cultura fumageira, na região.

**SONIT:** Setor de Operações e Inteligência da cidade de Cruz das Almas, no recôncavo.